TÂMARA HARUMI YAMAGUTE ROSA

**Juventudes e trajetórias de jovens populares urbanos:
autonomia, oportunidades sociais e acesso a direitos**

Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina
da Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Mestre em Ciências

Programa de Ciências da Reabilitação

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra Maria Galheigo

São Paulo

2018

TÂMARA HARUMI YAMAGUTE ROSA

**Juventudes e trajetórias de jovens populares urbanos:
autonomia, oportunidades sociais e acesso a direitos**

Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Mestre em Ciências

Programa de Ciências da Reabilitação

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra Maria Galheigo

São Paulo

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Preparada pela Biblioteca da
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

©reprodução autorizada pelo autor

Rosa, Tâmara Harumi Yamagute

Juventudes e trajetórias de jovens populares
urbanos : autonomia, oportunidades sociais e acesso
a direitos / Tâmara Harumi Yamagute Rosa. -- São
Paulo, 2018.

Dissertação (mestrado) -- Faculdade de Medicina da
Universidade de São Paulo.

Programa de Ciências da Reabilitação.

Orientadora: Sandra Maria Galheigo.

Descritores: 1.Adulto jovem 2.Educação 3.Trabalho
4.Autonomia pessoal 5.Biografia 6.Narração

USP/FM/DBD-074/18

Responsável: Kátia Maria Bruno Ferreira - CRB-8/6008

Dedicatória

Aos jovens que compartilharam suas histórias, pela coragem e pela incansável busca pela vida e suas mudanças.

Agradecimentos

Agradeço à Deus pela força e perseverança, à família pela paciência e cuidado.

Ao Marcos pela compreensão e companheirismo nos momentos difíceis. Pela mão, amor e cuidado com nossa filha Teresa, a quem agradeço por esperar e dividir essa experiência tão intensa no seu primeiro ano de vida.

À querida orientadora Prof^a Dra^a Sandra Maria Galheigo pela persistência, incentivo, pelo enorme carinho, respeito e apoio. Obrigada por tornar esse trabalho possível, por valorizar cada ideia e deixar as dificuldades mais leves.

Às professoras Fátima Correa Oliver, Marta Carvalho de Almeida e Carla Regina Silva, que compuseram a banca de qualificação e pelas preciosas contribuições.

Às colegas Cátia, Larissa, Priscila, Rejane e Aline, companheiras na difícil caminhada do mestrado, que dividiram experiências, angústias e conquistas, e sobretudo o encorajamento.

Ao Comec, onde tanto aprendi e continuo aprendendo a construir meu caminho profissional. Agradeço por ter possibilitado esta pesquisa. Que o compromisso com os adolescentes e a esperança pela vida continuem movendo esse lugar.

Agradeço especialmente aos jovens que compartilharam suas histórias de vida.

Esta dissertação está de acordo com as seguintes normas, em vigor no momento desta publicação:

Referências: adaptado de International Committee of Medical Journals Editors (Vancouver).

Universidade de São Paulo. Faculdade de Medicina. Divisão de Biblioteca e Documentação. Guia de apresentação de dissertações, teses e monografias. Elaborado por Anneliese Carneiro da Cunha, Maria Julia de A. L. Freddi, Maria F. Crestana, Marinalva de Souza Aragão, Suely Campos Cardoso, Valéria Vilhena. 3a ed. São Paulo: Divisão de Biblioteca e Documentação; 2011.

Abreviaturas dos títulos dos periódicos de acordo com List of Journals Indexed in Index Medicus.

Folha de aprovação

Yamagute Rosa TH. *Juventudes e trajetórias de jovens populares urbanos: autonomia, oportunidades sociais e acesso a direitos*. Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovada em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof(a) Dr(a).: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof(a) Dr(a).: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof(a) Dr(a).: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof(a) Dr(a).: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	1
1.1 Organização do trabalho.....	6
2. JUVENTUDES E TRAJETÓRIAS JUVENIS ENQUANTO UMA CONSTRUÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA: PERSPECTIVAS TEÓRICAS.....	8
2.1 Trajetórias juvenis para a vida adulta.....	9
2.2 Juventudes e trajetórias no Brasil: revisão da literatura.....	15
3.OBJETIVO.....	30
3.1 Objetivo Geral.....	30
3.2 Objetivos específicos.....	30
4. METODOLOGIA.....	31
4.1 História Oral: considerações sobre este recurso metodológico.....	31
4.2 Percursos da pesquisa.....	35
4.2.1 Participantes e esclarecimentos sobre sua seleção.....	35
4.2.2 O contexto da pesquisa: a cidade de Campinas, as Políticas para a Juventude, o Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas e seus programas.....	37
4.2.3 Procedimentos metodológicos.....	43
5. HISTÓRIAS DE VIDA.....	49
5.1 Minha vida começou bem e tava acabando já.....	49
5.2 Era melhor apanhar da minha mãe do que dos outros.....	64

5.3 Passarinho quando cria asa quer voar.....	73
5.4 Às vezes eu fico perdida, é bastante coisa que eu tenho que pensar.....	86
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	100
6.1 Percursos familiares e de vida, afetos e amizades sob a marca da vulnerabilidade social.....	100
6.2 A escola e suas (in) visibilidades	107
6.3 Trabalho formal, informal, legal e ilegal: fronteiras tênues no acesso ao trabalho	111
6.4 Vida, oportunidades sociais, interesses e projetos.....	118
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
8. ANEXOS.....	127
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	134

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Gustavo	49
Figura 2	Eu era goleiro antigamente	52
Figura 3	Aí me desvirtuei de novo, comecei a usar droga de novo	54
Figura 4	Paguei disciplina, rastelei, revoltado, machuquei minha mão	58
Figura 5	Acho que foi aí que minha vida tomou outro rumo	61
Figura 6	Minha vida não mudou mas tenho que ter mais responsabilidade	63
Figura 7	Daniel	64
Figura 8	Eu vi o que se passava do outro lado, ficar excluído	65
Figura 9	Sou motoboy, não sou habilitado	66
Figura 10	Fiquei firmão e voltei com ela	68
Figura 11	O que eu quero para mim?	70
Figura 12	Cleber	73
Figura 13	Minha história com a Ponte Preta	75
Figura 14	Entrei na Ecobier e estou lá até hoje	78
Figura 15	Fui ter essa liberdade depois dos 12 anos	81
Figura 16	Tamo junto	84
Figura 17	Mariana	86
Figura 18	Eu sempre gostei de estudar	88
Figura 19	Lá eu tenho saudades	90
Figura 20	Eu quero fazer História ou Letras	93
Figura 21	Aí os planos mudaram	96
Figura 22	Eu prefiro os jovens	99

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Identificação e seleção de artigos em periódicos na Biblioteca Virtual em Saúde e no Scielo, a partir de palavras-chave

Quadro 2 Artigos incluídos na revisão segundo autor, ano, periódico, objetivo, método e resultado

Quadro 3 Participantes da pesquisa de acordo com idade, inserção familiar, programa atendido, tempo de permanência na instituição e cumprimento de medida socioeducativa de internação

Quadro 4 Equipamentos de Assistência no município de Campinas, segundo tipo e número.

LISTA DE SIGLAS E ACRÔNIMOS

APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
BVS	Biblioteca Virtual de Saúde
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
COMEC	Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
DAS	Departamento de Assistência Social
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FEAC	Federação das Entidades Assistenciais de Campinas
FEBEM	Fundação Estadual do Bem-estar do Menor
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
GTI	Grupo de Trabalho Interinstitucional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LA	Liberdade Assistida
PCC	Primeiro Comando da Capital

PSC	Prestação de Serviços à Comunidade
PUCC	Pontifícia Universidade Católica de Campinas
REAJU	Rede Articula Juventudes
RMC	Região Metropolitana de Campinas
SAMU	Serviço de Atendimento Móvel de Urgência
SEADE	Sistema Estadual de Análise de Dados
SMCAIS	Secretaria Municipal de Cidadania, Assistência e Inclusão Social
UBS	Unidade Básica de Saúde
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

RESUMO

Rosa THY. *Juventudes e trajetórias de jovens populares urbanos: autonomia, oportunidades sociais e acesso a direitos* [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2018.

Este trabalho se baseia na perspectiva da juventude como construção social, compreendendo a trajetória para a vida adulta como processo não linear resultante dos diferentes modos pelos quais os jovens vivenciam suas experiências. O objetivo é conhecer a percepção de jovens populares urbanos de 18 a 24 anos sobre o processo de construção de sua autonomia e o acesso a oportunidades e direitos sociais, a partir do estudo de suas trajetórias de vida. Por meio da história oral de vida e temática, e da hermenêutica-dialética, são apresentadas narrativas de quatro jovens egressos de Programa de Aprendizagem Profissional e Programas de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto - Liberdade Assistida e Prestação de Serviços à Comunidade, do Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas - COMEC, partindo das perguntas disparadoras “Como tem sido a sua trajetória para vida adulta? Como a transição para a vida adulta se relaciona com sua história de vida? Você poderia contar sobre seus caminhos, suas escolhas, suas experiências (escola, trabalho, amigos etc), seus projetos?”. As análises das histórias indicaram quatro eixos temáticos: percursos familiares e de vida, afetos e amizades sob a marca da vulnerabilidade social; a escola e suas (in) visibilidades; trabalho formal, informal, legal e ilegal: fronteiras tênues no acesso ao trabalho; vida, oportunidades sociais, interesses e projetos; apontando para a relevância destes em suas trajetórias para a vida adulta, bem como a necessidade de se pensar alternativas que tragam oportunidades de se alcançar autonomia frente a complexa realidade contemporânea.

Descritores: adulto jovem; educação; trabalho; autonomia pessoal; biografia; narração.

ABSTRACT

Rosa THY. *Youth and popular urban young people trajectories: autonomy and access to social opportunities and rights* [dissertation]. São Paulo: “Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo”; 2018.

This study is based on understanding youth as a social construction, taking the trajectory to adulthood as a non linear process as the result from the different ways young people live their experiences. The aim is to study the perceptions of youth from age 18 to 24 years old about the process of autonomy and the access to social opportunities and rights through their life stories. By means of Oral Life History, Thematic Oral History, and Hermeneutic Dialectics methodology, narratives are here presented of four young people who were participants of The Occupational Apprenticeship Program and Social Educational Programs, namely The Assisted Freedom Program and Community Services for youth in conflict with the law from Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas - COMEC. The motivating questions were “How has happened your trajectory to adulthood? How does this transition to adulthood relate to your life story? Can you tell me about your paths, choices projects and experiences (school, work, friends etc)? The analysis of the stories indicated four main themes: family and life paths/affection and friendship under social vulnerability; the the (in) visibility of school; formal, informal, legal and ilegal work: the tenuous line in access to work; social opportunities, interests and projects. They show important features to transition to adulthood, as well as the need of alternatives that bring opportunities to autonomy taking into account the complex contemporary reality.

Descriptors: young adult; education; work; personal autonomy; biography; narration.

I. APRESENTAÇÃO

Iniciei minha trajetória como terapeuta ocupacional em 2004, no Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas - COMEC, no Programa de Aprendizagem Profissional (PAP) (Brasil, 2000), com a capacitação, inserção e acompanhamento de adolescentes no mercado de trabalho. Acompanhei muitas histórias de jovens e suas primeiras experiências formais de trabalho até 2012, quando o PAP encerrou. Deparei-me com muitos desafios nesses primeiros 8 anos de trabalho, tanto por estar aprendendo a ser terapeuta ocupacional e lidar com adolescentes que na época, eram apenas poucos anos mais jovens do que eu, como de me questionar inúmeras vezes se de fato, esses adolescentes teriam verdadeiras chances no mercado de trabalho após o término do contrato de aprendizagem.

Foram tantas as mudanças nas portarias que regulamentavam a Lei do Aprendiz - Lei 10.097/00, que, mesmo garantindo melhor qualidade ao PAP e direitos trabalhistas aos adolescentes, transformaram-no em mais exigente e seletivo. Ou seja, adolescentes em situação de vulnerabilidade social que não estivessem dentro da escolaridade exigida, ou que apresentassem um pouco mais de dificuldade de organização ou de articulação/comunicação, passaram a não se encaixar no perfil da aprendizagem profissional. A não aceitação de jovens do gênero feminino por algumas empresas pelo risco de gravidez, ou a recusa de jovens autores de ato infracional, mesmo que mantivéssemos sigilo em relação à medida, também se apresentavam como obstáculos importantes à inclusão no PAP. Afora, o permanente desafio de intermediação de situações conflituosas entre adolescente e empresa, as quais com frequência geravam desligamento do aprendiz, mesmo quando os profissionais do programa buscavam construir caminhos diferentes.

Assim, a contradição se fazia presente pelo fato de que o programa passava a adotar um perfil mais exigente de adolescentes enquanto que acontecia uma prática cada vez mais excludente das empresas, o que nos levava a questionar para quem o Programa de Aprendizagem era proposto. Obviamente que excelentes parcerias, que perduraram por anos, foram

também construídas durante o tempo de existência do PAP, podendo ser notadas nos processos educativos vividos por alguns adolescentes e pelas oportunidades que fizeram diferença em suas vidas. Vez ou outra, recebíamos notícias de jovens que já haviam terminado a aprendizagem. Alguns haviam sido efetivados nas empresas onde trabalhavam como aprendizes, outros cursando ensino superior, outros trabalhando sem vínculo e ainda os que nunca mais haviam conseguido trabalho.

Depois de dois anos afastada, retornei ao COMEC em 2014, especificamente para o projeto Ressignificando o Mundo do Trabalho - Adolescência e Medida Socioeducativa em Meio Aberto (Ressignificando), que consistia no desenvolvimento, implementação e reaplicação de tecnologias sociais com vistas à ressignificação do mundo do trabalho junto a jovens autores de ato infracional.

Tanto o PAP como o Ressignificando não tratavam apenas da inserção profissional de jovens, mas de lidar com a complexidade de suas histórias, que remetem aos desafios de ser jovem pobre, às dificuldades das relações familiares e escolares, aos conflitos cotidianamente vividos e à permanente busca por projetos de vida.

Atualmente, atuo como orientadora de medida no Programa de Prestação de Serviço à Comunidade - PSC. O Programa tem como objetivo acompanhar o adolescente e sua família no período de cumprimento da medida socioeducativa de PSC e possibilitar que, a partir de suas habilidades, o adolescente exercite a responsabilidade e cidadania através da efetivação da prestação de serviços. Isso também significa lidar com a complexidade das histórias dos jovens, com as frustrações frente as possibilidades que o mercado formal de trabalho lhes oferece, com os diferentes sentidos da educação em suas vidas, a relação com a família, com os amigos, com o território, e seus projetos de vida.

Tenho experienciado poucos adolescentes que cumpriram medida socioeducativa em meio aberto e que possuem vínculo de trabalho. Ao mesmo tempo, este tem sido o grande desejo da maioria dos adolescentes que tenho atendido. Dentre tantas dificuldades, tornam-se acessíveis apenas trabalhos como ajudante de pedreiro, lava rápido e borracharia; isto é, trabalhos precarizados, com baixo rendimento e, em sua totalidade, sem

vínculo. Há também outras questões que remetem aos problemas do sistema educacional brasileiro que colaboram para o não desejo de estudar do jovem, ou a dificuldade de vaga escolar para o adolescente autor de ato infracional, dentre tantos outros obstáculos encontrados para a permanência do adolescente na escola. Além de muitos outros lugares que o adolescente não pertence, há o risco de permanecer no universo infracional e de não conseguir construir trajetórias diferentes.

Nesse percurso pude notar constantes mudanças de planos e a incerteza presente em suas vidas, as situações de impasse em relação ao futuro, descritas por Pais (2009), nas quais as privações e precariedades que pautam suas trajetórias, não lhes permitem ter condições de alcançar independência econômica. Também pude notar momentos de mudanças, seja por escolha ou acidentalmente, mas que foram momentos importantes para o rumo que a vida estava tomando.

Essas experiências profissionais têm revelado a necessidade de maiores estudos, com o intuito de conhecer e refletir sobre como são construídas as trajetórias de jovens populares urbanos e quais os fatores que interferem nesses processos sob a perspectiva desses jovens.

Da minha experiência profissional algumas questões têm me desafiado: Como são percorridos esses caminhos para a vida adulta? Que fatores interferem? São escolhas? Oportunidades? Dificuldades? Por que adolescentes que estavam se desenvolvendo tanto na Aprendizagem Profissional não conseguem se inserir no mercado formal de trabalho? O que acontece no percurso da vida, que se toma uma direção ou outra?

A motivação desse estudo deve-se a algumas questões suscitadas pela minha experiência profissional, a qual possibilitou acompanhar histórias de vidas de jovens, seus diferentes percursos e as oportunidades e obstáculos que interferiram em suas trajetórias. O interesse pelo mestrado surge como uma oportunidade de deslocamento do papel de técnica para o de pesquisadora o que possibilita uma escuta dos jovens de outro lugar, bem como de percorrer novos caminhos, através da história oral, que constitui o recorte teórico-metodológico deste trabalho.

No papel de técnica era proporcionado um espaço no qual os relatos dos adolescentes eram pautados pela formalidade profissional, ou seja, havia

um modo de dizer, de se comportar e de nutrir expectativas, ou para alcançar um trabalho (no caso da aprendizagem profissional), ou diante do comportamento esperado para a extinção da medida socioeducativa (no caso da Prestação de Serviços à Comunidade).

Não que esses jovens não fossem espontâneos, mas já havia um papel esperado, o do jovem apto para trabalhar e garantir uma vaga em alguma empresa como jovem aprendiz, e do jovem que cumpriu a medida e já pode ser solicitada extinção, encontra-se inserido na escola, trabalhando e pensando um projeto de vida. Sendo assim, suas narrativas deveriam atender a estas expectativas institucionais, o que muitas vezes, impedia o jovem de trazer outras experiências de suas vidas, histórias que não estavam no “script”, permitindo compreender mais profundamente suas trajetórias.

O mestrado também poderá colaborar para a formação de uma postura mais embasada e crítica frente às atividades de formulação de políticas sociais a que os trabalhadores são com frequência convidados a participar, tal como o Grupo de Trabalho Interinstitucional (GTI) - *Juventude: uma política em construção*, do qual participo desde 2014 e que tem por objetivo contribuir para o aprimoramento das políticas públicas para a juventude no município de Campinas. Desde 2016 este grupo alterou o nome para Rede Articula Juventude (REAJU), o qual traduz melhor o seu trabalho.

A proposta deste estudo, portanto, é a de abordar jovens populares urbanos de 18 a 24 anos que participam ou participaram de projetos sociais de resgate da cidadania e conhecer sua percepção sobre o processo de construção de sua autonomia para a vida adulta e o acesso a oportunidades e direitos sociais, a partir das histórias que contam de suas trajetórias de vida.

As narrativas exercem papel fundamental para conhecer a vida dos sujeitos tal como compreendidas por eles próprios, “ao narrar sua vida, cada pessoa busca na memória os elementos que explicam e dão sentido às suas escolhas” (Magalhães, 2007, p.25). Compreender as experiências de vida desses jovens, a partir de suas narrativas torna-se elemento fundamental para a desconstrução de temas preconcebidos e para a abertura do que pode surgir desse processo. Ainda que se considere a importância do saber da experiência do campo profissional, são necessárias rupturas para que se

encontre o novo.

A narrativa permite conhecer a sabedoria do viver humano expressa pelos jovens e possibilita a apreensão da realidade e atribuição de sentido e significado da vida. “Narrar é compartilhar uma experiência e ofertar um saber tácito sobre o viver humano. O narrar é presentificar sabedoria. Sabedoria nada tem a ver com erudição mas com o fato de que alguém passou por inúmeras experiências - alegres, tristes, de dores ou de júbilos - e que encarna um saber a respeito da condição humana” (Safra, 2006, p. 29).

Ao narrarem suas histórias, é possível compreender como esses jovens percebem o mundo, como constroem suas experiências, dão sentido às suas escolhas e como tem sido suas trajetórias para a vida adulta. Mas não somente, essa construção também é histórica e social e depende do contexto onde estão inseridos.

Acredito que essa pesquisa também poderá colaborar com questionamentos e reflexões sobre as diferentes juventudes de Campinas, agregando elementos para o trabalho junto a jovens que participam de projetos de resgate da cidadania, para a participação em grupos de trabalho com vistas à construção de políticas sociais.

1.1 Organização do trabalho

Esta dissertação se inicia com uma breve apresentação dos caminhos profissionais que me trouxeram ao mestrado, bem como, as questões que foram suscitadas durante esse percurso e que se tornaram disparadoras para a construção deste trabalho.

Na parte 2 “Juventude e trajetórias juvenis enquanto uma construção sócio-histórica: perspectivas teóricas” abrange um breve panorama da construção histórica da juventude, a partir do reconhecimento de que a juventude é construída socialmente. No capítulo 2.1 “Trajetórias juvenis para a vida adulta” aponta para a compreensão da juventude no contemporâneo, partindo do princípio da não linearidade, de que há várias juventudes, a depender do contexto histórico social e que apenas a idade é insuficiente para se definir juventude. Sendo assim, as trajetórias para a vida adulta se dão de diversos modos. No capítulo 2.2 “Juventudes e trajetórias no Brasil: revisão da literatura” foi realizado um levantamento de publicações sobre o tema com o intuito de verificar o que se tem produzido para ampliar a compreensão acerca das trajetórias juvenis.

A parte 3 “Objetivos” apresenta os objetivos do trabalho e a parte 4 “Metodologia” traz a perspectiva metodológica para a realização do trabalho, especificando no capítulo 4.1 “História Oral: considerações sobre este recurso metodológico” os passos da metodologia em questão e 4.2 “Percursos da pesquisa” pontua a importância da narrativa para resgatar na memória experiências vividas e torná-las um saber sobre a condição humana. Este capítulo subdivide-se em 4.2.1 Participantes e esclarecimentos sobre sua seleção, que traz maiores detalhes sobre o perfil dos jovens entrevistados e como foram selecionados; 4.2.2 O contexto da pesquisa: a cidade de Campinas, as Políticas para a Juventude, o Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas e seus programas, que traz um panorama da cidade de Campinas, enfatizando as políticas para juventude e uma breve exposição sobre a instituição, na qual os jovens foram selecionados; e 4.2.3

Procedimentos metodológicos, que explica como a pesquisa combinou a história oral com o uso da fotografia.

Na parte 5 “Histórias de Vida”, são trazidas as narrativas de 4 jovens, portanto, dividida em quatro partes. Em 5.1 “Minha vida começou boa e tava acabando já” traz a história de Gustavo, jovem de 18 anos. No capítulo 5.2 “Era melhor apanhar da minha mãe do que dos outros” conta a história de Daniel, de 18 anos. Em 5.3 “Passarinho quando cria asa quer voar” traz a história de Cleber, de 23 anos e no capítulo 5.4 “Às vezes eu fico perdida, é muita coisa que tenho que pensar” é sobre a história de Mariana, uma jovem de 21 anos.

Na parte 6 “Resultados e discussão” foram realizadas as análises das histórias de vida, a partir de quatro temas, 6.1 Percursos familiares e de vida, afetos e amizades sob a marca da vulnerabilidade social, 6.2 A escola e suas (in) visibilidades, 6.3 Trabalho formal, informal, legal e ilegal: fronteiras tênues no acesso ao trabalho e 6.4 Vida, oportunidades sociais, interesses e projetos, de acordo com os aportes teóricos deste estudo.

As considerações finais e finalização do estudo serão seguidos da bibliografia e anexos.

II. JUVENTUDE E TRAJETÓRIAS JUVENIS ENQUANTO UMA CONSTRUÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA: PERSPECTIVAS TEÓRICAS

No Brasil, dada a significativa desigualdade social, estudar as trajetórias de jovens populares urbanos pode ser relevante para trazer subsídios para a formulação e implementação de políticas públicas e o desenvolvimento de tecnologias sociais e de cuidado a serem utilizadas por trabalhadores sociais e da saúde.

A juventude pode ser entendida formalmente como a transição entre a fase da infância e a fase adulta. Segundo o Estatuto da Juventude, Lei 12.852/2013, de 05 de agosto de 2013, são consideradas jovens as pessoas entre 15 e 29 anos (art.1º), sendo que, dos 15 aos 18 anos, aplica-se a Lei 8.069, de 13 de julho de 1990 – o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990).

Entretanto, pode ser insuficiente definir a juventude apenas pelo critério de idade, já que outros fatores, como as transformações biológicas, psicológicas, sociais e culturais também interferem no processo de ser jovem (UNESCO, 2004).

Para Bourdieu, "a juventude e a velhice não são dadas, mas construídas socialmente" (Bourdieu, 1983, p.152), ou seja, existe a questão sobre onde exatamente termina a juventude e onde começa a vida adulta, sendo complexas as relações entre idade social e biológica nas diferentes sociedades e culturas.

O autor ainda aponta que a idade pode ser um dado sociológico manipulado e manipulável, o próprio fato de se falar sobre a juventude como uma unidade, já demonstra certa manipulação. A demarcação etária traduz um jogo de lutas entre quem é incluído e quem é excluído da categoria, a fronteira entre a juventude e a velhice torna-se objeto de disputa das relações de poder. Faz-se necessário analisar as diferenças entre as juventudes, como uma realidade múltipla. Trata-se de considerar os papéis sociais e os significados atribuídos a juventude, como uma construção social e histórica, e

dinâmica. A juventude é só uma palavra? Bourdieu atenta para associações simplistas de manipulação da linguagem que encobrem realidades sociais distintas.

No campo da pesquisa, há que se considerar o conceito polissêmico, que resiste à redução a uma única definição (Weisheimer, 2013).

2.1 Trajetórias juvenis para a vida adulta

Segundo Pais (2003), a juventude é uma categoria socialmente construída e que está sujeita a mudanças ao longo do tempo e depende de circunstâncias políticas, econômicas e sociais. Para este autor, determinadas fases da vida são reconhecidas quando, em certos momentos históricos, essas fases são geradoras de problemas sociais. Se um conjunto de características afeta um número considerável de indivíduos de uma mesma geração, estas são incorporadas tornando-se modos de vida e apresentam-se como expressão de determinadas questões sociais e então, a atenção de poderes públicos é voltada para esse grupo. As medidas tomadas podem influenciar diretamente na vida cotidiana desses indivíduos e no “timing” das transições de uma fase para outra, como por exemplo, o retardamento ou ingresso mais rápido do jovem na vida ativa, através do prolongamento da escolaridade ou dos programas de formação profissional.

É importante destacar também que o termo adolescência foi se constituindo historicamente e que muitos estudos se voltaram para essa determinada fase da vida, na qual mudanças fisiológicas e psicológicas as diferem da infância, a puberdade. Há uma distinção conceitual entre os termos adolescência e juventude no Brasil, adolescência tem sido mais utilizado pelas áreas da psicologia e da saúde, referindo-se em especial pelos processos que perpassam nesta fase da vida, enquanto o termo juventude, mais utilizado por sociólogos, demógrafos e historiadores, referem-se à categoria social, como segmento da população, geração no contexto histórico e atores no espaço público. Apesar de aparecer em alguns

momentos como sinônimos, há autores que demarcam essa diferença (Takeiti, 2014). Ainda que a puberdade em si seja um processo biológico universal, para Pais (2003), a juventude apenas obteve atenção como fase da vida, a partir da segunda metade do século XIX, quando problemas relacionados a comportamentos identificados como cultura jovem, foram foco da preocupação de educadores e reformistas. Isso não quer dizer que antes disso os jovens não tenham existido, porém, não com a força de grupo social que hoje têm. Através dessa força, gostos, ideias e interesses se difundiram entre outros grupos.

Pais (2003) aponta duas tendências nas quais a sociologia da juventude tem pautado seus estudos. A primeira, denominada de corrente geracional, toma como o foco principal de análise a fase da vida e, parte do pressuposto de que há uma cultura juvenil específica, com anseios e buscas comuns. Aqui admite-se um caráter unitário da juventude e pressupõe-se que haverá oposição à cultura das gerações adultas, marcada por descontinuidades intergeracionais, rupturas ou crises. Toma-se por base a teoria das gerações e teorias da socialização desenvolvidas pelo funcionalismo, cuja problemática central é a reprodução social. Admite-se a existência de uma cultura juvenil bem como a cultura de outras gerações. Entretanto, os jovens vivem suas experiências no mundo como membros de uma única geração, onde as tensões próprias desta fase da vida são decorrentes de uma indeterminação de estatuto (do vir a ser).

A segunda tendência, a corrente classista, aponta que há culturas juvenis diversificadas a depender de situações econômicas, oportunidades sociais e interesses específicos. Segundo Pais, é pautada por desigualdades sociais, seja pela divisão sexual de trabalho, seja pela condição social, são culturas juvenis apresentadas como “culturas de resistência”.

Quando falamos de jovens de classe média, de jovens populares urbanos, de jovens casados, jovens solteiros, trabalhadores ou estudantes, estamos falando de juventudes não associadas a fase da vida, mas a processos socialmente construídos (Pais, 2003, p.42).

Aqui, as culturas juvenis retratam culturas de classe, representam

culturas de resistência que compartilham problemas de determinada classe social e que carregam significado político. As distinções simbólicas entre os jovens, seja no vestuário, linguagem, consumo, etc, são vistas como diferenças interclassistas e dificilmente como diferenças intraclassistas. Entende-se por esta corrente, que a “delinqüência juvenil” decorre da consequência de conflitos de classe, mas como forma de resistência aos valores da classe dominante.

Nesse sentido, há que se compreender a juventude na sua diversidade, constituída por diferentes modos de ser jovem, dando ênfase a noção de juventudes, no plural, tratando-se da condição juvenil. (Dayrell, 2007). Esta será a perspectiva adotada neste trabalho.

Dayrell, em seus estudos sobre o jovem como sujeito social, aponta que o indivíduo é ao mesmo tempo ser biológico e ser social, colocando-se no limite entre a natureza e a cultura, e que ambas influenciam-se mutuamente na produção humana. A constituição do ser humano dependerá tanto do seu desenvolvimento biológico, especialmente do sistema nervoso, mas também da qualidade das relações do meio social em que é inserido. Ainda assim, devemos levar em consideração quando o indivíduo “é proibido de ser”, quando se encontra em um contexto de privações, onde não lhe é permitido desenvolver suas potencialidades e viver plenamente sua condição humana. Destaca que não é que não sejam sujeitos em sua totalidade, mas sobrevivem com os recursos dos quais dispõem. E acrescenta que talvez estejam mostrando um jeito próprio de viver.

Para Dayrell, não se trata de determinar as fases da vida com começo, meio e fim, nem tampouco definir a juventude como período de transitoriedade. No contemporâneo, essas fronteiras entre as fases da vida estão cada vez menos perceptíveis e não cabem dentro de uma lógica linear. Segundo ele,

a adolescência não pode ser entendida como um tempo que termina, como a fase da crise ou de trânsito entre a infância e a vida adulta, entendida como a última meta da maturidade. Mas representa o momento do início da juventude, um momento cujo núcleo central é

constituído de mudanças do corpo, dos afetos, das referências sociais e relacionais. Um momento no qual se vive de forma mais intensa um conjunto de transformações que vão estar presentes, de algum modo, ao longo da vida (Dayrell, 2003, p.42).

Weisheimer (2013) ainda destaca que a transitoriedade está presente em todas as fases da vida, portanto, torna-se incompleta a definição de juventude como ideia de transição para a vida adulta. Se por um lado, a maturidade vai se construindo na passagem para a vida adulta, caracterizada pela saída da condição de estudante para a de trabalhador, e pela saída da família de origem para a constituição de uma nova família, por outro lado, há que se considerar as diferenças produzidas pelos contextos socioculturais onde os jovens estão inseridos.

Assim, o estudo das trajetórias juvenis requer compreendê-las em relação às modificações do tempo histórico bem como às transições singulares das histórias de vida dos sujeitos. Muitas vezes, na medida em que as trajetórias vão se construindo, há ritmos diferenciados na transição para a vida adulta, seja pela entrada antecipada do jovem no mundo do trabalho, por um filho que chega antes dos planos, pelas escolhas pessoais por ele realizadas ou por sua limitação de acesso a direitos. No caso de jovens em situação de vulnerabilidade social, o trabalho formal ou informal pode começar cedo, coexistir com a escola ou até resultar na interrupção dos estudos.

A transição do jovem para a vida adulta é frequentemente associada a um momento de escolhas, de elaboração de projetos de vida e de perspectivas de futuro. Entretanto, as trajetórias juvenis dependem do contexto social em que os jovens estão inseridos, e que podem se transformar a medida que estes amadurecem ou que novas possibilidades surgem (Dayrell, 1999). Ou seja, a trajetória de vida do jovem pode se transformar de forma planejada ou acidental, conforme a existência de oportunidades ou obstáculos sociais.

Ainda, um tópico importante, quando se estudam trajetórias juvenis no contemporâneo é compreendê-las em sua relação com o tempo e o lugar e seu constante processo de mudanças. O tempo no contemporâneo não é

necessariamente linear e não é coincidente com o tempo interno de cada pessoa. Melucci (2007) se refere ao tempo de duas maneiras, a primeira, comparada à máquina, por exemplo, o relógio, com medidas exatas, definidas pelo ciclo do dia e da noite; um tempo que não é regido pelas experiências pessoais. O outro modo tem caráter subjetivo e se refere a um fim. Ou seja, "existe (...) uma unidade e uma orientação linear do tempo; e o que ocorre nele, o que o indivíduo experimenta, adquire sentido em relação ao ponto final: todas as passagens intermediárias são medidas em relação com o final do tempo" (Melucci, 2007, p 34). Para o autor, há tempos diluídos ou concentrados, fragmentados ou muito difíceis de serem medidos, tendo-se em consideração a sociedade em que vivemos hoje, onde as informações e possibilidades de vida são muitas, as escolhas são reversíveis e as mudanças constantes. Para Melucci, as mudanças são uma característica estável do ciclo evolutivo dos indivíduos.

Na vida contemporânea, as transformações são frequentes e rápidas. A velocidade das informações e sua troca global pode trazer para os jovens uma relação com o tempo e o espaço, onde se misturam singularidade e universalidade. Os diferentes modos de ser e de viver, que acontecem em variados contextos sociais, culturais e políticos, acabam influenciando os processos identitários juvenis. Para Furlong e Cartmel (2007), o espaço perde o seu significado, já que a comunicação atravessa fronteiras por novos meios, tornando o lugar em "fantasmagórico" (Giddens, 1991 apud Furlong e Cartmel, 2007, p 143). Assim, ao mesmo tempo em que os jovens estão situados em um determinado território, seu acesso ao mundo, através da internet, por exemplo, pode lhes permitir uma compreensão, local e global, diferenciada da vida bem como um conjunto de novas aspirações e perspectivas.

Também é importante considerar que, com frequência se compreende a trajetória juvenil tomando-se como referência o mundo adulto. Dessa maneira, entende-se que ser adulto é o fim, o projeto futuro, perdendo sentido, as ações presentes (Dayrell, 2007). Esse modo de pensar faz com que o jovem seja visto de maneira negativa, como alguém que ainda não está pronto, e não a partir dos modos como constroem suas experiências.

No Brasil, segundo Dayrell, a incerteza está presente no cotidiano

dos jovens populares urbanos que, ao serem expostos a condições de vulnerabilidade, têm menores possibilidades de saber o que há por vir em suas vidas.

Para a grande maioria desses jovens, a transição aparece como um labirinto, obrigando-os a uma busca constante de articular os princípios de realidade (que posso fazer?), do dever (que devo fazer?) e do querer (o que quero fazer?), colocando-os diante de encruzilhadas onde jogam a vida e o futuro (Pais apud Dayrell, 2003).

Ainda, outro tópico a destacar refere-se a ideia de que tornar-se adulto é atingir autonomia de vida e estabilidade, pois, segundo Weisheimer, “com o desemprego tornando-se cada vez mais uma categoria estrutural da subordinação do trabalho ao capital, reduzir a condição de adulto à autonomia financeira implicaria considerarmos que esta poderá nunca se realizar para parcelas cada vez maiores da humanidade, que não conseguem se inserir no mercado de trabalho (Weisheimer, 2013, p.100). Ou ainda, que se faça de muitas idas e vindas, conforme nos aponta Pais, o efeito da geração “yo-yo”, referindo-se a esse processo de reversibilidade e inconstância.

Conhecer as trajetórias juvenis traz elementos para poder compreender quais os caminhos que os jovens têm identificado como possíveis de percorrer e em que contextos eles ocorrem. Há uma dupla tensão nesse percurso, no sentido de, ao mesmo tempo em que esses jovens devem se tornar responsáveis e autônomos, a própria realidade em que se encontram, muitas vezes não os permite. Como já dito anteriormente, também não se trata de um processo linear e constante, mas, ao contrário, de idas e vindas, de frequentes mudanças, de movimento, além de representarem a reprodução de estruturas e processos sociais. Essas formas de compreender modos singulares de vida e de experiências dos jovens, de sua heterogeneidade, faz-se necessária dada a diversidade de condições de inserção social que configuram a sociedade.

Segundo Pais, “não há uma forma de transição para a vida adulta: haverá várias, como várias serão as formas de ser jovem (segundo a origem

social, o sexo, o habitat, etc.) ou de ser adulto” (Pais, 2003, p.44). O entendimento de transição como processo biográfico coloca o jovem como ator principal desse processo, compreendendo a transição a partir de uma perspectiva microssocial, mas que está diretamente ligada ao macrossocial, já que está sujeita às condições sociais, aos tempos históricos e à diversidade cultural.

Para Thomson (2007), o processo de contar as histórias pessoais para os outros e para si mesmo, é fundamental para a construção de um projeto autorreflexivo. O uso de narrativas permite a invenção e reinvenção de si mesmo e pode possibilitar a própria transformação de sua vida.

2.3 Juventudes e trajetórias no Brasil: revisão da literatura

Com fins de revisão de literatura sobre a temática das trajetórias de jovens populares urbanos no Brasil, foi realizada pesquisa através de levantamento nas bases de dados Scielo e Biblioteca Virtual de Saúde – BVS, que congrega várias bases de dados de periódicos da área da Saúde. Foram utilizadas as palavras de busca: trajetórias juvenis; trajetória juvenil; juventude AND trajetória; juventude AND trajetória de vida sem restrição de data de publicação. Os critérios de inclusão e exclusão dos artigos tiveram como base selecionar aqueles que tratavam das trajetórias de jovens populares urbanos no Brasil, em faixa etária próxima a estudada nesta pesquisa, isto é, de 18 a 24 anos.

No processo de revisão da literatura (Quadro 1), foram identificados um total de 131 artigos sendo 93 pela BVS e 38 no Scielo. Após a leitura dos resumos, foram selecionados 32 artigos, e após a leitura integral do texto, foram escolhidos 11 artigos relevantes sobre trajetórias de jovens populares urbanos para compor esta revisão de literatura.

Quadro 1 – Identificação e seleção de artigos em periódicos na Biblioteca Virtual em Saúde e no Scielo, a partir de palavras-chave

Artigos em periódicos						
Palavras-chave	Identificados		Selecionados pelo resumo		Selecionados após leitura do texto	
	BVS	Scielo	BVS	Scielo	BVS	Scielo
Trajetórias juvenis	17	5	10	2	2	1
Trajetória juvenil	3	7	3	0	0	0
Juventude AND trajetória	36	26	3	3	0	1
Juventude AND trajetória de vida	37	1	11	0	7	0
Total parcial	93	38	27	5	9	2
TOTAL	131		32		11	

A caracterização dos artigos incluídos na revisão de literatura, vide Quadro 2, aponta que a produções são distribuídas entre 2004 e 2016, mostrando que a temática das trajetórias juvenis é recente e de interesse das áreas de conhecimento das humanidades e da saúde. Dos 11 artigos, 6 foram publicados em periódicos de psicologia, 2 em periódicos da área de saúde, 1 em periódico da antropologia e 2 em periódicos com propostas interdisciplinares, sendo um na interface educação-saúde-comunicação e o outro na interface psicanálise-cultura. Dos 11 artigos, 2 tinham autores terapeutas ocupacionais

e um foi realizada com jovens do Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas, (COMEC), que foi também local de estudo deste trabalho de mestrado .

Em relação aos grupos populacionais participantes das pesquisas, dos 11 artigos, 6 se referem à trajetória de vida de jovens cumprindo medidas socioeducativas, 2 são relacionados à trajetória de vida de jovens que participaram de programas de aprendizagem profissional, 2 à trajetória de vida de jovens em situação de rua e um que aborda os percursos de entrada e saída de jovens populares urbanos no tráfico de drogas.

Quadro 2 – Artigos incluídos na revisão segundo autor, ano, periódico, objetivo, método e resultado

Nº	Autor	Ano	Periódico	Objetivo	Método	Resultado
1	Dell Aglio et al.	2004	Interação	Investigar a trajetória de vida de jovens em MSE para compreender seu desenvolvimento e sua exposição a fatores de risco.	Entrevista semi estruturada com 50 adolescentes do sexo feminino, de 13 a 20 anos, que cumpriam MSE em órgão governamental em Porto Alegre, RS. Análise a partir de Bowlby.	Os resultados apontaram a ocorrência de repetidas rupturas nas relações com os cuidadores e violência intra e extra-familiar. Conclui-se que a falta de estabilidade e a fragilidade dos vínculos estabelecidos durante o desenvolvimento, assim como os demais eventos estressores vivenciados, podem estar associados à manifestação dos comportamentos desadaptativos destas adolescentes e podem ser entendidos como facilitadores para a entrada na vida infracional.
2	Gomes; Conceição	2014	Psico Est	Compreender os sentidos atribuídos por adolescentes que cumpriam MSE de LA às trajetórias de vida e ao envolvimento com infrações à lei.	Pesquisa-intervenção a partir de realização de sociodramas semanais com 21 adolescentes da comunidade que cumpriam MSE de LA, de 15 a 20 anos, dos quais 18 eram do sexo masculino. Análise com base no modelo construtivo- interpretativo de González-Rey, à luz do aporte teórico da Psicossociologia.	No processo de diálogo com as histórias de vida construídas, foram identificadas três zonas de sentido: “Parecia uma vida fácil”; “Minhas tábuas de salvação”; “O crime não compensa”. A pesquisa possibilitou que os adolescentes refletissem sobre o passado, o presente e o futuro e servissem de incentivo para novos projetos de vida. Para eles o passado, associado a erros cometidos, deve ser esquecido; o presente configura-se como um tempo de moratória e de culpa; e o futuro é idealizado com resoluções mágicas dissociadas das ações do presente. Conclui que os métodos soci-onômico e de história de vida favore-

						ceram a produção de sentidos pelos adolescentes e que a pesquisa - intervenção junto a jovens em MSE pode ser um recurso potente para re-construírem projetos de vida.
3	Malfitano et al.	2008	Interface	Traçar uma análise das manifestações particulares da trajetória individual de uma jovem, acompanhada por 4 anos em serviços sociais , em diálogo com os elementos presentes na vida de jovens de grupos populares.	Pesquisa etnográfica a partir de acompanhamento da trajetória de uma jovem por quatro anos em sua passagem por serviços sociais de atenção à infância e à juventude, bem como da saúde mental.	A história de vida estudada aponta para a fragilidade no acolhimento do sofrimento social, ainda após a implementação do ECA. O estudo articula a história da jovem e sua passagem por vários serviços sociais, apontando as contradições sociais, marcadas pela desigualdade socioeconômica e os paradigmas de assistência pautados na doença, cujos efeitos, como a conduzem a um caminho de sofrimento e impedem a construção da autonomia para a fase adulta. Sua história revela a contradição entre a necessidade de atenção, a presença de um sofrimento, o abandono familiar, e a resposta institucional baseada em um suposto distúrbio que a mantinha sob cuidados. O artigo defende a articulação

						das políticas sociais - saúde e esfera social - a partir de uma compreensão ampliada dos problemas sociais - para a assistência às situações de sofrimento.
4	Matsukura et al.	2013	Mundo Saúde	Identificar, sob a perspectiva de jovens do sexo feminino em MSE , as situações estressoras ou de suporte que identificam em suas trajetórias de vida.	Entrevistas semi estruturadas com 6 adolescentes do sexo feminino em MSE entre 15 e 17 anos, analisadas a partir do Discurso do Sujeito Coletivo.	A pesquisa aponta que os resultados confirmam a literatura acerca dos fatores de risco para o envolvimento de jovens adolescentes em atos infracionais (pouca coesão familiar, relacionamentos afetivos conturbados, ruptura de vínculos, violência intrafamiliar, uso de drogas, influência de pares, descrença na realização dos próprios sonhos). Aponta ainda a necessidade de serviços públicos de educação, saúde, cultura, esporte e lazer de qualidade.
5	Ogido; Schor	2008	Saúde Soc	Descrever e interpretar projetos de vida de adolescentes que se tornaram mães , entre 15 e 18 anos de idade, participantes de um programa de educação para o trabalho , no intuito de identificar o sentido da vida profissional em suas trajetórias, antes e com a maternidade.	Entrevista qualitativa com 8 adolescentes do sexo feminino, com idades entre 15 e 18 anos durante programa de educação para o trabalho. Foi adotada a Análise de Discurso, baseada em Orlandi; Caregnato e Mutti; Rocha e Deusdará.	A pesquisa identificou 3 categorias em seus resultados, a saber: 1. Projeto de vida antes da maternidade: estudo, trabalho; 2. Projeto de vida com a maternidade e vivência da maternidade na adolescência: estudo, trabalho, inserção no mercado de trabalho com filhos, rede de apoio (familiar, social) para o exercício da maternidade e 3. Gênero e divisão de trabalho: papel da mulher no mundo atual, divisão das tarefas domésticas. As jovens participantes tinham planos de continuar estudando, entrar na faculdade e conseguir melhores oportunidades de trabalho, mas, até o momento da entrevista, nenhuma cursava faculdade. Das jovens entrevistadas, três não chegaram a trabalhar, 2 estavam

						desempregadas e 3 estavam em trabalhos precários e apenas 1 estava em trabalho condizente com sua preparação no programa. preocupações relativas a como preparar-se e inserir-se no mercado de trabalho, com a falta de perspectivas para os jovens. O estudo aponta a carência de infraestrutura para mulheres com filhos trabalharem, as dúvidas e inseguranças de jovens adultos frente ao seu futuro. O artigo discute que a maternidade na adolescência, desemprego, desigualdade entre homens e mulheres são questões que necessitam ser tratadas de modo ampliado e contextualizado, evitando-se o equívoco de atribuir a responsabilidade aos próprios indivíduos. Tais condições requerem adaptações e apoio da rede de apoio familiar e social bem como de políticas públicas para a inserção da jovem mãe no mercado de trabalho e para serviços de apoio, como creches. Indica ainda a necessidade de mudança nas relações de gênero, com maior igualdade de direitos.
6	Paludo; Koller	2005	Psicol Teor Pesq	Descrever o processo de resiliência na trajetória de vida de uma adolescente em situação de rua .	Estudo de caso de uma adolescente de 14 anos, em situação de rua, por meio de entrevista semi-estruturada, analisada a partir da perspectiva ecológica de Bronfenbrenner, que permite identificar e avaliar aspectos evolutivos relacionados ao contexto, processo, tempo e as	Os fatores de risco e proteção foram discutidos nos diferentes níveis propostos pela abordagem ecológica, identificando as principais características individuais que colaboraram para a construção do processo de resiliência da jovem. Em relação ao processo, foram discutidas a coesão institucional e as

					características da pessoa.	<p>estratégias de superação nos diferentes contextos. A pesquisa mostra que o processo de resiliência foi favorecido pela rede social de apoio, bem como a relação da jovem com pessoas significativas e sua possibilidade de identificar suas próprias potencialidades e limitações no cotidiano.</p> <p>A pesquisa propõe que seja utilizado um novo olhar sobre a realidade daqueles que se encontram em situação de rua, respeitando os processos de desenvolvimento envolvidos, e os recursos internos e externos por eles utilizados a fim de sobreviver e se desenvolver, de modo a se reconhecer a potencialidade dos seres humanos em superar as adversidades.</p>
7	Ramos	2011	Trivium	<p>Discutir as mudanças na cidade, pela crise do mercado de drogas e pela implantação de Unidades de Polícia Pacificadora. Compreender os percursos de jovens que entram e saem do tráfico de drogas à luz das teorias contemporâneas sobre trajetórias juvenis.</p>	<p>Pesquisa quantitativa e qualitativa por meio de grupos focais e entrevistas realizadas em 3 fases: com jovens e moradores de favelas em 2008; entrevistas e interlocuções durante a implantação de UPPs Sociais em 9 favelas do Rio de Janeiro em 2010; e entrevistas com ex traficantes que acabaram de deixar o tráfico em meses recentes.</p>	<p>A pesquisa sugere que é necessário compreender as trajetórias de jovens que se envolvem com o tráfico de drogas baseando-se nas teorias contemporâneas sobre trajetórias juvenis. Os resultados apontam que após considerações generalizadas sobre as razões pelas quais adolescentes buscam o caminho do crime, as histórias apresentam resultados contraditórios: um mesmo fator pode ser entendido como motivador ou como desincentivo à entrada no tráfico, seja necessidade financeira, violência familiar, busca de visibilidade e valorização e poder. Os autores apontam a necessidade de cau-</p>

					<p>tela na análise das trajetórias juvenis buscando dar nexos a histórias de vida na forma de causas e efeitos, já que muitas vezes, as explicações são baseadas na suposição do entrevistado sobre o que o entrevistador desejaria ouvir. Nesse caso, são comuns as narrativas marcadas por clichês. Faz sua discussão a partir das proposições do sociólogo português José Machado Pais para quem as trajetórias juvenis contemporâneas assumem estruturas labirínticas, onde caminhos podem ser abandonados e retomados, ou opções distintas podem ser exploradas simultaneamente. Assim, defendem que deve-se procurar menos as causalidades, e as relações causas e efeitos, como se pudessem ser previstas e onde um antes leva-se ao depois.</p> <p>A pesquisa identificou que a entrada no tráfico pode ser uma das experiências do jovem e se o jovem vive em um território onde as armas e grupos criminais estão próximos, o ingresso no tráfico pode ser uma das experiências e possibilidades. Ao final, os autores afirmam que embora haja a necessidade de projetos sociais, melhoria das escolas, criação de empregos, ampliação de alternativas profissionais, programas de bolsas, iniciativas culturais, estas não são suficientes. Defendem que é imperioso reduzir a presença dos grupos armados nas favelas, diminuir a presença das armas, das munições, do mando de</p>
--	--	--	--	--	---

						“donos” que fazem da violência uma cultura, uma regra local, uma lógica interpessoal.
8	Sento-Sé; Coelho	2014	Horiz An- trop	Discutir as correlações dos vínculos familiares, inserção escolar e perspectivas de futuro com envolvimento de jovens com a violência, por meio de estudo comparativo de relatos de trajetórias de jovens em cumprimento de MSE; inseridos em escolas públicas; e afastados de qualquer vínculo institucional	Entrevista em profundidade com 45 jovens de ambos os sexos, inseridos no sistema escolar público ou cumprindo medidas socioeducativas ou que sem qualquer vínculo institucional, partindo das questões disparadoras: como é sua família? Como foi sua trajetória escolar? Qual a relação que sua família mantém com sua escola? Quais são seus planos para o futuro? O que você pensa da violência urbana?	O artigo apresenta, em relação às trajetórias de jovens não institucionalizados, a análise de seus vínculos, inserções e pertencimentos organizados em quatro eixos: Os jovens e suas famílias; Os jovens e suas redes: escola, trabalho, comunidade; Projetos versus sonhos: concepções de temporalidade e causalidade; Experiências e percepções da violência. Discute a própria noção de trajetória expressada por estes jovens que a narram sem preocupações com cronologias oficiais, fazendo uma equivalência entre “sonho” e “projeto”. O artigo compara estes resultados aos dos jovens em MSE e em escolas públicas. A pesquisa questiona assim o paradigma da associação da fragmentação familiar, do fracasso escolar e das baixas perspectivas de futuro a comportamentos criminais. As análises dos grupos de jovens em MSE e sem qualquer vínculo institucional apontam para trajetórias marcadas por mobilidade na composição do grupo familiar, desencanto pela escola, projetos de futuro dissociados da realidade, que se traduzem mais como sonhos do que projetos. Já a análise do grupo de jovens escolarizados, as famílias, apesar de não manterem um padrão em sua configuração, percebe-se que não

						<p>apresenta mudanças ao longo da trajetória. As lembranças da escola se relacionam a projetos acadêmicos de sucesso e há uma aproximação da família com a escola.</p> <p>A reflexão aponta para a possibilidade de um modo conservador em que a pesquisa tenha se desenhado, encontrando resultados já esperados.</p>
9	Silva; Mayorga	2016	Psicol Soc	<p>Discutir as experiências nos aspectos individual, coletivo, profissional, geracional e de classe social, vivenciadas por jovens pobres que participam de programas de aprendizagem profissional.</p>	<p>Pesquisa interação, em 4 etapas. A primeira contou com a participação em 10 reuniões mensais com instituições que desenvolviam Aprendizagem Profissional em Belo Horizonte. A segunda etapa foi a de caracterização dessas instituições. A terceira etapa se deu pelo contato com as instituições e grupo de discussão com 10 representantes de instituições. Na quarta etapa foram realizados grupos de discussão com 11 jovens aprendizes de ambos os sexos e diferentes instituições.</p>	<p>As análises da pesquisa indicam que as hierarquias produzem lugares de subordinação para os jovens dentro das instituições de formação, nos locais de trabalho e na sociedade, prevalecendo a invisibilidade e a perpetuação dos lugares de pobreza.</p> <p>As instituições de Aprendizagem Profissional lidam com o direito do jovem à profissionalização, mas expressam uma noção naturalizada de jovem carente, produzindo a lógica da salvação. Por outro lado, os jovens indicam o desejo de uma formação mais técnica, expressando a necessidade de que o trabalho presente contribua para a sua formação.</p>
10	Siqueira; Tavares	2013	Est Pesq Psicol	<p>Discutir os processos de subjetivação que compõem a trajetória de um adolescente que passou por MSE de LA e PSC no Município de Vitória/ES.</p>	<p>História Oral com jovem egresso de MSE de LA e PSC, por meio da trajetória de vida e da cartografia.</p>	<p>A pesquisa aponta que os programas governamentais que atendem a juventude pobre limitam os modos de vida, podendo até produzir subjetividades criminosas, dada a realidade em que nos deparamos com a violência, medo, insegurança. Exemplo disso estão situações que demarcam o risco: no encaminhamento da escola para</p>

						atendimento psicológico, ou quando o profissional reforça ações punitivas, evidenciando uma trajetória predeterminada. Ainda assim, aspectos da trajetória de vida do jovem, apontam para escapes e resistências.
11	Souza; Menezes-Santos	2010	Pesq Prát Psicossoc	Refletir sobre a trajetória e o processo de afastamento de práticas infracionais de um adolescente de que cumpriu MSE em meio fechado e em meio aberto de LA , em Macaíó	Entrevista narrativa com jovem de 16 anos, indicado pela instituição onde cumpriu MSE de LA e havia finalizado MSE de privação de liberdade há 9 meses.	Esta pesquisa revela que o processo de viragem na trajetória do adolescente e seu afastamento das práticas infracionais ocorreu através de reflexões sobre situações vivenciadas no momento em que estava em privação de liberdade. Tais situações foram dolorosas para o adolescente, como ficar longe dos pais, medo de ser abandonado e de morrer, o que contribuiu para que repensasse sobre sua trajetória e construísse novos projetos de vida.

Código: **Periódicos:** **Interação** - Interação em Psicologia; **PsicoEst** - Psicologia em Estudo; **Interface** - Interface Comunicação, Saúde e Educação; **Mundo Saúde** - O Mundo da Saúde; **Saúde Soc** - Saúde e Sociedade; **Psicol Teor Pesq** - Psicologia: Teoria e Pesquisa; **Trivium** - Trivium: estudos interdisciplinares psicanálise e cultura; **Horiz Antrop** - Horizontes Antropológicos; **Psicol Soc** - Psicologia & Sociedade; **Est Pesq Psico** - Estudos e Pesquisas em Psicologia; **Pesq Prát Psicossoc** - Pesquisas e Práticas Psicossociais. **Outros:** **ECA** - Estatuto da Criança e do Adolescente; **MSE** - medidas socioeducativas; **LA** - Liberdade Assistida; **PSC** - Prestação de Serviço à Comunidade.

Os artigos apresentados diversificam-se com relação aos seus objetivos, ainda que se tratando de estudar as trajetórias juvenis. Os objetivos indicam preocupações em compreender: a exposição de jovens a fatores de risco, a situações estressoras ou de suporte; seu envolvimento com o universo infracional, dentre o qual, o tráfico de drogas; os processos de resiliência; e os projetos de vida ou as experiências de vida dos jovens.

Todos os artigos utilizam metodologia qualitativa, sendo um misto ao compor com estudo quantitativo. Os estudos utilizando-se de desenhos de pesquisa variados tais como história oral, estudo de caso, cartografia, discurso do sujeito coletivo, pesquisa intervenção, pesquisa etnográfica e pesquisa interação. Alguns destacam o uso de recursos metodológicos como o sociodrama, o grupo focal e entrevistas, podendo ser estas semi-estruturadas, em profundidade ou narrativa

As análises produzidas nos estudos adotam perspectivas e referenciais teóricos distintos, tendo sido destacados em alguns artigos autores como Bowlby, Gonzalo-Reys e Bronfenbrenner, para citar alguns. Apesar de todos se referirem à trajetória de vida dos jovens estudados, apenas 2 artigos declararam trabalhar com o tema da trajetória de vida juvenil em uma perspectiva não linear, com base nos estudos de José Machado Pais.

Os resultados apontam, nas trajetórias dos jovens estudados, que as rupturas familiares e fragilidades nos laços sociais e nos serviços de proteção à juventude contribuem como facilitadores para a entrada no universo infracional, a entrada no tráfico de drogas e a o viver em situação de rua. Destacam, portanto, a necessidade de serviços públicos de saúde, educação, cultura, esporte, lazer de qualidade e de sua articulação intersetorial (Dell Aglio et al., 2004, Matsukura et al., 2013, Santo-Sé e Coelho, 2014; Malfitano et al. 2008). No entanto, também advertem sobre o risco desses mesmos serviços produzirem iatrogenia e medicalização dos problemas sociais (Malfitano et al. 2008). Mas, como critica Ramos (2011), ao se basear em Pais (2001), não é suficiente compreender trajetórias como relações de causa e efeito, pois estas assumem estruturas labirínticas nas quais os caminhos podem ser abandonados e retomados e opções distintas podem ser exploradas concomitantemente

Assim, os mesmos motivos que podem ser facilitadores para a entrada no tráfico, também podem funcionar como inibidores, por exemplo, o jovem pode não querer repetir a história de um familiar e por isso expressa o desejo de não se envolver com o crime (Ramos, 2011).

Alguns estudos, no que se refere aos modos como os jovens falam de seus projetos de vida, revelam a idealização e a falta de incorporação da experiência como norteadora das escolhas de vida. Assim, o futuro é idealizado com soluções mágicas, aparecem dissociados da realidade, apresentando-se mais como sonhos do que projetos. tais como constatado nas pesquisas com jovens em medidas socioeducativas ou jovens desvinculados de qualquer instituição (Gomes e Conceição, 2014, Sento-Sé e Coelho, 2014).

Nos programas de Aprendizagem Profissional, são identificadas nas análises das pesquisas que as hierarquias produzem lugares de subordinação para os jovens nas instituições de formação, nos locais de trabalho e na sociedade, reproduzindo a invisibilidade, e perpetuando os lugares de pobreza (Silva e Mayorga, 2016). Nos casos das jovens, a maternidade não significa a desistência de projetos profissionais, mas um momento de adiamento Ogido e Schor (2008) mostram que a maternidade na adolescência, o desemprego e a desigualdade entre homens e mulheres são questões relevantes e que devem ser tratadas de modo ampliado e contextualizado, quando se discute transição para a vida adulta, evitando-se o equívoco de atribuir a responsabilidade aos próprios indivíduos.

Duas pesquisas, que tratam especificamente de trajetórias juvenis baseando-se na noção contemporânea não linear de juventude, trazem a necessidade de se pensar com cautela a questão das trajetórias juvenis nas análises das histórias, evitando a relação causa e efeito e as explicações clichês (Ramos, 2011). Ressaltam a importância de compreensão da ideia que os próprios jovens têm sobre trajetórias, ao não se preocuparem em trazê-las nas narrativas com uma cronologia oficial (Sento-Sé e Coelho, 2014).

Tais reflexões mencionadas trazem importantes contribuições para a compreensão das trajetórias juvenis no Brasil. Ainda assim, há carência de estudos que aprofundem a compreensão acerca da compreensão que o jovem faz de sua trajetória.

Justifica-se assim a relevância deste trabalho de mestrado que se apoia na possibilidade de refletir acerca das trajetórias singulares de jovens, que se articulam com o contexto histórico social e político, os desafios por eles enfrentados e as oportunidades sociais e obstáculos que interferem em seus percursos de vida.

III. OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Conhecer a percepção de jovens populares urbanos de 18 a 24 anos sobre o processo de construção de sua autonomia e o acesso a oportunidades e direitos sociais, a partir do estudo de suas trajetórias de vida.

3.2 Objetivos específicos

1. Descrever as trajetórias juvenis no contexto familiar e de acolhimento familiar e institucional
2. Descrever as trajetórias juvenis no contexto escolar e do trabalho.

IV. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter prospectivo, exploratório, descritivo e reflexivo que se utilizou do método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida para conhecer e refletir sobre escolhas, projetos de vida, desafios, dificuldades e oportunidades sociais que interferem no processo de transição desses jovens para a vida adulta.

A escolha pela história oral foi devido ao seu potencial para possibilitar ao jovem ao narrar sua história, acessar acontecimentos importantes em sua memória e contá-los pela ordem cronológica que melhor lhe fizer sentido. Ou como bem coloca Caldas,

deixá-lo afirmar(se) todas as suas redes vivenciais, todas as suas determinações, caminhos e tecidos particulares, todas as suas diferenças, corpos, visões, desejos, sonhos, mentiras, sofrimentos, verdades, ilusões, crenças, devaneios, sintomas, palavras, limites e deslimites, bens e males, importâncias e desimportâncias, ordens interiores, seqüências narrativas, temporalidades, voltas e revoltas; mas essa atitude não é para reproduzir o real, o como-é ou como-foi, ser mais “fiel”: não esquecemos que aquilo que é dito, pensado, lembrado ou sonhado é sempre uma narrativa, uma ficção e não o acontecido ou uma versão sobre o acontecido; essa ficção não reproduz nem representa o acontecido, sequer a seqüência do acontecido, mas como dizemos aquilo que entendemos como o vivido (Caldas, 2009, p. 50).

4.1 História Oral: considerações sobre este recurso metodológico

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde quando ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais

profundamente se grava nele o que é ouvido (Benjamin, 1994, p.205).

A narrativa faz parte da história da humanidade e tem sido utilizada por diferentes povos como uma maneira de garantir que suas histórias e experiências vividas sejam passadas para as próximas gerações, a fim de mantê-las vivas. A narrativa assim proporciona uma experiência para além do tempo; narra-se no presente situações que aconteceram no passado. Assim, a narrativa resiste ao esquecimento e constitui a memória do que é significativo, “a verdade da condição humana”. Como diz Safra:

O narrar oferta à pessoa a possibilidade de se apropriar das experiências que lhes visitaram como um saber sobre a condição humana (Safra, 2006, p. 28).

A história oral de vida consiste no relato do narrador sobre a sua existência através do tempo. Por meio da narrativa, são transmitidos fatos que envolvem sua vida e suas experiências subjetivas baseadas na memória. Para além do tempo,

a memória é sempre uma reconstrução evocando um passado visto pela perspectiva do presente e marcado pelo social, presente a questão da memória do individual e da memória coletiva (Lang, 1996, p.35).

Ao rememorar lembranças do passado, fazemos isso no momento presente, o que significa que podemos agregar outro sentido ao já vivido, pois já não se trata apenas daquele fato do passado, a história pela qual passamos, já deixou marcas e carregamos novas impressões. Ao narrarmos, essas marcas farão parte e irão interferir na nossa narrativa. Segundo Portelli (1997), a diferença entre o fato e a memória não decorre de lembranças falsas, mas é gerada ativa e criativamente pela memória e imaginação, ao esforço de dar sentido ao momento vivido.

Portanto, quando usamos a história oral como recurso metodológico para a pesquisa, é importante levar em conta que ao trabalhar com a memória, é possível que ela apresente falhas, esquecimentos ou omissões. Essas omissões podem tanto decorrer do desejo do narrador de passar outra imagem

ao pesquisador, como de outros motivos, que cabem ao pesquisador, através de suas reflexões, alinhavá-las ao relato, explorar suas riquezas e não assumir uma posição de árbitro sobre se o fato é verdadeiro e se realmente aconteceu. Revela-se aqui tanto a face externa da vida, dos acontecimentos, quanto sua face interna, o vivido.

A história oral é uma fonte de dados que pode trazer uma dimensão viva, pois é centrada na memória humana, que, como já dito, ao mesmo tempo que é individual também traz elementos do coletivo, o que faz desse relato o entrelaçamento do subjetivo com o social. O método da história oral, através da singularidade de cada relato, constrói no presente vivências do passado e preserva a memória coletiva. Também tem trazido à tona questões que só se tornam visíveis ao conhecimento social, quando as realidades de determinados grupos são investigadas (Gonçalves e Lisboa, 2007). Parte-se da ideia de que sujeitos comuns, ou seja, pessoas que não tiveram suas vidas registradas por historiadores, possam romper o silêncio e trazer histórias que advêm de seu cotidiano, do seu fazer anônimo, mas que revelam acontecimentos e que trazem elementos importantes para uma compreensão mais aprofundada de determinado grupo.

O conhecimento que a história oral pode trazer, é tanto do saber que Safra nos fala sobre a condição humana, de alguém que tem uma experiência de vida para contar, como o que Meihy defende como uma importante virtude da história oral, que consiste na qualidade de ser “duplamente significativa, tanto para o saber erudito (ou competente) como para a comunicação com as comunidades que geram a experiência” (Meihy, 1996, p.51).

Supera-se a ideia de que o entrevistado é um informante, ou objeto de pesquisa, passando a posição de colaborador, o que possibilita uma nova relação entre quem faz a entrevista e quem concede o relato. É uma parceria, que exige autorizações, legitimações, responsabilidades e implica continuidade social (pobres e ricos, vencedores e vencidos, mulheres e homens) reavaliada a partir de critérios metodológicos (Meihy, 1996).

Holanda ressalta para a importância da narrativa plena, ou seja, “em narrativas plenas pode haver “misturas” de temporalidades e de identidades, refletindo um pouco mais a concomitância da vida e a pluralidade de suas

situações” (Holanda, 2009, p.28). Dessa maneira, aquele que fala se manifesta plena e livremente, e não de forma linear, pois se apresenta a partir das complexidades das suas experiências vividas. Isso significa que o pesquisador deve interferir menos, deixando o narrador iniciar como quiser, sem a ordem cronológica que espera, mas a que ele deseja narrar, amarrando assim, os sentidos de suas próprias memórias. Assim, o narrador deve ter seu eixo narrativo próprio, sua temporalidade pessoal, seus próprios labirintos.

Segundo Meihy (1996), há correntes que percebem a História Oral como uma narrativa completa, valendo-se por si só, sem que haja qualquer forma analítica complementar. A transcrição é considerada como processo de feitura da História Oral, ou seja, a análise encontra-se na transformação da palavra em documento tangível para o leitor, tornando-o analista e não somente um ser passivo. Lang (1996) defende que em uma pesquisa que utiliza a história oral, apenas a entrevista não é suficiente; mas, o que o distingue o estudo é a preocupação com a análise e a reflexão que permeiam todo o processo. É no sujeito que a História Oral encontra sua fonte de dados, porém, não se esgota nele, “a narrativa constitui a matéria prima para o conhecimento sociológico que busca através do indivíduo e da realidade por ele vivida, apreender as relações sociais em que se insere em sua dinâmica” (Lang, 1996, p.36).

A perspectiva hermenêutica dialética pode ser um recurso interessante para a análise das histórias de vida, narradas e transcritas, pois possibilita apreender o sentido da narrativa, a partir de um estranhamento e questionamento que oferecem pistas sobre a realidade trazida para uma compreensão mais profunda. Minayo (2013) se inspirou em Gadamer ao tratar da hermenêutica dialética, que parte do princípio de que é necessário um entendimento entre os indivíduos, para se colocarem em acordo na comunicação. A hermenêutica diz respeito a interpretação, tradução, fazer compreender, enquanto a dialética, parte dos antagonismos que só se tornam visíveis, quando analisados em maior profundidade, o que revela a visão crítica.

Para essa compreensão mais profunda, Minayo (2013) propõe o exercício primeiro da negação, pois ao buscar a intenção do autor, as palavras ditas podem revelar além do que entendemos a princípio, levando em

consideração que ele faz parte de um todo, e que essa manifestação se dá em um determinado tempo, cultura e espaço. Sendo assim, não se pode abranger o “sentido total e definitivo das coisas: sua leitura será sempre a possível, se dará sob o olhar do presente e será guiada por questões, pressupostos e interesses” (Minayo, 2013, p. 333). Para a autora, nada acontece fora da história, portanto, há que se considerar o contexto, as relações de poder, as contradições. E ainda, compreender acaba sendo compreender-se. Porém, existem possibilidades de erros, de antecipações, ao interpretar. É na familiaridade e estranheza que a hermenêutica deve se basear, para buscar em que condições a fala se deu.

Por fim, a escolha da hermenêutica dialética como perspectiva de análise, apresenta-se como uma via de conversa com a história oral, que possibilita compreender a linguagem, o texto, a fala, a realidade que se mostra e se esconde na comunicação, mas sempre em composição com o processo social vivido e processo de conhecimento que se busca alcançar.

4.2 Percursos da pesquisa

4.2.1. Participantes e esclarecimentos sobre sua seleção

Participantes:

Foram entrevistados quatro jovens, de ambos os sexos, com idades entre 18 e 24 anos, residentes em bairros diferentes do município de Campinas, recrutados a partir do Banco de Dados do Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas – COMEC, que será apresentado no próximo item. Os colaboradores da pesquisa, aqui nomeados de Gustavo, Daniel, Cleber e Mariana, eram egressos de dois programas desenvolvidos pela instituição, sendo os dois primeiros de Programas de Medida Socioeducativa (Liberdade Assistida e Prestação de Serviços à Comunidade) e os dois últimos do Programa de Aprendizagem Profissional. O quadro 3 resume informações sobre suas idades, tempo de acompanhamento no COMEC, Inserção familiar e se houve cumprimento de medida socioeducativa de internação.

Quadro 3 – Participantes da pesquisa de acordo com idade, inserção familiar, programa atendido, tempo de permanência na instituição e cumprimento de medida socioeducativa de internação

Nome	Idade	Inserção Familiar	Programa atendido	Tempo de acompanhamento no Comec	MSE de Internação?
Gustavo	18	Instituição de Acolhimento	MSE/LA	6 meses	Sim
Daniel	18	Genitora	MSE/PSC	6 meses	Sim
Mariana	21	Família Acolhedora	AP	2 anos e meio	Não
Cleber	23	Genitora e genitor	AP	5 anos	Não

Código: AP – Programa de Aprendizagem Profissional; MSE/LA - .Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida; MSE/PSC – Medida Socioeducativa de Prestação de Serviços à Comunidade

Considerações acerca da seleção dos participantes:

A pesquisa buscou contemplar a realidade dos jovens egressos dos programas desenvolvidos pelo COMEC, a saber: os programas de Medida Socioeducativa - Liberdade Assistida e Prestação de Serviços à Comunidade - destinados a jovens em conflito com a lei, cuja predominância dos participantes é do sexo masculino; o Programa de Aprendizagem Profissional, destinado a jovens populares urbanos de 15 a 24 anos, com participantes de ambos os sexos, com uma pequena predominância do sexo feminino. Os programas serão melhor descritos adiante. A motivação de contemplar os variados programas resultou do interesse em se poder contrastar realidades de jovens que vivenciavam situações distintas de vulnerabilidade social.

Destaca-se que os participantes, egressos do Programa de Aprendizagem Profissional tem idade superior aos demais, devido ao fato deste programa ter se encerrado em 2012. Não foi possível selecionar participantes, egressos dos programas de medida socioeducativa que fossem de idades semelhantes aos do PAP, dada a dificuldade de localização dos adolescentes que concluíram suas medidas, inclusive devido ao sigilo requerido. Portanto, a pesquisadora optou por fazer contato com jovens que estavam encerrando suas medidas no momento da coleta da pesquisa, ou seja, haviam acabado de completar 18 anos.

Outro tópico importante a ser mencionado neste percurso foi a decisão de que os participantes não tivessem sido anteriormente atendidos pela pesquisadora em sua função de técnica da instituição. Tal decisão deu-se pela perspectiva de que assim se estaria entrando em contato com as histórias dos participantes pela primeira vez, o que facilitaria o deslocamento do papel de técnica da instituição para o papel de pesquisadora. Partiu-se também do pressuposto de que os jovens ficariam mais à vontade de contarem sua versão acerca de suas histórias para alguém que não os conhecia anteriormente, sem qualquer intromissão de informações que enquanto técnica responsável por seu atendimento a pesquisadora poderia ter.

A presente pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e Plataforma Brasil, aprovada em 20/05/2015 através do número de Protocolo de Pesquisa no 168/15. Todos os cuidados éticos foram mantidos durante todo o processo da pesquisa. Os participantes assinaram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo B) e o Termo de Consentimento de Uso de Imagem (anexo C). A instituição autorizou a utilização de seu banco de dados para a seleção dos participantes (anexo D). Os nomes utilizados na pesquisa são fictícios.

4.2.2 O contexto da pesquisa: a cidade de Campinas, as Políticas para a Juventude, o Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas e seus programas

Campinas está localizada na Região Sudoeste do Brasil, com distância de 99 km de São Paulo. A população atual, segundo estimativa do IBGE para 2016 é de 1.173.370 habitantes, tendo crescido rapidamente a partir da década de 1940. A Região Metropolitana de Campinas (RMC) abrange 19 municípios e 2.8 milhões de habitantes, é considerada o terceiro maior centro industrial do país. Também se destaca como centro tecnológico, com 20 institutos de pesquisa e tecnologia. Segundo o Censo de 2010, 2,2% da população de Campinas encontrava-se em extrema pobreza e a taxa de analfabetismo entre pessoas com mais de 10 anos de idade era de 3,1%. Ainda que os indicadores sociais tenham apontado uma melhora de 1991 a

2010, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de Campinas cresceu de 0,618 para 0,805; os desafios sociais permanecem. A concentração de renda também cresceu. Segundo o Índice de Gini (que mede a diferença de renda entre os mais ricos e os mais pobres, apontando para uma maior desigualdade à medida que mais próximo de 1) cresceu de 0,53 em 1991 para 0,56 em 2010 (Martins, 2014).

Campinas é dividida em 5 macrorregiões: Norte, Sul, Leste, Sudoeste e Noroeste. Com relação a Saúde, Campinas conta com 5 hospitais, 3 Pronto Atendimento e 1 Serviço de Atendimento Móvel de Urgência – SAMU. Na Região Leste são 11 Unidades Básicas de Saúde - UBS, 3 Centros de Atenção Psicossocial – CAPS, 2 Centros de Convivência. Na Região Norte são 12 UBS, 3 CAPS e 4 Centros de Convivência. Na Região Noroeste são 13 UBS, 2 CAPS e 1 Centro de Convivência. Na Região Sul são 17 UBS, 3 CAPS e 2 Centros de Convivência. Na Região Sudoeste são 12 UBS, 3 CAPS e 1 Centro de Convivência.

Em relação a política de educação, o município divide-se em Diretoria Leste e Oeste. São 74 unidades escolares na região Leste, 5 escolas de educação especial e 87 unidades escolares na região Oeste. Da rede municipal, na região Leste são 22 unidades escolares de ensino fundamental e educação infantil e 17 unidades da rede privada conveniada à Federação das Entidades Assistenciais de Campinas (FEAC)¹. Na região Norte são 33 unidades escolares do ensino fundamental e educação básica infantil e 7 da rede privada conveniada. Na região Noroeste são 32 unidades escolares do ensino fundamental e educação infantil e 4 da rede privada conveniada. Na região Sul são 55 unidades do ensino fundamental e educação infantil e 11 da rede privada. Na região Sudoeste são 51 unidades escolares do ensino fundamental e educação infantil e 5 da rede privada conveniada.

Ainda sobre a educação, a pesquisa realizada por Paulo Daniel (2015) indica que 50% dos jovens que iniciam o Ensino Médio, não terminam. Os moti-

¹ Federação das Entidades Assistenciais de Campinas – FEAC – foi criada em 1964 com o objetivo de integrar o trabalho social, articular e centralizar a arrecadação de fundos para as entidades e proporcionar orientação técnica, contábil e jurídica às entidades sociais. Hoje tem cerca de 80 entidades filiadas à rede, às quais assiste e mantém repasse financeiro. O Comec é uma delas

vos do abandono podem ser diversos, mas ainda assim, é um número significativamente alto.

Quanto ao Esporte e Lazer, os serviços estão divididos em: 8 serviços na Região Leste, 7 na Região Norte, 2 na Região Noroeste, 10 na Região Sul e 4 na Região Sudoeste.

No total, são 17 pontos de cultura na cidade, 12 casas de cultura, 5 bibliotecas públicas, 7 museus e 5 teatros.

Atualmente, Campinas conta com 3 Centros de Referência Especializado de Assistência Social e outros 9 equipamentos de abrangência municipal, 4 Centros de Referência dos Direitos Humanos, 16 equipamentos públicos (DAS e CRAS). Esses equipamentos referem-se aos atendimentos conforme tabela a seguir:

Quadro 4 – Equipamentos de Assistência no município de Campinas, segundo tipo e número.

Equipamentos	Número
Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos Intergeracionais	85
Acolhimento Institucional	21
Acolhimento e Famílias Acolhedoras	1
Serviço Especializado para pessoa em situação de rua	10
Programa de Atendimento à Pessoa com Deficiência	19
Executoras de Medida Socioeducativa	2
Programa de Aprendizagem Profissional	10
Centro de Referência Especializado de Assistência Social	3
Centro de Referência da Assistência Social	11
Distrito de Assistência Social	5
Potencialização do Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos	10
Assessoramento	3
Total	180

Fonte: Guia do Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente, FEAC, 2015.

Alguns dos equipamentos referidos no Quadro 4, cobrem mais do que uma região, como o Comec, por exemplo, que atende adolescentes de todas as regiões de Campinas. No total, 75 desses serviços atendem a população jovem, incluindo os Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculo Intergeracionais.

Segundo dados do SEADE, a população jovem (de 15 a 29 anos) em 2004 representava 27,3% do total da população campineira (1.013.218 habitantes). Em 2014, esse número caiu para 24,4% do total de 1.123.241 habitantes. A população que mais cresceu na última década foi o grupo de 45 a 59 anos e de 60 anos ou mais. A pesquisa realizada por Paulo Daniel (2015) revela que a tendência para os próximos anos é que esse ritmo de crescimento se mantenha, ou seja, a população jovem irá diminuir, enquanto a população mais velha irá aumentar. De acordo com a Secretaria Municipal de Cidadania, Assistência e Inclusão Social – SMCAIS, estavam registrados no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal em 2014, 70.382 jovens em Campinas. Esse dado pode sofrer alteração de acordo com a atualização do cadastro.

Outro marco para a juventude em Campinas se deu em 2015, com a Lei Complementar 115 que dispõe sobre a Política Municipal da Juventude, a Coordenadoria Setorial de Políticas para Juventude e o Conselho Municipal da Juventude de Campinas. Entretanto, a cidade ainda não possui nenhum Centro da Juventude ou similar.

O Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas (Comec) possui presença importante no município, sendo pioneiro tanto no atendimento da Liberdade Assistida (antecipando o ECA), como na contratação pela Lei do Aprendiz (Lei 10097/2000), tornando-se referência no trabalho com adolescentes.

O COMEC é uma Organização da Sociedade Civil, criada em 1980 por pelo Juiz de Direito Dr. Rubens de Andrade Noronha e pelo Promotor de Justiça Dr. Hermano Roberto Santamaria, na época, respectivamente, Juiz e Curador de Menores da cidade. Ambos coordenavam um grupo de pessoas que se preocupavam com a questão do adolescente autor de ato infracional em

Campinas. Participavam desse grupo pessoas ligadas à Unicamp, PUCC, Secretaria da Promoção Social do Município e do Estado, Secretaria da Saúde e de Educação, além de outras pessoas que manifestavam interesse pela causa. Pensava-se em uma alternativa para atendimento em meio aberto, já que a legislação vigente era o Código de Menores, no qual diversos tipos de infração davam entrada no judiciário, desde “situação irregular” até problemas de comportamento na escola. O objetivo era evitar a institucionalização de adolescentes, que cometiam delitos considerados leves, na Fundação Estadual do Bem Estar do Menor – FEBEM, e seu consequente afastamento da família e comunidade. Ainda, tinha como objetivo oferecer um atendimento qualificado para as necessidades, interesses e responsabilidades de adolescentes e sua famílias.

O COMEC está localizado na intersecção das regiões Sul e Leste de Campinas, com duas unidades de atendimento próximas uma da outra e do centro da cidade. Atualmente desenvolve programas de medidas socioeducativas, Liberdade Assistida (LA) e Prestação de Serviço à Comunidade (PSC), que atendem adolescentes de todas as regiões de Campinas, com as respectivas metas: 180 adolescentes de LA e 100 adolescentes de PSC. As medidas socioeducativas, tal como definidas no ECA (1990), ocorrem quando verificada a prática de ato infracional, cabendo a autoridade competente aplicar ao adolescente a medida que lhe couber, levando em consideração a sua capacidade cumpri-la, a gravidade da infração e as circunstâncias. Segundo o Art. 117, a medida de Prestação de Serviços à Comunidade consiste na efetivação de tarefas gratuitas de interesse geral, pelo período máximo de seis meses, junto a entidades assistenciais, hospitais, escolas e outros estabelecimentos congêneres, bem como em programas comunitários ou governamentais. No Comec, a PSC é realizada coletivamente e é subdividida por regiões, objetivando o adolescente efetivar a PSC no território onde reside. A medida de Liberdade Assistida, segundo o Art. 118, consiste no acompanhamento e orientação e auxílio ao adolescente por equipe multidisciplinar, pelo período mínimo de seis meses, com o intuito de oferecer atendimento nas diversas políticas públicas, como educação, saúde, profissionalização, com vistas à sua promoção social e de sua família. As

atividades na LA podem ser individuais ou em grupo, buscando alinhar interesses e demandas do adolescente.

O Comec, em sua história, atendeu adolescentes em 3 Programas diferentes, sendo 2 de medidas socioeducativas – Liberdade Assistida e Prestação de Serviço à Comunidade - e outro de Aprendizagem Profissional.

O programa de LA iniciou seu atendimento em 1980, juntamente com a fundação do Comec enquanto que o PSC teve início em 2007. Do início dos programas até 2016, foram atendidos 4827 adolescentes em LA, sendo 4299 do sexo masculino e 528 do sexo feminino; em PSC foram atendidos 1057 adolescentes, sendo 939 do sexo masculino e 118 do sexo feminino, até outubro de 2016. Como os dados indicam, o sexo masculino tem sido predominante nos atendimentos das medidas socioeducativas da instituição.

O programa de Aprendizagem Profissional funcionou de 1992 a 2012, tendo atendido nesse período 1988 adolescentes, 932 do sexo masculino e 1056 do sexo feminino, portanto com uma distribuição de participantes por sexo mais semelhante, com discreta predominância do sexo feminino. O objetivo do programa era o de capacitar e encaminhar adolescentes na faixa etária de 15 a 24 anos para empresas parceiras, para trabalharem como aprendizes. Os adolescentes, provenientes das diferentes regiões de Campinas, eram selecionados por meio de demanda espontânea e encaminhamento escolar ou de outras instituições, além dos adolescentes encaminhados pelo Programa de LA, sendo o requisitos principais estar cursando pelo menos o 9º ano do Ensino Fundamental, renda per capita de meio salário mínimo, residir em Campinas. Era realizada uma prova de seleção, para verificação de conhecimento básico de português e matemática e uma autobiografia, além de uma entrevista com o adolescente e responsável legal. O adolescente permanecia 6 meses em capacitação, onde eram trabalhados conteúdos relacionados ao mundo do trabalho. Após encaminhamento para a empresa, o adolescente poderia permanecer como aprendiz pelo tempo de um ano ou dois anos, dependendo do contrato que era estabelecido pela empresa parceira. O seu desligamento se dava pelo término do contrato, ocasionando o desligamento do PAP.

Apesar de não haver restrições formais para a inclusão de jovens em

medidas socioeducativas no Programa de Aprendizagem Profissional, a não inclusão destes devia a não atingirem os critérios de admissão ao programa. Quando esses critérios eram alcançados, os adolescentes participavam do processo de seleção.

4.2.3 Procedimentos metodológicos

A pesquisa combinou os procedimentos metodológicos da história oral com a utilização da fotografia, realizada pela pesquisadora, como meio de representação do adolescente no processo de transcrição da história oral, tal como será descrito adiante.

Foram realizados três encontros com cada jovem, sendo um para a entrevista, outro para as fotos e o último para a validação das histórias. Todos os encontros ocorreram na sede do Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas, pois o local já era de conhecimento de todos os jovens, o que facilitou o acesso.

Nesse estudo foi realizada uma combinação de dois gêneros narrativos, conforme proposto por Meihy e Ribeiro (2011): a história oral temática e a história oral de vida. A primeira para o conhecimento do tema da trajetória para a vida adulta e a segunda para a contextualização histórica e social desse processo. As entrevistas tiveram como ponto de partida três perguntas disparadoras, de modo a garantir maior liberdade de expressão para os colaboradores, a saber: Como tem sido a sua trajetória para a vida adulta? Como a transição para a vida adulta se relaciona com sua história de vida? Você poderia contar sobre seus caminhos, suas escolhas, suas experiências (escola, trabalho, amigos etc), seus projetos?

Os jovens puderam narrar livremente sobre suas histórias, sem uma ordem cronológica determinada. Quando necessário, perguntas foram feitas no intuito de estimularem a narrativa, como por exemplo “Você pode me contar mais sobre isso?”.

Considerando a importância da coleta das histórias, a pesquisa se baseou na compreensão de Portelli (1997) que destaca que a entrevista, apesar de pressupor uma relação de hierarquia, é uma situação de diálogo, e que o pesquisador deve ter interesse na igualdade para que a comunicação

seja a mais fiel possível. Entretanto, trata-se de um diálogo que não ignora as diferenças que tornam pesquisadores e participantes desiguais ou se simula uma igualdade que não existe. Em seu texto sobre ética em História Oral, Portelli (1997) ressalta que trabalhamos simultaneamente com a igualdade e com a diferença, pois a pessoa entrevistada é única e que, mesmo em se tratando das memórias coletivas, isto é, quando fatos são compartilhados por diferentes pessoas, cada uma expressará sua impressão pessoal. Portelli (1997) ainda ressalta que o participante que traz a história também é quem traz o conhecimento ao pesquisador, resultando em uma situação de aprendizado para ambos.

A pesquisa no que toca a coleta de histórias orais, seguiu a metodologia proposta por Meihy e Ribeiro (2011). Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas para a construção dos textos. Estes foram processados em 3 fases: A primeira fase, a *transcrição*, foi aquela de passagem para a escrita de tudo o que foi dito durante a entrevista; Na transcrição, o texto foi escrito como o colaborador gostaria de ser entendido.

Na segunda fase, *textualização*, organizou-se a narrativa, retirando-se as perguntas, que foram incorporadas ao texto, mantendo-se a ordem cronológica dos acontecimentos. Assim, anulou-se a fala do entrevistador, dando-se ênfase ao narrador, para fazê-la compreensível e agradável ao leitor. Nesta fase, buscou-se também o *tom vital* de cada entrevista, entendido como uma “frase que sirva de epígrafe para a leitura da entrevista (...) sobre a qual pretende-se organizar o critério de percepção do leitor” (Meihy e Ribeiro, 2011, p. 110).

Na terceira fase, *transcrição*, pretendeu-se recriar a atmosfera em que a entrevista foi realizada, transpondo-se elementos extratextos, conforme orientação de Meihy e Ribeiro (2011). Segundo estes autores, a transcrição possibilita textos vivos e pulsantes. A importância da transcrição não se refere apenas a recriar a atmosfera da entrevista, nela também estão impressas ideias e sensações do intérprete. Ao ser respeitada a essência viva da fala, esse processo permite que o colaborador se reconheça na escrita, ainda mais do que apenas na pergunta-resposta.

Nas transcrições apresentadas neste trabalho foram mantidas a ordem dos acontecimentos narrados, as gírias utilizadas, os risos, as repetições. A única inversão de ordem se deu na história de Cleber, trazendo o final de sua narrativa para o começo, mantendo o sentido do seu relato.

Na validação, última etapa, as histórias foram entregues e lidas pela pesquisadora e colaboradores. Foi possível corrigir detalhes observados pelos colaboradores, o que permitiu que a história oral fosse legitimada por seu colaborador.

Um ponto a destacar é a dimensão que se toma ao ter a própria história em mãos, um reconhecimento de si próprio, ao meu ver. Quando enviada a história para Mariana validar, ela disse que aquela era a história para a pesquisa, mas pediu uma cópia com o nome verdadeiro para guardar para si mesma.

Considerações sobre o processo da transcrição com uso da fotografia

Thompson (1998) defende que a História Oral democratiza a história, possibilitando dar voz aos sujeitos que estariam marginalizados da história oficial e considera ainda que a gravação oral é a mais precisa, pois a comunicação original foi oral. O trabalho de transcrição deve ser literal e mais fiel possível, com registros, inclusive de balbucios, vacilações e repetições de fala. Para Meihy, não se trata de uma comunicação estritamente oral, dando ênfase também à transcrição, mais ligada às ideias do que as palavras do depoente. Na transcrição entra um novo elemento, o teatro da linguagem, termo emprestado de Roland Barthes, pretendendo incorporar ao texto os componentes não verbais, tão relevantes quanto as palavras. A presente pesquisa segue a metodologia proposta por Meihy, utilizando da transcrição como forma viva da fala, transpondo sensações e ideias, tanto do narrador como do intérprete.

Utilizou-se também na transcrição linguagem visual por meio da fotografia a partir das percepções, observações e reflexões da pesquisadora em seu diário de campo. Ao longo da pesquisa foi realizado um diário de campo da pesquisadora, de modo a registrar percepções, observações e

reflexões acerca do processo de coleta das entrevistas. A fotografia também fez-se importante como parte das narrativas, trazendo outros elementos para compor as histórias de vida. O interesse em registrar os jovens entrevistados através da fotografia, se deu a partir da compreensão não das fotos como ilustração das histórias, mas como linguagem capaz de captar outros componentes que se mostravam tão importantes quanto a palavra - dita e não dita.

Enquanto pesquisa, a fotografia vem sendo utilizada por historiadores e antropólogos, como fonte documental. Narrativa e fotografia se completam, ao contar uma história, “o texto verbal e visual são polissêmicos e complementares” (Leite, 1998, p.43). Como no texto escrito, a interpretação da fotografia também será particular do leitor. A imagem permite múltiplas leituras, portanto, múltiplos sentidos. Ela revela por meio da expressão (significante), um conteúdo (significado).

Boris Kossoy (2007) mencionando Francastel, concorda que existe um pensamento estético, plástico. A documentação iconográfica é uma das fontes mais importantes para o conhecimento sobre o passado, “as imagens guardam em si apenas indícios, a face externa das histórias que não se mostram, e que pretendemos desvelar” (Kossoy, 2007, p.31), portanto, elas são indiciárias pois possibilitam a descoberta de pistas de eventos não aparentes à primeira vista.

Outra característica da fotografia que nos causa fascínio, além de representar uma miniatura da realidade, é sua durabilidade. Aquela fração de segundo que captura um movimento, ficará guardada por muito tempo. E assim como as histórias de vida que ficarão registradas, as fotos são capazes de guardar memória.

a natureza que fala à câmera não é a mesma que fala ao olhar; é outra, especialmente porque substitui a um espaço trabalhado conscientemente pelo homem, um espaço que ele percorre inconscientemente. Percebemos, em geral, o movimento de um homem que caminha, ainda que em grandes traços, mas nada percebemos de sua atitude na exata fração de segundo em que ele dá um passo. A fotografia nos mostra essa atitude, através de seus recursos auxiliares, câmera lenta, ampliação. Só a fotografia revela esse inconsciente óptico (Benjamin, 1994, p. 94).

A fotografia nos impacta de outra maneira, diz algo de um modo novo, é a expressão verdadeira do que se sente a respeito da vida, nos mostra algo que não estávamos vendo antes. Ela mostra e ao mesmo tempo oculta, o que parece familiar, na fotografia torna-se misterioso e vice-versa. Ao mostrar em uma foto um ângulo de uma árvore, por exemplo, que não estamos acostumados a ver, ou ampliar um pequeno detalhe, isso nos tira do lugar comum. Ainda como no texto escrito, as fotografias têm nelas impressas as ideias do fotógrafo.

Assim, ao fotografar os jovens que participaram da pesquisa, tentou-se alcançar outros pontos de reflexão, buscando dialogar texto e imagem. Transcriar portanto, as histórias dos jovens utilizando da fotografia pode ser enriquecedor à medida que nos provoca a leitura através de outros sentidos também.

As fotos foram apresentadas aos jovens e aprovadas para uso a partir da assinatura do Termo de Uso de imagem (anexo C). O enquadre realizado teve como objetivo a não identificação do jovem. Foram entregues cópias das fotografias para eles. Gustavo nesse momento revelou que aquelas eram as únicas fotografias que tinha de si.

Análise das histórias orais

Após validação da história oral pelos colaboradores, que, no ponto de vista de Meihy, é a prova da qualidade do texto final, foi realizado um estudo aprofundado das histórias orais e de seu conteúdo, de forma a refletir as experiências vividas pelos jovens no plano microssocial, correlacionando-as com as questões macrossociais que emergiram de suas histórias.

Nesta pesquisa, a opção foi a de seguir a perspectiva de autores que defendem a colocação integral da entrevista, em respeito ao colaborador, sem retirar pequenas falas para que possam concordar com o que está dizendo, mas na sua totalidade e sem deixar também de fora a nossa própria voz, a nossa reflexão sobre o outro (Caldas, 1999). Assim, neste trabalho foram apresentadas as histórias orais integrais como parte dos resultados da pesquisa. Após leitura exhaustiva do material, e seguindo a orientação de Meihy

e Holanda (2014), foram realizados cruzamentos e intercessões no interior de cada história e entre as diferentes histórias, de modo a identificar temáticas para a discussão dos resultados. Buscou-se, assim, como afirma Portelli (1999), que a interpretação fosse feita a muitas vozes, a saber: a dos narradores, a do entrevistador e a do leitor. Isso significa que espera-se que a cada leitura, novas possibilidades de interpretação sejam exploradas, permitindo que ela nunca se esgote.

V. HISTÓRIAS DE VIDA

O senhor mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra montão (Guimarães Rosa, 1956, Grande Sertão: Veredas).

5.1. Minha vida começou bem e tava acabando já

Figura 1: Gustavo

A minha infância foi de boa, foi tranquila. Não teve muita dificuldade não, até meus 9 anos(...) aí comecei a me envolver com droga, comecei a usar droga, minha vida foi só piorando. Começou bem e tava acabando já.

Meu nome é Gustavo, tenho 18 anos. Nasci em Paulínia, minha mãe é mãe de 9 e tem 7 filhos vivos. É, morreram 2, um morreu na barriga dela e o outro morreu deitado na cama. Meu pai, eu não conheço, nunca tive nenhum contato

com ele. Minha mãe disse que a única vez que eu vi ele, eu tinha 1 ano de idade e foi na cadeia, porque ele tá preso, até onde eu sei. Minha família é muito pobre, tinha vez que não tinha nada pra comer até. O negócio é complicado.

Ainda morava com a minha mãe e meus 4 irmãos. Aí nós começamos a dar trabalho na escola, discussão com os professores, e minha mãe sempre cobrando pra não darmos trabalho na escola, senão era perigoso nós irmos para o abrigo. Ah! Na escola era sempre a mesma rotina. Chegava lá, entrava na escola, comia, pegava lanche, saía pelo muro e ia usar droga. Era sempre a mesma coisa. Só teve alguns anos, depois desses 3 anos que eu comecei a estudar mais, quando não tava me envolvendo tanto com drogas e comecei a estudar mais. E foi tranquilo daí, conheci pessoas diferentes, fiz amizades novas. Sempre tive amizades ruins na minha vida, mas sempre tinha algumas que tentavam me influenciar pra fazer a coisa certa.

Ah, tem um amigo que até hoje eu não esqueço dele, o nome dele é Saulo. Conheço ele desde pequeno, desde os meus 6 anos, porque ele sempre morou na minha rua mas a gente nunca se falava. Depois que nós começamos a enturmar. O moleque era mais cabeça que eu, era mais novo e era mais cabeça que eu. Sempre que ele me via nas coisas erradas ele falava, não faz isso que vai te prejudicar. Não faz isso agora, que mais pra frente você vai colher coisa pior. Nunca dava ouvido pra ele, mas acho que hoje em dia, de verdade, eu acho que ele me ajudou muito, por me dar conselho, porque teve muita coisa que ele falou pra eu não fazer, que eu acho que se eu fizesse, hoje eu não estaria vivo. Uma vez, nós íamos entrar no negócio do bombeiro lá em Paulínia, pra roubar as armas dos bombeiros, ele falou pra mim, não faz isso que você vai se dar mal, aí os moleques que fizeram isso, acabaram indo pra ²Febem, pegaram 3 anos, imagine se eu fosse. Eu acho que ele me ajudou muito a mudar.

²Febem (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor) que desde 2006, alterou o nome para Fundação Casa (Centro de Atendimento Sócio-Educativo ao Adolescente). Sua função é executar as medidas socioeducativas aplicadas pelo Poder Judiciário aos adolescentes autores de atos infracionais cometidos com idade de 12 a 18 anos incompletos, onde podem cumprir reclusão até no máximo a idade de 21 anos completos, conforme determina o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)

Minha vida começou a piorar quando comecei a me envolver com drogas. Conheci amizades que eu preferi não ter conhecido, mas tudo bem. Fui me envolvendo com droga, acabei repetindo uma vez, 2 vezes, 3 vezes, e minha mãe sempre cobrando. Foi quando nós acabamos indo para o abrigo. Eu tinha uns 10 anos já. Eu e meus irmãos, todo mundo. Todos os 5, fomos todos para o abrigo. Fiquei um tempo no abrigo, 1 ano, 5 meses e 23 dias. No começo, no abrigo, era mil maravilhas, depois começou a piorar. Lá dentro, conheci também outras pessoas erradas, continuei usando drogas, dando trabalho. Fiquei lá no abrigo um tempão, tive várias discussões lá, quase saí na mão com o monitor. Uma vez quase matei um moleque lá dentro. Aí comecei a dar mais trabalho ainda. Depois eu acabei saindo.

Nessa época eu estava com 11 anos. Eu fiquei dos 11 aos 13 anos lá dentro, eu estava quase pra fazer 12 já. Fiquei quase até os 13 lá dentro, depois eu saí de lá e voltei a morar com a minha mãe. Fiquei com a minha mãe uns 7, 8 meses mais ou menos. Nesse tempo eu continuei dando trabalho, me envolvendo com drogas, usando. Aí acabei voltando para o abrigo porque eu parei de estudar, fiquei quase 1 ano sem estudar, acabei perdendo 1 ano também. Voltei para o abrigo, continuei dando trabalho no abrigo, não ia para a escola, quando ia, só discutia, só matava aula pra usar droga. Foi daí que eu entrei no crime. Eu já tava com 14 anos quando entrei no crime.

Eu comecei a trabalhar com meus 12, não 13 anos eu acho. Eu tava já no tráfico, mas comecei a trabalhar numa oficina de mecânica. Lá eu fiquei uns 2 meses mais ou menos, mas eu só fiquei lá também porque era um conhecido meu lá de muito tempo, desde novinho, que conhecia minha família. Então, ele me deu uma oportunidade pra pelo menos ter uma experiência a mais. Fiquei 3 meses no máximo. Saí de lá porque não tava dando muito a minha rotina, porque eu não tava conseguindo acordar muito no horário, eu tava no tráfico à noite, então de manhã ficava ruim pra eu acordar. Eu tinha que estar 7 horas da manhã no serviço, eu que abria o serviço. A responsabilidade aí (risos)! Depois tive outra experiência, numa borracharia. Na borracharia eu acho que não cheguei a ficar um mês, acho que fiquei umas 3 semanas mais ou menos. Eu saí de lá porque acabei tendo uma discussão com um moleque que eu conhecia há muito tempo, aí pra não ficar um clima muito ruim, eu saí. Também

teve um outro lugar que eu trabalhei, depois de uns 6 meses mais ou menos, foi num negócio de moto, que nem uma mecânica, só que de moto. Lá eu fiquei 1 mês mais ou menos, porque também eu não gostei muito de lá, eu não sou muito fã de moto. Já tive experiência como jogar futebol, que pra falar a verdade, hoje era pra eu tá jogando num time grande.

Figura 2: Eu era goleiro antigamente

Eu era goleiro antigamente. Bem no começo, eu sempre gostei de ser goleiro. Quando pegava no gol, todo mundo elogiava. Mas só que teve um acidente quando eu tava jogando bola, era um campeonato. Nesse campeonato, nós só não ganhamos por causa do acidente que eu tive, o moleque chutou a bola, pra não entrar pro gol, eu pulei com a cabeça e a cabeça acabou baten-do na trave. Aí quis ser zagueiro, que era uma coisa que eu gostava, que era dar pancada nos outros (risos). Zagueiro é assim, passou dele, é pancada na reta. Mas também não deu certo, acabei machucando

minha perna. Tomei uma pancada forte de um cara que tava com uma chuteira de cravo de ferro, e desisti de ser zagueiro (risos). Mas como eu gosto de correr muito e sou um pouco rápido, eu falei, vou ser lateral, pelo menos não levo tanta pancada, é só correr e cruzar. Acabei fazendo uns testes pra jogar na Ponte (Ponte Preta) e passei. Tinha mais 2 testes, só que eu acabei indo pro abrigo e não consegui fazer o segundo teste, nem corri mais atrás disso. Aí desisti um pouco de jogar futebol e continuei no crime mesmo.

Conheci uns rapazes errados lá no abrigo, os moleques, comecei a andar com eles nós começamos a ir pra balada e tal. Conheci um amigo do amigo meu, aí piorou mesmo, o cara mexia com droga e tal, vendia, usava, era dono de biqueira. Comecei a me envolver com ele, trabalhar pra ele, entrei como gerente na biqueira já. Acabei indo pra Febem nesse tempo. Fiquei 1 mês e 10 dias na Fundação. Lá até que foi uma experiência boa, melhor que o abrigo até. Lá dentro eu consegui aprender a dar valor nas coisas, que antes, qualquer coisa que você me dava, tava bom, mas lá, como eu não tinha nada, tudo que vinha pra mim era lucro, então eu sempre me dava bem quando tinha alguma coisa lá dentro. Fiquei 1 mês na provisória e 10 dias na internação. Fiquei lá no Complexo do Brás, lá no Topázio. Lá dentro conheci um pessoal errado, mas eu já tava começando a melhorar, meu pensamento já tava diferente, crescer na vida. Saí de lá e já fui direto para a semiliberdade em Mogi Mirim. Eu consegui aprender a dar mais valor ainda nas coisas e dar valor a mim mesmo, que era uma coisa que eu não tinha. Comecei a conversar com o pessoal lá da semiliberdade, comecei a andar com umas pessoas um pouco mais certas do que antes, mas do mesmo jeito andava com as pessoas erradas. Aí eu comecei a me envolver com um pessoal de boa, minha vida começou a melhorar. Aí do nada, não sei o que aconteceu, bateu um desgosto em mim mes-mo e voltei pro crime de novo. Voltei a usar droga. Eu já tava com os meus 15 anos. Aí eu voltei a usar drogas, a andar com os moleques errados. Lá em Mogi Mirim, eu trafiquei 2 meses mais ou menos. Trafiquei 2 meses sem ninguém saber, só sabia eu e mais 2 moleques. Fiquei na semiliberdade 9 meses e 2 semanas. Nesse tempo que eu tava lá, todo final de semana eu ia pro abrigo em Paulínia.

Figura 3: Aí me desvirtuei de novo, comecei a usar droga de novo.

Depois que tinha dado uma recaída, voltei a usar droga lá em Paulínia, tumultuava, ia pra balada, pra festa. Nesse tempo que eu tava na semiliberdade, eu comecei a namorar. Fiquei 3 meses com uma menina lá, mas não foi quase nada sério. Só ficava mesmo no horário da escola, o que ela fazia antes ou depois, era problema dela (risos). Aí, eu voltei pra Paulínia depois desses 9 meses e 2 semanas. Foi que eu conheci o Paulo, o amigo do meu amigo. A gente começou a se envolver com drogas e ele me chamou pra traficar pra ele, que eu entrei já como gerente. Eu fiquei uns 2 meses fazendo isso pra ele. O pessoal do abrigo começou a desconfiar porque toda vez eu saía sem dinheiro, voltava com mil, oitocentos reais. Começou a desconfiar, perguntava de onde era e eu falava que eram minhas tias que davam. E era tudo do tráfico. Acabei levando droga pro abrigo, pra esconder lá, pra não ter perigo de sumir. Fiquei 1 mês levando droga pro abrigo, escondendo lá, num cantinho que só eu sabia (risos). Aí conheci outra menina em Paulínia. Ela começou a mudar meu pensamento. Foi que minha vida começou a tomar rumo de novo, voltou ao normal. Comecei a sair do crime. O pessoal começou a falar, o louco, vai sair por que? Você começou, agora vamos terminar com

nós, a gente só tá te ajudando, você tá vendo. E praticamente tava me ajudando porque dinheiro, eu tinha fácil. Mas só que não era o certo. Aí eu comecei a me envolver com a menina. E todos os meus amigos falavam, você não vai conseguir nada com ela, ela só tá te iludindo. Até que teve uma vez, eu namorei com ela 2 meses e meio, só faltava a permissão dos pais dela, porque ela já tinha falado e eles tinham liberado, só faltava eu ir lá conversar. Ela falava pra eu não me envolver mais com droga. Aí um dos meus amigos veio falar pra mim que ela tinha me traído. Eu fiquei injuriado, fiquei uma semana sem ver ela na escola, ela querendo saber porque e eu nem falava com ela no facebook, no celular. Foi quando eu fui lá na escola pra saber o que tinha acontecido. Ela já tava estressada com a família dela, tinha acontecido uns problemas e eu nem sabia direito. Aí ela veio falar comigo, eu comecei a discutir com ela, dei um empurrão nela. O moleque que falaram que ela tinha ficado, veio falar comigo, grudei ele na pancada, quase matei ele no soco. Só saí de cima dele porque chegaram 2 policiais me separando. Quase tomei outro B.O. por cima, o moleque só não quis fazer porque ficou com medo. Voltei pro abrigo meio revoltadão.

Aí me desvirtuei de novo, comecei a usar droga de novo, comecei a fazer tudo errado de novo. Os moleques falaram pra mim, aí sim, agora você vai ter futuro. Eu continuei como gerente, era pra eu ter entrado como ³vapor, voltei como gerente lá mesmo, comecei a gerenciar 2 biqueiras. Me deram voto de confiança pra deixar 2 comigo. E o pessoal do abrigo, nesse tempo não desconfiava porque eu não chegava com dinheiro em casa, eu deixava com uma moça que tinha lá perto. Até que teve um dia que eu falei, ah, vou comprar umas roupas né. Saí pra comprar roupa cheio de dinheiro, o pessoal já desconfiou, de onde ele tinha dinheiro, o moleque não tá nem trabalhando?! E eles chamaram até polícia pra ver se tinha droga em casa, sorte que não tinha nada. Me revistaram, bateram revista na casa inteira, todo mundo teve que sair naquele dia.

³ Vapor se refere ao cargo de vendedor direto da droga para o usuário. Na hierarquia, um cargo abaixo do gerente “da boca”.

Aí eu fiquei de boa em casa, um tempo dentro de casa, umas 2 semanas, e o pessoal só ligando pra mim, pra saber o que tinha acontecido por que eu não tava passando pra pegar dinheiro. Depois eu voltei, expliquei pro meu patrão direitinho o que tinha acontecido e ele acabou me entendendo. Continuei. Só que teve uma vez, que chegou um amigo meu, que eu tinha conhecido não fazia nem 2 meses, ele chegou lá em casa do nada, na frente do monitor e falou assim, Gustavo, tem um rapaz atrás de você. Eu falei, mas que rapaz que é esse? Seu chefe, ele falou. Ele falou que agora que você tá devendo, ele vem atrás de você e vai te matar. E nisso, o monitor tava perto e ele acabou escutando. Aí ele ficou meio assim. Eles me proibiram de sair, eu fiquei uns 3 meses em casa sem nem sair pro quintal. Só ficava dentro da casa. Começou a me deixar revoltado, comecei a discutir com todo mundo, quebrei televisão, quebrei vidro, quebrei porta. Aí acabaram conversando com o juiz, não sei o que aconteceu, foram lá falar com o juiz e o juiz achou melhor me transferirem pra Campinas.

Passaram 2 semanas, chegou a polícia e uma assistente social no abrigo de Paulínia. Nesse dia, eu tava jogando video game, já chegaram e já desligaram o video game, que era pra eu pegar minhas coisas que eu tava mudando de abrigo. Eu tava revoltado já, saí xingando todo mundo, quebrei 2 portas, só não quebrei a mão, não sei porque, mas tudo bem. Aí fui revoltado, fui lá pra dentro arrumar minhas coisas, chorando de raiva. O povo vinha falar comigo, eu mandava todo mundo se ferrar, falava que eles só queriam me prejudicar por me mudar de abrigo, sendo que lá era o meu lugar. Minha mãe nisso, nem sabia que eu tava lá. Nem eu sabia onde tava a minha mãe, pra falar a verdade. Aí comecei a ficar mais revoltado e acabei vindo pra Campinas.

Aqui em Campinas conheci umas pessoas de boa no abrigo. O primeiro dia no abrigo foi pura raiva. Eu não queria mudar de abrigo e me mudaram pra lá, qualquer coisa que o povo vinha falar pra mim, eu discutia. Aí aqui, tem o negócio de pagar disciplina, qualquer coisa que você faz, você vai carpir, vai rastelar. Ah, você arruma alguma coisa pra fazer, vai lavar casa... Acabei me dando mal no começo, mas depois tudo começou a se ajeitar. No começo, no meu primeiro dia, falaram que eu tava olhando pra bunda das meninas, o

pastor de lá, que era o coordenador, veio falar comigo que não era pra eu tá fazendo isso, senão ele me expulsava do abrigo. Eu quase mandei ele se ferrar, mas tudo bem (risos). Eu lembro até hoje. Eu saí, tava meio revoltado, deixei ele falando sozinho. E comecei a ficar de boa. Lá dentro tinha curso, fiz curso de cabeleireiro, funilaria e pintura. Lá dentro também conheci uma menina, comecei a me envolver com ela, aí o povo toda vez falava que lá não podia namorar, que se eu continuasse, eu ia tá me prejudicando lá dentro e eu nunca liguei. Aí eu continuei e fiquei sabendo que minha mãe tinha se envolvido com drogas, tava usando crack. Eu não botei muita fé não, até que eu entrei no facebook uma vez na escola, perguntei para os moleques lá do meu bairro e eles falaram que ela tava usando droga mesmo.

Aí caiu, bateu a curiosidade minha de saber do rapaz que estava atrás de mim. Eu falei, vou saber se é verdade mesmo ou não. Fui, comecei a perguntar, todo mundo que eu andava falou que não sabia disso daí. Eu fiquei mais revoltado ainda, o moleque que eu conhecia não fazia nem 2 meses direito, chegar do nada lá no abrigo e falar que tinha um cara atrás de mim, que era meu patrão, sendo que nem os caras que conhecem meu patrão não tavam sabendo disso. Aí eu fiquei injuriado e fugi lá do abrigo. Fugi não, fui pra escola, matei aula e fui pra Paulínia resolver isso daí. Fui atrás desse moleque e acabei não achando ele, pra saber porque ele fez isso. Não achei ninguém pra eu estar conversando pra saber se isso era verdade ou não e acabei voltando pro abrigo. Aí, pra eu voltar e conseguir entrar no abrigo, tive que conversar com o assistente social pra ele ligar no abrigo pra ver se eles autorizavam eu voltar. O pessoal não queria deixar eu voltar porque eles achavam que eu tinha fugido, sendo que eu só matei aula. Fiquei lá uma meia hora na sala do rapaz, ele tentando ver o que ia fazer comigo. Demorou uns vinte minutos, até que o pessoal do abrigo ligou e me autorizou a voltar, senão era perigoso eu nem ter ficado em Campinas, era perigoso eu ter ido pra outra cidade. Eles autorizaram minha volta e eu voltei lá pro abrigo. Paguei disciplina, rastelei, revoltado, machuquei minha mão.

Figura 4: Paguei disciplina, rastelei, revoltado, machuquei minha mão.

Aí minha vida foi piorando cada vez mais, fiquei injuriado. Tava revoltado com a vida também porque minha mãe tava usando droga, pelo que tinha acontecido também no começo do meu passado. Eu fiquei mais revoltado ainda também porque minha mãe tava usando droga. Aí eu falei, quer saber de uma coisa, vou ver se eu consigo pelo menos mudar minha vida me apegando em Deus. Foi que eu tentei acreditar mesmo em Deus, o pessoal do abrigo falou que eu comecei a mudar, foi daí que eu percebi que eles tavam se iludindo porque eu tava tentando acreditar numa coisa que eu não conseguia, que é Deus. Fiquei injuriado, falei a verdade pro pessoal que eu não acreditava em Deus, todo mundo ficou de mal comigo, não quis falar comigo, eu acho que foi um mês sem ninguém falar comigo, eu sozinho.

Aí voltei a usar droga, voltei a fazer tudo de novo, pior ainda, andava com o pessoal errado aqui em Campinas, conheci pessoas de São Paulo, liguei pra um amigo meu que tava comigo lá na Febem, ele conseguiu arrumar uns negócios pra mim, umas armas e eu acabei passando pra frente pra não “moiá” pra mim, pra não dar BO. Eu consegui, peguei dinheiro, toda vez que eu

chegava no abrigo, que eu ia pra escola, tinha dia que eu matava aula e buscava dinheiro, aí o pessoal achava estranho que eu tava com dinheiro e achava que eu tava roubando. Aí começaram a desconfiar de mim, eu também terminei com a menina que eu tava namorando. Com ela eu fiquei uns 6 meses mais ou menos. Foi a menina que eu mais namorei, que eu fiquei mais tempo namorando. Acabei o namoro com ela, pra falar a verdade, ela acabou o namoro comigo. Inventaram que eu peguei ela na salinha do cabeleireiro, tal, maior história. O pessoal ficou mais injuriado comigo, eu já tava estressado com a vida, nem liguei. Eu fiquei 9 meses no abrigo e acabei subindo pra onde que eu to agora, o Jardim São Pedro.

Lá, começou a melhorar a minha vida. Eu subi, eu já tava com 17 anos. Conheci o pessoal mais de boa, os tios de lá eram mais tranquilos, começaram a me dar voto de confiança, conversaram comigo, explicaram como ia ser o procedimento lá, aí conheci também um amigo, que era o Felipe, um menino gente boa, começou a me ajudar a mudar também, eu já tinha contado a minha história de vida pra ele, ele começou a me ajudar, fez eu entender que não era certo o que eu tava fazendo, a nossa amizade crescendo cada vez mais. Eu considero ele como meu irmão hoje em dia, porque ele me ajudou muito. Muitas coisas que eram pra eu ter feito lá no abrigo, que era sair na mão com os monitores, ele sempre me segurou, não deixou eu fazer coisa errada e tal, sempre apaziguando, nunca deixou eu partir para a ignorância com ninguém. Sempre que ele via que eu tava nervoso, ele chamava eu pra conversar e perguntava se eu queria algum conselho, mas o ruim é que o moleque decidiu fugir do abrigo e agora tá morando com os pais. Isso que é o ruim, não tenho muito contato com ele agora por isso. Mas tudo bem.

Também conheci outros moleques que foram o Luiz, o Carlinhos, esses moleques sempre me ajudaram, desde que eu conheci, eles me dão conselho até hoje. A maioria das coisas que eu vou fazer, eu pergunto pra eles o que que eles acham, pelo menos pra me ajudar em alguma coisa, porque nem sempre a minha cabeça tá certa. Então eu peço ajuda de algumas pessoas que eu sei que podem tá me ajudando. Meu irmão eu só não peço porque ele tá na cadeia, senão eu pediria também pra ele.

Comecei a mudar na escola, comecei a tirar só nota boa e minha mãe continuando a usar droga lá em Paulínia. E isso que tava me machucando por dentro, eu acho. Só que sei lá o que aconteceu agora, mais ou menos na metade do ano, a minha irmã conseguiu levar a minha mãe para uma clínica, internou a minha mãe numa clínica, e isso já faz, 3 meses. Meu irmão acabou sendo preso porque se envolveu com drogas, quis seguir o mesmo caminho que eu, mas acabou se dando mal. Ele ficou no lugar errado, na hora errada. Meu irmão tá com 20 anos agora. Mas desde pequeno ele falava assim, pra não fazer coisa errada, que não era o certo, sempre me influenciava, mas mesmo sabendo que ele tava fazendo coisa errada, eu via que ele tava errando, mas tava tentando me ajudar. Aí às vezes eu fazia, às vezes não. Ele começou a se envolver com drogas, e me deixou mais revoltado por causa disso. Isso já faz 3 meses que meu irmão tá na cadeia. É... e o outro, é o irmão que eu nunca conheci, minha mãe fala que ele se parece muito comigo. Nossa, ele tem agora, eu não sei, 19 ou 20 anos, ele é 2 anos mais velho que eu. Nunca vi ele porque quando minha mãe foi ter eu, não lembro, ou foi ter minha irmã, não lembro, minha mãe pediu pra uma amiga cuidar dele, e foi pro hospital pra ter acho, um de nós, não sei quem. Essa moça acabou pegando a guarda dele, levando ele embora, mudou pro nome dela, falou que minha mãe não tava cuidando direito, tava maltratando ele e por isso ela tava passando pro nome dela. Minha mãe também nunca mais teve contato, até hoje. Minha mãe, eu acho que é meio triste por causa disso. Não teve contato muito com ele.

Minha mãe vai fazer 3 meses que tá na clínica. E minha irmã começou a ajudar minha mãe. Minha irmã disse pra mim que se ela não tivesse chegado naquele dia, se demorasse mais 3 dias, minha mãe estaria morta na cama. Ah, mas tipo... Eu não sei se foi Deus ou não, mas, eu acredito que pode ter sido e acredito que não. Porque minha irmã disse que desde o ano retrasado, minha irmã rezava pra Deus abençoar minha mãe, pra Deus ajudar minha mãe. Eu nunca fui disso não porque nunca acreditei de verdade. Minha irmã ajudou lá minha mãe, levou ela pra clínica, aí veio, explicou pra mim onde meu irmão tava. Aí minha vida foi indo assim, começou a melhorar. Foi daí que eu comecei a ter um contato a mais com a minha irmã, porque ela nunca morou

com a gente, sempre morou sozinha. Eu não conhecia ela direito, tinha visto ela pouco, 3 vezes, no máximo. Minha irmã tá com 25 agora. Ela começou a se envolver mais com a minha família, começou a buscar minhas irmãs no abrigo pra ir morar com o pai e dormir na casa dela de final semana, aí sim que ela começou a se envolver com a minha família, depois que ela viu a situação que a minha mãe tava. Aí veio, no dia do meu aniversário, me visitou, na verdade eu fui lá em Paulínia visitar ela com as técnicas. Aí começou a melhorar mais.

Figura 5: Acho que foi aí que minha vida tomou outro rumo

Acabei fazendo meus 18 anos. Pra falar a verdade, umas 2 semanas antes de eu fazer meus 18 anos, eu sentado nesse dia em casa, foi numa quarta-feira. Eu sentado, pensando, porque não tinha nada pra eu fazer, eu fiquei sentado, pensando, o que ia ser de mim se eu continuasse como eu era antes? Eu tava começando a ficar meio revoltado, aí eu sentei pra ver como

era o meu passado. Comecei a refletir, vendo que tudo que eu tinha plantado lá atrás, eu tava colhendo. Só coisa ruim, plantei coisa ruim, tava só colhendo coisa ruim. Foi que eu comecei meio que acreditar em Jesus. Eu falei tento acreditar porque eu não sei se Ele existe, mas eu to tentando acreditar. Aí eu comecei a pensar, falei nossa, ano passado eu fiz tanta coisa ruim, usei droga, machuquei muitas pessoas, acabei com muitas famílias, eu sei que eu tava acabando com a minha vida, mas eu tava acabando com a vida de muitas pessoas, vendendo pra elas. Aí parei pra pensar. Acho que foi aí que minha vida tomou um rumo.

Fiz meus 18 anos, tava procurando emprego e consegui uma entrevista, passei na entrevista. To buscando entrar na empresa e ficar lá dentro um bom tempo. Cumpri minha LA, acabei já minha medida, minha extinção chegou na segunda-feira (sorriso), agora de boa né, vou ver o que eu vou fazer da minha vida, fazer uma faculdade, acabar meus estudos.

Agora que tenho 18 anos, tenho que sair do abrigo. Eu vou morar no mesmo bairro, na mesma rua, na casa de uns amigos, esse pessoal morava comigo lá no abrigo, acabou completando 18 anos, saiu e alugou uma casa e agora tão morando lá. Eles tavam morando em 5. Até então, eu não queria morar com eles porque tinha muita gente na casa, mas acabou um indo embora porque teve que sair do serviço, o outro foi embora porque o prazo dele no serviço acabou, então ele teve que sair. Aí tão só morando 3 pessoas. O pessoal me chamou pra ir morar pra lá e eu vou. Eu conversei com o monitor lá de casa, que é o pai social, ele disse que acha bom, porque os moleques nunca tem problema, nunca escuta falando mal deles lá dentro. Se acabam falando mal, fica lá com eles mesmo, porque ninguém escuta. O tio de casa acha que é bom, mas eu vou ver com as minhas técnicas.

Ano que vem eu pretendo acabar meus estudos, eu tô no primeiro, ano que vem vou fazer supletivo, vou fazer o segundo e o terceiro, e depois vou ver se eu consigo prestar algum concurso, ou alguma coisa do tipo, fazer minha faculdade, construir né. O que eu quero é ser advogado, então eu vou ver se eu procuro fazer uma faculdade de direito, ir pros States, pros Estados Unidos. Eu quero ser advogado lá. Mas só que lá vai ser ruim, eu vou fazer minha advocacia aqui no Brasil, e quando for pra lá tem que fazer de novo porque as

leis são todas diferentes, totalmente diferentes. Aí quando eu conseguir virar advogado lá, eu vou abrir meu negócio, que é ter uma oficina de carros, na minha loja só vai ter carro importado. Pretendo, pelo menos né, vamos ver. Tentar desde o zero.

Minha vida não mudou muito, mas tenho que ter mais responsabilidade, porque antes, quando eu era mais novo, antes de ser maior de idade, tudo que eu queria, o abrigo corria atrás pra mim, tudo. Se eu queria ir ao médico, o abrigo tinha que correr atrás pra mim, se eu queria alguma coisa, o abrigo tinha que ir. Mas agora, como eu sou maior, se eu quero alguma coisa, eu não vou atrás dele mais, eu só peço meus documentos e vou fazer o que eu tenho que fazer. Ah, eu acho que foi por causa do meu passado revoltado, acho que foi por isso que eu to conseguindo crescer mais na vida, porque antes eu era muito criança, antes, qualquer coisa pra mim era brincadeira. E agora, depois do passado que eu tive, que eu vi que eu fiz muita coisa errada, eu tive muita responsabilidade desde pequeno, mas acho que foi isso mesmo que me ajudou a mudar. Agora eu to com pensamento diferente de crescer na vida, não no crime. Mas crescer nas coisas certas, arrumar um serviço, arrumar uma esposa, casar, fazer minha faculdade. Acho que isso mesmo que me ajudou a influenciar pra ser o que eu quero ser hoje.

Figura 6: Minha vida não mudou muito, mas tenho que ter mais responsabilidade

5.2 Era melhor apanhar da minha mãe do que dos outros

Com 15 eu conheci a Fundação Casa. Eu vi o que se passava do outro lado, ficar excluído... ser tratado na rédea curta, ser tratado na disciplina... Lá eu pude ver que era melhor apanhar da minha mãe, tomar puxão de orelha da minha mãe do que dos outros que eu nem conhecia.

Figura 7: Daniel

Meu nome é Daniel, tenho 18 anos, sou lá de João Pessoa, na Paraíba. Vim para cá, minha mãe falou, com 2 ou 3 anos de idade. Acho que foi por causa de um emprego, minha mãe não arrumava emprego lá, nem meu pai, e vieram para cá, eu e meu irmão, que hoje tem 21 anos. Primeiro eles vieram com meu irmão, eu fiquei lá com a minha avó e com o meu avô. Depois eles voltaram e me buscaram. Voltaram para me buscar e eu vim pra cá. Eles brigavam muito, meu pai era alcoólatra. Com 7 anos, minha mãe separou do meu pai, foi morar só eu, ela e meu irmão. Hoje a minha mãe vive com o meu padrasto, que é uma boa pessoa também, na casa dele e eu e meu irmão vivemos no

apartamento que era dela. Meu pai mora lá perto da minha mãe, no mesmo bairro. Minha mãe é diarista, faxineira. E meu pai eu não sei não, ele é pedreiro, mas não gosta de trabalhar não.

Figura 8: Eu vi o que se passava do outro lado, ficar excluído.

Com 12 anos de idade eu comecei a andar com as amizades da rua, com uns colegas e me envolvi no mundo do crime. Com 15 eu conheci a Fundação Casa. Eu vi o que se passava do outro lado, ficar excluído. Hoje eu vejo que não era isso que eu queria pra mim. E também...o que eu não quero para ninguém, ficar excluído da sociedade, ser tratado na rédea curta, ser tratado na disciplina, igual eles falam, do jeito deles. Lá eu pude ver que era melhor apanhar da minha mãe, tomar puxão de orelha da minha mãe do que dos outros que eu nem conhecia.

Hoje eu tenho 18 anos, trabalho, sou motoboy, não sou habilitado (risos). Meu irmão conhece um rapaz lá, e ele falou para ele arrumar um serviço para eu não me envolver de novo. Porque é assim, quem já se iludiu uma vez com o dinheiro fácil... Ah, me iludia né, via os caras, os bandidões lá na quebrada

com as minas bonitas, com as motonas, com os carrões, um dia eu quero ser igual, quero ter esse carro, quero ter uma mulher dessa, e é só ilusão. Todos os adolescentes são assim. Todos. Alguns é por necessidade mesmo, alguns metem a cara porque precisam. Mas eu mesmo não precisava não. Eu fui só porque eu queria ser chamado de bandido, só por isso. Eu sempre falava assim, eu não, minha mãe sempre falava assim para mim “se você cair lá dentro eu não vou te visitar não”. Aí quando eu caí lá dentro, ela foi me visitar. Porque uma mãe não abandona o filho e o filho tem que demonstrar que ele está junto da mãe. Não pode deixar ela falando sozinha.

Figura 9: Sou motoboy, não sou habilitado

Eu só espero que eu tenha um emprego bom, numa área boa. Eu queria ser mecânico. Sempre quis ser mecânico. Eu só tenho uma noção mesmo, básica. Mas ia ser bom. Parei de estudar no segundo ano, faz um ano, porque eu não conseguia mais ficar dentro da sala de aula.

Não conseguia de jeito nenhum, chegava na sala e já queria sair já. Não sei porque. Era comigo mesmo. Nem eu sabia, só não conseguia ficar dentro da sala de aula. Chegava lá e o professor começava a falar, tinha dia que eu

ficava, mas tinha dia que chegava na sala de aula e já saía, ia embora. Matemática eu não sei nada, mas eu gosto.

Meu irmão, ele é igualzinho minha mãe, igualzinho mesmo. Até o jeito de trabalhador. Sempre trabalhou, minha mãe também, sempre trabalhou. Ele nunca se envolveu, nunca colocou um cigarro na boca, isso eu admiro nele. Minha mãe também, minha mãe foi uma guerreira, sozinha dava do bom e do melhor para nós. Para os dois ela comprava. Meu avô também, que já morreu, na Paraíba, em Guarabira. Eu só não gosto de safadeza, de pilantragem. Minha mãe e meu irmão também não aturam mentira, falsidade. Nós não aturamos, nós arrumamos briga mas nós não aturamos falsidade.

Eu saí da casa, eu morava com a minha mãe. Eu saí da casa porque eu briguei com a filha do meu padrasto. Ela veio ser falsa comigo, veio falar de outra pessoa comigo, eu já briguei com ela e fui morar com meu irmão. Isso eu não aturo em ninguém, não dá para engolir não. Ah, ela falava, aí eu ficava quieto, aí ela me queimou lá no serviço e eu fui até mandado embora. Ela era encarregada, o irmão dela é da hora, ele mandou eu fazer um negócio, eu estava fazendo do jeito que ele mandou. Ela apareceu lá e disse que não era daquele jeito mas que eu podia terminar, e foi lá no líder e falou assim “eu falei para o Daniel parar de fazer daquele jeito e ele não parou. Eu já falei um monte para ela, aí eu já xinguei ela, o patrão, já xinguei todo mundo e fui mandado embora.

O maior obstáculo na minha vida foi o governo. Multa, ser preso, os cara acabaram com a minha vida. Eu estava andando errado né, mas em vez de acontecer isso com um safado, um cara que só está do lado dos outros, os policiais ainda tinham visto as marmitas na bolsa, as marmitas sujas na bolsa. É, mas fazer o que né.

Mas a coisa mais legal que aconteceu comigo foi ter voltado com essa namorada aí, foi de verdade. Faz uns quatro anos, não que nós estamos juntos, mas que nós estamos mesmo juntos faz um ano. Mas nos conhecemos faz quatro anos. Ela tinha largado de mim porque eu estava nesse mundo, ela falou que não era isso que ela queria para ela. Depois eu saí e arrumei um trampo, fiquei firmão e voltei com ela. Estou até hoje. Estou construindo um cômodo atrás da casa da avó dela. Eu não (risos), eu estou ajudando meu

padrasto. Meu padrasto que faz. Eu só ponho massa só porque eu não sei fazer nada. Outra coisa legal foi esse cara ter entrado na vida da minha mãe, porque ela precisava ser feliz. É, da hora.

Figura 10: Fiquei irmão e voltei com ela

A humilhação me ajudou a crescer. Não ajudou crescer assim, mas a humilhação foi tipo uma parede assim, para bater e falar assim, nossa, como as pessoa são. Eu trabalhava em uma grande loja ainda. Eu corto o cabelo mas eu sabia né, eu não vou cortar quadradinho porque vai que os caras implicam. Eu cortei bem baixinho aqui e meio altinho assim do exército, mas não estava quadrado. O dono da, o dono da loja (riso e balança a cabeça) o filho do dono, estava bem na portaria, cheguei e bati o ponto, ele falou assim para mim “e esse corte aí? Parece que acabou de sair da Febem”. Aí eu falei assim, “mas você já viu trabalhador ir pra Febem?” Ele chamou o pai dele, que é o dono e ele começou a falar que tem que cortar o cabelo né, na frente de todo mundo e eu servindo café lá. Ele falou pode parar de servir já vai lá. Não aparece amanhã com esse cabelo aqui não. Por nada né, os caras (riso e balança a cabeça)... Se ele chegasse em mim e falasse, mas eu estava

servindo um monte de clientes e ele falando. Chegou um dia que eu não aguentei mais, eu saía todo dia dez horas. A menina que trabalhava comigo, saía nove e vinte e eu às saía dez horas. Meu horário de sair era nove e vinte também. Mas eles falavam Daniel, fica até às dez. Dava nove e vinte eles iam lá e batiam meu cartão. Nem recebia hora extra. Um dia eu falei “já faz quatro meses que eu trabalho aqui e faz quatro meses que eu saio dez horas”. Aí ele falou, “você quer ir embora?” Eu falei “não vou sair dez horas hoje, meu horário é nove e vinte”, o que falou do cabelo, esse é o filho do dono. Ele falou “você quer ir pra casa?” Eu falei “lógico” e ele falou “então pode ir pra sua casa então, amanhã passa lá no RH”. Aí eu já peguei o crachá, já deixei lá no balcão e saí. Fui demitido. Risos. Mas eu acho que a gente tem que aprender a engolir uns sapos né. A gente tem que aprender a engolir alguns sapos. Não tem como. É só aprender a engolir. Eu já ganho a maior mixaria, os caras ainda querem tirar, não tem como. Eu acho que o único jeito é esse mesmo. Nossa, tem uns patrões que são um amor de pessoa. Esse de agora é da hora mas às vezes ele é meio chatão também. Você atrasa na entrega e o cliente liga “não chegou aqui ainda “e você está lá há maior cota procurando na listel e não está achando, está na rua, buzinando e o cara liga “o loco, tá com a roda presa?” Ele já liga falando um monte. Tem que desligar o telefone na cara porque senão, você não acha mesmo. Ixi, e quando volta com as entregas? Que não acha, que demora muito, esfria e não acha. Ele fica bravo, esquenta e manda em outro pedido.

O que eu quero pra mim?

Figura 11: O que eu quero pra mim?

Ah, só quero ser honesto, trabalhador, ter uma família. Igual uma pessoa normal. Não penso em ter riqueza. Ser rico não vou ser mesmo. É, vai saber. Mas não vou ser mesmo fácil. Então é melhor pensar em viver mesmo da melhor forma porque tirar a cadeia também não está fácil. Para alguns né, para alguns está facinho. Mas para bunda mole que nem eu está difícil também. Porque para os caras ricões, bandidos monstros que têm dinheiro, os caras tiram com telefone de wi fi, ficam mexendo no facebook, falando com a família todo dia pelo whatsapp. E comendo e bebendo de graça pelo governo. Às vezes tem até Red Whisky, Red Bull para eles lá dentro. Estão melhor que nós. Tem uns que estão melhor que nós. Agora tem outros que estão só no sofrimento, que não conseguiram nada, conseguiram só desacertos nessa vida. O melhor jeito é trabalhar mesmo, arrumar um trampo, fazer uma família né. É isso.

Primeiramente, para o jovem não entrar, tem uns que não entram né, tinha que ocupar a mente com alguma coisa, mas com alguma coisa que ele gosta e é isso que é difícil. Os caras falam da redução da maioridade e a

escola também ajuda muito. Precisa melhorar a escola. Porque uma escola não é só para você ir lá. Uma escola tinha que ser tipo a Febem. Na Febem, nós acordamos, jogamos bola, a escola tinha que ser o dia inteiro. Tinha que ser tipo um passatempo, para passar o tempo para jovem não pensar mais em nada porque se ficar na rua sem fazer nada, quer dinheiro, quer usar droga, vai no corre arruma dinheiro fácil, não arruma serviço. Quando arruma um serviço, tem que acordar sete horas da manhã para ir trabalhar. Não acorda sete horas da manhã nem para ir para a escola, que é só escrever, vai acordar para ir trabalhar? Aí vai nessa vida. Mas sinceramente, tem muitas falhas aí. Tem gente que passa o pano, que não enxerga isso, que está precisando. Está precisando de uma assistência maior aos adolescentes. Porque se dão uma assistência para os adolescentes, a criminalidade para.

Ah, eu mesmo, eu falo por mim. Eu mesmo estava fazendo esse negócio aqui (apontou uma atividade de pintura), não é um negócio tão da hora né, mas eu gostei de fazer isso. É legal. Tem muita coisa, a cabeça do adolescente é muito confusa, é muito iludida, não sei como é tão iludida. Acho que porque está começando agora e já quer ganhar tudo de uma vez só, sendo que minha mãe trabalhou vinte anos em uma casa, de uma senhora e um senhor e os dois não deixaram nem um pé de meia para ela, deixaram mas os filhos dela tiraram ela do testamento. E nós já queremos entrar nessa vida aí radicalmente, já ganhar o nosso e sair fora. Por isso que tinha que ocupar, é difícil achar alguma coisa, um futebol. Tem uns lugar que você vai e não tem nada, só tem maconha nas quebradas mesmo, uns moleques de 12 anos fumando maconha. Quando eu era moleque, eu fumo também né. Mas quando eu era moleque, tinha 12 anos, ia encostar nos caras assim, eles davam tapa na orelha e falavam assim “sai daqui moleque”. Por isso que eu queria ser igual esses cara aí. Hoje os caras encostam nos mais velhos, ninguém fala nada, eu falo, “o louco, na minha época não era assim não”. Ia lá e tomava tapa, chute, neguinho falava sai daqui, vai tirar as fraldas, sair das fraldas. Os moleques hoje estão parando de estudar para tramar na biqueira. O mundo está perdido. O problema disso tudo também é o governo. O governo é o causador de tudo, o sistema é o causador de tudo, de tudo isso que está acontecendo. Porque se tivesse igualdade, lealdade também, paz justiça e

liberdade. Tinha que ter igualdade. Onde já se viu um vereador aí que não sabe de nada ganhar 16 mil, tinha que ganhar um salário mínimo, ao meu ver, nem tinha que ser pago para entrar nessa, tinha que ser só o custo de vida para sobreviver. Igual um cara desse aí, um vereador lá do Anchieta. Fico revoltado. Nós somos trabalhadores e ralamos. Tem que pensar no futuro para a família de menino que entra nessa vida. Vou entrar nesse mundo aí, porque olha os caras do jeito que estão. Todo mundo vai ver que eu sou o bandido e tal e não é isso que acontece. Não é do jeito que nós queremos. Se fosse assim, eu não ia estar desse jeito. Se não existisse dinheiro, o mundo seria ideal. Sem dinheiro. O mundo sem dinheiro seria o mundo ideal. Imagina? O mundo sem dinheiro?

5.3 Passarinho quando cria asa quer voar

Porque foi como diz a música, passarinho quando cria asa quer voar.

Figura 12: Cleber

Meu nome é Cleber, tenho 23 anos, ufa (risos)! Hoje eu me sinto um adulto perfeito. Na juventude a gente procura acertar, mas do mesmo jeito, a gente erra muito, muito. Acaba se envolvendo com outras coisas que não são muito importantes hoje. Graças a Deus eu superei isso, foi apenas uma fase. Aquela fase, ah, vamos fazer tudo, experimenta isso, experimenta aquilo, acaba se dando mal, acaba prejudicando a saúde e a si mesmo.

Na minha história com a Ponte Preta, eu comecei a participar mesmo de jogos, quando o meu pai foi mandado embora da Mercedes. Eu falei para ele, vou começar a pegar latinhas no campo. Eu tinha uns 12 anos. Ele ficou 2 anos e pouco desempregado. Eu ia no jogo, pegava latinhas e levava para casa. Tinha um cara que me via todo dia lá e ele falava assim, ele mora aqui de frente para o campo, ele assim, “guarda essas latinhas aí, pega seu ingresso e entra para o jogo”. Eu entrava para o jogo e saía. Cada jogo, eu voltava com 2 sacos de 1 metro e meio de altura, cheios para casa, vinha à pé e voltava à pé. Dá uma hora andando. Todo jogo. Aí meu pai voltou a trabalhar e eu continuei vendo o jogo.

Figura 13: Minha história com a Ponte Preta

Eu comecei a trabalhar muito cedo. Para uma pessoa de 23 anos, é muito cedo, eu comecei a trabalhar com 11 anos, fazendo entrega de marmitex. Uma amiga da minha mãe que fazia marmitex, saía entregando e ela já tinha idade, então eu me propus a ajudar. Ou eu fazia entrega à pé, ou eu fazia entrega de bicicleta. Comecei a fazer serviço de servente de pedreiro, com 13 anos, junto com meu padrinho. Agora ele virou engenheiro, por causa de tanto serviço que

apareceu para ele, virou engenheiro, mestre de obras. E eu levantava de manhã e ia ajudar ele no serviço. Fui ajudante de serralheiro, o vizinho de trás tinha uma serralheria e não tinha gente para ajudar e eu me propus a ajudar. Depois trabalhei com jardinagem, que também foi com meu vizinho, que tem empresa de jardinagem e eu ajudei. Antes de começar a trabalhar firme e forte registrado, com 18 anos, eu tive a experiência de servir o quartel, muitas pessoas gostam, eu não gostei. Porque quartel é para uma pessoa que não gosta de trabalhar, que não gosta de ter responsabilidade. Eu sempre gostei de trabalhar desde pequeno e sempre tive minhas responsabilidades. O quartel só veio para eu perder 6 meses de experiência no meu estudo e também profissionalmente, porque nesses 6 meses eu podia estar buscando um outro serviço que me agregasse mais valores. O exército para mim, passou, terminou ali. Você não tem experiência, a única coisa que você vai ter experiência, vai ser para trabalhar como segurança de carro forte, ou seja, correndo risco de vida. Eu não tive essa experiência, mas meu primo teve, ele também serviu. A gente procura ter uma responsabilidade maior. Depois que eu saí do quartel, eu entrei para a Aprendizagem Profissional no Comec, eu já estava com 18 anos, entrei na Petrobrás e fiz um ano. Minha experiência na Petrobrás foi a melhor de todas, por mim, eu não teria saído de lá se pudesse prorrogar o contrato por mais um ano. Ali eu me sentia bem, bem em estar trabalhando naquele local. Quando eu entrei na Petrobrás foi através dos cursos que eu fiz, minha assiduidade com o dever. Viram que eu tinha responsabilidade, tudo que apareceu para mim, eu me propus a fazer, até hoje. Foi um ano feliz que eu passei. Depois de lá, entrei para a Bono, fiz serviço de ajudante de mecânico, onde eu aprendi a fazer parte da mecânica básica, simples de um carro, que é troca de freio, suspensão, alinhamento, balanceamento, cambagem. A única parte que eu não mexia era no motor e na parte elétrica. Foi o pai da minha amiga que pegou meu currículo, levou lá e eu entrei. Depois disso, eu fui para a Real Moto Peças. A Real Moto Peças é uma das maiores distribuidoras de auto peças de Campinas. Eu fui para lá e foi uma experiência de 3 meses que acabou porque eu estava na experiência e faleceu um amigo meu, amigo não, como se fosse um irmão. Então, eu tive que faltar porque eu não estava me sentindo bem para trabalhar. Ele morreu afogado, e no mesmo dia que ele

morreu, teve um jogo Ponte Preta e Santos, que ele sabia que ia ter um pouquinho de uma confusão, que eu gosto. Hoje eu não gosto tanto, mas antigamente eu gostava de uma confusão, de briga entre torcida organizada. No dia que ele morreu, ele simplesmente virou para mim e falou assim, cuidado lá, que amanhã eu não quero ir no seu velório. Ele sabia que a torcida do Santos ia vir fortemente preparada e armada. Aí, quando eu chego em casa, a notícia. Era uma coisa que eu não queria e no outro dia eu não estava me sentindo bem para trabalhar. Eu faltei e fui no enterro dele. Ao fim da experiência, eles me mandaram embora por causa dessa ausência, que foi justificada mas eles não aceitaram. Atestado de óbito, eles falam que é só de pai e mãe, nem de irmão e nem de namorada eles aceitavam.

Depois de lá, eu fiquei um tempo em casa, um tempo de 6 meses procurando um serviço na área que eu gosto, que é a parte de administração, essas coisas. Fiquei procurando e não achei. Comecei a enviar currículo pela internet, eu mandava para estoquista, ajudante geral e apareceu o Rocha, uma outra auto peças. Lá, com a minha habilidade, rapidez e eficiência, em fazer o serviço totalmente rápido, teve um vendedor que por si, tirou as peças do lugar e colocou em outro lugar e me acusou para o gerente, dizendo que eu estava colocando peça em local errado, não permitido. Depois disso, eu saí de lá e uma semana depois já era copa do mundo, entrei na Eco Beer, empresa de chopp.

Figura 14: Entrei na Ecobier e estou lá até hoje

Eu estou lá até hoje, faz 1 ano e meio. Lá tem prós e contras. Foi um amigo meu, amigo não, irmão, crescemos juntos também. Ele estava lá de ajudante e tinha um motorista, eles tiveram uma desavença, o motorista mandou o patrão ir para aquele lugar, o patrão mandou ele embora, e no outro dia o meu amigo me ligou. Foi quando eu comecei a ajudar e estou lá até hoje. Sou ajudante geral, ou seja, faço entrega, fico abaixado para fazer limpeza de chopeira que é a famosa assepsia.

Saio de lá, tenho que fazer conferência dos produtos que chegam, dos produtos que saem, tenho que fazer contagem do estoque. Eu estou no cargo de ajudante geral há um ano, e estou fazendo a conferência há exatamente um ano. E eles não pediram minha carteira para me registrar como conferente, que era o certo. Eu percebi dentro de mim, e outras pessoas também perceberam, que a empresa me agregou muito conhecimento, mas para o meu projeto de vida, não vai me agregar nada, não vai me dar crescimento. Para mim, que gosto da parte de administração, eu estou vendo que lá eu não vou crescer de vida. Hoje eu tenho uma namorada, a gente já está pensando no futuro, a gente quer comprar uma casa, fazer uma poupança, para ter um futuro e lá na

frente casar. E ali, não vou sair do cargo onde eu estou para crescer de vida na empresa, ou seja, pode passar um ano, 2 anos, 3 anos, 4 anos, eu vou continuar na mesma, sempre recebendo aumento de dissídio, que é uma vez por ano. É isso que todo adulto procura. Adulto procura crescer na vida, crescer financeiramente. Assim que passa a fase ruim, você começa a criar projetos para o seu futuro. Minha fase ruim foi dos 16 aos 18 anos. Porque foi como diz a música, passarinho quando cria asa quer voar. Eu voei, voei e vi que essa liberdade estava passando do limite. Foi quando comecei a me envolver com coisas que não são muito legais, tipo farra, virar a noite, drogas, essas coisas, cigarro... uma coisa que a gente começa a perceber depois de velho. Foi a fase ruim, quando eu comecei a perder peso, a aparência começou a mudar, comecei a ficar um pouco mais agressivo. Isso me prejudicou porque o dinheiro que tinha gastado nesses 3 anos, hoje era um dinheiro para eu dar entrada no apartamento. Dinheiro que eu gastei com balada, bebida, cigarro, drogas, um dinheiro que era para eu ter guardado, podia ter dado de entrada em um apartamento, ou estar com um carro agora. Quando você percebe isso, já é tarde.

Mas também nunca é tarde para recomeçar. Agora, eu tive um recomeço há pouco, pouco não, 5 anos atrás. Tinha que ficar procurando o que fazer, para sair desse mundo de drogas, dessas coisas. Hoje eu, graças a Deus, tenho uma preocupação. Eu estou junto com a minha namorada, a minha preocupação é o bem estar dela. O que eu puder fazer para ajudar ela, eu vou procurar fazer. Ela está num momento difícil, desempregada, a área dela é muito difícil, só contratam no final do ano e meio do ano, ela é professora de educação física. E eu estou correndo atrás, ainda mais agora que apareceu uma oportunidade para a filha dela fazer uma dança na Itália e tem que arcar só com a passagem, que é muito cara, 6 mil reais. Agora é que eu tenho que me desdobrar para conseguir fazer com que o sonho dela se torne realidade. Hoje ela está com 15 anos. O meu sonho com 15 anos, era ir para fora do país, coisa que nunca apareceu oportunidade. Não apareceu oportunidade para mim e está aparecendo para ela, tem que buscar ajudar. Se eu não tive oportunidade, vou ajudar quem tem.

Minha namorada tem 33, ela vai fazer 34. Meu projeto é comprar a casa, porque a partir do momento que a gente está trabalhando de ajudante geral, sabe que não vai sair dessa, uma vez por ano, aumentar só 60 reais no salário, não vai adiantar. Não vai adiantar porque você vai ter que pagar a conta do financiamento da casa, tem que pagar água, luz, tem que comprar comida, as coisas pra não deixar faltar, tem que comprar móveis... é uma coisa que para mim, não vai ter um planejamento, entendeu? E por isso, para mim, mês passado foi uma gota d'água porque me criticaram, coisa que eu nem estava no local, não fiz e o patrão ficou martelando, martelando... Falou que um cliente foi retirar uma chopeira e estava sem gás. Ele falou que a culpa era minha, sendo que eu estava na rua, fazendo as entregas e ele que pegou o produto. Quando você pega o produto, você tem que pesar para ver o quanto de gás tem antes de mandar. O cara não pesou. Ele não pesou e mandou. Ficou sem gás e ele ficou 2 semanas falando foi você, foi você. Aí eu me irritei e fui embora. E isso foi a gota d'água. A partir de fevereiro vou pegar minhas férias e vou procurar uma coisa para mim, uma coisa na minha área, procurar uma empresa que a gente sabe que ali vai ter um crescimento. Porque para mim é o que falta. Se eu entrar hoje como um auxiliar administrativo em uma empresa, o certo de uma empresa é de 6 em 6 meses ir graduando o funcionário. O certo, tem empresa que é de 1 em 1 ano. Mas ali eu vi que já faz 1 ano e meio e não me graduou, então, para mim, eu procuro coisa melhor, perspectiva de vida, um pouco mais assim.

Eu moro com meu pai, minha mãe e no fundo de casa mora minha avó. Por isso que eu procuro coisas melhores porque o que eu ajudo em casa não é muito. Não é muito, eu poderia ajudar mais. Mas o que acontece, meu salário lá é pouco... Quando eu entrei, o combinado era hora extra. Até hoje não vi um centavo de hora extra, nada. O mês passado foi o mês que a gente mais trabalhou, não tinha hora para entrar, não tinha hora para sair, teve uma quinta-feira que eu fiquei sem hora de almoço, só apenas comi e voltei, entrei às 08h da manhã e saí às 08h da noite, totalmente cansado, sugado. É um serviço que estressa muito, você está no trânsito, tem hora para fazer, tem cliente ligando, cobrando que você marcou hora. É uma coisa que já está me

estressando, eu procuro coisa melhor para mim. Eu procuro uma empresa que me dê crescimento e não aborrecimento.

Figura 15: Fui ter essa liberdade depois dos 12 anos.

A minha família é meu pai, minha mãe, minha avó e meus irmãos. Somos uma família que gosta de passar os finais de semana juntos. Meu irmão mais velho mora em Valinhos, mas é perto. Meu outro irmão mora do outro lado da cidade, lá no Campo Grande, longe pra caramba. Minha mãe e meu pai quando vêem que eu preciso de ajuda, eles me ajudam também. É sempre assim, um ajudando o outro. Minha mãe hoje está só com 2 casas para trabalhar, ganha mixaria porque é diarista. E meu pai está na SK, uma empresa automotiva. Meu pai era vigilante, eu comecei a mexer com parte de peças antes dele. O irmão do meio está desempregado e o mais velho está trabalhando. Tem que trabalhar dobrado, porque tem 4 filhos e está vindo mais um. Tem que trabalhar dobrado, a mulher não quer saber de levantar para trabalhar. O que ele faz, eu já não sei.

Minha infância era da escola para a casa, da casa para a escola. Não tinha liberdade para passar o final de semana, ficar na rua, brincar, jogar bola.

Fui ter essa liberdade depois dos meus 12 anos de idade. Era o dia inteiro trancado. Minha mãe me levava na escola, me deixava em casa, passava a chave e ia trabalhar. Minha infância foi isso. Hoje de vez em quando, eu saio. De vez em quando. Mas é isso, minha infância se resume nisso. Só isso, foco no estudo, foco no estudo. Mas graças a Deus eu foquei e agora procuro me graduar um pouco mais no estudo.

Na escola, eu não fiz o pré. Eu sempre gostei de aprender mas fiquei 2 dias só no pré, entrei na escola no Von Zuben, com 6 anos de idade, porque a escola do Estado naquela época ainda aceitava criança na escola com 6 anos e a do Município não. Entrei lá, fiquei 15 dias, aí a escola Municipal teve que aceitar a transferência da escola do Estado. Eu só não fiz o pré, graças a Deus eu terminei. Eu estudei em 3 escolas. A escola que eu mais estudei foi lá do bairro mesmo, a Municipal, que foi da primeira a oitava série. A escola no começo, a gente tinha mais liberdade, depois começou a se tornar uma prisão, o famoso Big Brother, a colocar câmera na sala de aula, acho que não tem necessidade, o aluno não se sente completamente seguro, não se sente focado na aula, sabendo que tem pessoas querendo ver o que está fazendo dentro da sala de aula. Creio eu que se você está dentro de uma sala de aula, você está estudando, não precisa ter uma filmagem, um Big Brother. Era uma escola tranquila. Depois começou a colocar grade na janela, nós começamos a perceber que só abria a porta para tomar um ar na hora do intervalo. Começou a se tornar um verdadeiro Carandiru. Até hoje é assim lá, não tem necessidade, o aluno não vai se sentir seguro. Por isso que a maioria das escolas públicas não têm ensino de qualidade e os alunos não se dedicam um pouco mais, porque os alunos se sentem presos, não sentem a liberdade tranquila de estudar. Quando eu fui para o primeiro ano, fiz um ano só nessa escola, não tenho o que reclamar, também não tenho o que tirar. Segundo e terceiro eu fui para uma outra escola. Na outra escola também não tenho o que reclamar, também não tenho o que tirar. Só o fato de ter que andar muito ali, de ter que ir a pé, porque não tinha condições financeiras de ir de ônibus para a escola. De boas recordações, só as brincadeiras. Ah, de ficar conversando em sala de aula, brincando, depois do término das lições. Depois que eu terminei a escola, eu não tive mais tempo para estudar, porque fui direto para o

quartel, não tive nem um pouquinho de tempo para buscar, mas agora estou procurando curso para fazer. Ah, estou procurando curso de eletricista, de piscineiro.

Amigos são poucos, colegas a gente tem bastante. Amigo é aquele que te dá conselho, na hora boa, na hora ruim, está do seu lado. Amigo eu tenho 3, 4 de verdade, que dá conselho. São pessoas boas, sempre que precisei. Um que eu conheci de lá do bairro mesmo, morava do lado de casa, o outro é da escola mesmo, desde o prezinho, do prezinho não, da creche juntos. Desde a creche, depois fomos para a escola, sempre estudamos juntos, na mesma sala. Se um caía em sala separada, o pai fazia de tudo para colocar os 2 juntos. Não lembro muito da creche, só lembro da mulher arrancando meu dente, só isso. Porque meu dente estava muito mole e ela arrancou. Ah, você vai perdendo o medo. Que nem, você tem medo de barata e sai correndo, mas você vai perdendo o medo, vai adquirindo confiança. Não me lembro muito da minha infância. Vamos traduzir, minha infância era ficar mais para dentro de casa, só saía para a rua com a minha mãe mesmo, para ir no supermercado só. Ficava jogando videogame, Super Mario. E o amigo que morava do lado de casa, a mãe dele deixava ele ir em casa pra gente brincar. Meus irmãos até hoje, por serem mais velhos, 5 e 4 anos, eles sempre me deixaram de lado. Nunca me chamaram para sair. São tipo assim, irmãos de sangue, mas de estar lado a lado, não tenho.

Meu primeiro jogo mesmo de puxador na arquibancada foi no jogo Ponte Preta e Palmeiras, na final de 2008. Faz 7 anos já, fazendo a mesma loucura. Eu desde moleque, sempre fui espoleta, gostava de brigar na escola. Gostava não, os moleques olhavam com cara torta para mim, eu sempre queria brigar, porque eu não tive o companheirismo dos meus 2 irmãos. Então, os moleques olhavam com cara feia, eu estava brigando. Tudo era motivo de briga. Aí eu pensei, ah, ficar brigando com esses moleques aí, vamos para briga maior, vamos testar coisa maior. Foi quando eu comecei a participar de briga de torcida. Pau, pedra, bomba, bala de borracha, que é da hora (risos). Aí eu gostei, parei de brigar na escola e comecei a brigar no campo. Agora hoje, eu namoro. Tem que pensar 2 vezes porque antigamente era fácil brigar, antigamente era tudo na mão, agora, hoje...

O que mudou, né? Vamos supor, a Jovem brigar com a Fúria, a Fúria sabe que não aguenta com a Jovem e pega arma. Entendeu? Inclusive no ano passado, eu tomei um tiro de raspão. Foi no jogo Ponte Preta e Santos, a gente se reuniu no DIC, a gente vindo do DIC e os caras pararam na frente do ônibus e queriam brigar. Nós descemos, nós não vamos correr. Os caras são homens como nós? Aí nós começamos a bater neles e eles descarregaram 2 armas. Não pegou em ninguém, só uma que pegou de raspão em mim e em outro amigo meu. Depois disso, penso 2 vezes antes... fico piano. E até hoje, tamo junto.

Figura 16: Tamo junto

Ah a gente é adulto, mas de vez em quando, a gente tem uma mente que é de criança, né? A gente tem que brincar um pouco. Quando eu estou com a minha namorada, de vez em quando a gente faz umas brincadeiras que a gente se acha criança, tem que ser. Quando estou no serviço, tenho que ter responsabilidade.

Conheci minha namorada na Ponte Preta. (Risos). Para falar a verdade, a gente se conheceu assim, como eu sou diretor de arquibancada e tenho um pouquinho da responsabilidade da bandeira e faixa, nesse jogo, eu estava responsável pela bandeira e pela faixa, Ponte Preta e Red Bull, 28/02, último dia de fevereiro. Eu estava lá, o policial fazendo a revista e eu vi uma

menininha correndo, subindo a escadaria e falei “aquela ali vai ser minha”. Ela estava com a amiga dela e a amiga dela é conhecida minha. Eu estava no jogo e como eu sou puxador, o estádio inteiro me vê, ela me viu e falou assim, o que eu falei para os meus amigos, ela virou para a amiga dela e falou assim “aquele puxador ali vai ser meu”. A gente se conheceu numa brincadeira, eu fiz uma brincadeira com uma amiga minha lá e falei “ei, fedida”, e dei uma cotucada assim na barriga. Ela olhou para mim e eu falei assim “ah, ta com ciúmes”, e brinquei também né. Cheguei em casa, a Ponte ganhou, quer dizer, nem cheguei em casa, parei no boteco para tomar uma. Aí tomei uma, duas, três, cheguei em casa era meia noite e meia, estava lá o pedido de adiconamento dela. Adicionei, normal, no facebook. É, add. Eu comecei a conversar, perguntei a idade, se ela tinha namorado. Nós dois começamos a conversar, conversa vai, conversa vem, ela nada de me dar uma entrada, aí eu, “é hoje”, mandei mensagem para ela “você tem whatsapp”? Ela falou “tenho”. Eu “onde você mora”? Ela “no Von Zuben”, eu falei, olha, mora perto de mim. Ela assim “onde você mora”? Eu “moro em tal lugar”, ela “ah, então tá bom”. Eu perguntei “como você faz pra ir no jogo”? Porque o jogo acabou era onze e meia da noite. Ela falou assim “eu vou de carro”. E eu, “ah, entendi”. Aí eu mandei mensagem pra ela “você tá a fim de nós se ver hoje”? Isso era dia 1° de março, e ela “ah, é que eu combinei com minhas amigas de ir no pagode”. Eu falei “o louco, deixa de ir no pagode e vem me ver, né”? Ela “ah, é que eu já combinei”. Eu falei “qualquer coisa, se não for, já sabe onde eu estou”, mandei a localização. Aí deu 1:30 ela falou “ não vou mais”, aí eu falei “então tá bom”, ela falou “vou aí te ver”. Aí, dei uma volta com ela para ela conhecer o bairro, levei ela na sorveteria e ela não podia, não é que ela não podia, é que ela estava de dieta. E eu já comecei logo tirando ela da dieta! Comprei um sorvete, tomei um sorvete e foi aí que tudo começou. Vai fazer 9 meses já. Milagre tanto tempo com a mesma mulher. A única que durou bastante mesmo foi a Carol, um ano e oito meses. A gente terminou, eu estava com 16 anos, olha o tempo. Era uma para cada mês, é verdade. Agora a Julia, estamos apaixonados.

Eu quero com 27 anos já ter minha casa comprada, esse é meu projeto. A longo prazo? sim. Difícil? Sim, mas também não é impossível. Saber trabalhar,

planejar bem, buscar o que agrega valor para você. E aí sim você vai conseguir crescer. O curso do Comec, o que o dia-a-dia me traz, me ajuda a saber me segurar. Você pode estar o mais nervoso, mas tem que saber se segurar para não perder a razão. É isso aí.

5.4 Às vezes eu fico perdida, é bastante coisa que eu tenho que pensar

Às vezes eu fico perdida, porque eu queria fazer uma coisa, mas aí eu tenho que fazer tal coisa e tem mais isso que influencia. É bastante coisa que eu tenho que pensar.

Figura 17: Mariana

Meu nome é Mariana, nasci dia 26/08/94, tenho uma irmã gêmea. Eu já tinha outro irmão, que nasceu 2 anos antes e eles eram gêmeos também mas um morreu não sei de que. Ele morreu pequeno, tinha meses e ficou só meu outro irmão. A gente tinha 2 anos de idade mais ou menos, o meu pai faleceu, então

a gente ficou com a minha mãe, só que ela não tinha condições de cuidar da gente, nem mental e nem financeiramente. Ficamos temporariamente com alguns vizinhos, um casal, e passamos para uma família. Ficamos com essa família até uns 11 anos e mudamos para uma outra família, eu e meus irmãos. Estamos com essa família desde então. Meu pai faleceu, ele foi assassinado e a minha mãe, a gente não tem mais contato com ela. Quando passamos para a primeira família, ainda a víamos muito pouco e com o serviço social. E a última vez que eu a vi, tinha 5 ou 6 anos. Então depois disso, não tive mais contato com ela, nem sei se ela está viva, nada. A primeira família já tinha 3 filhos e aí pegou mais 3, ficou um pouco difícil até para eles. Meu irmão tem deficiência, ele tem um retardo mental, frequentou a APAE, agora ele está trabalhando na PUC. Mas com a família fomos bem assistidos. Tivemos alguns problemas mas fomos bem assistidos. A gente tinha 11 anos, eu e a minha irmã. Meu irmão tinha 13 anos. Eu não sei exatamente, mas acho que por problemas e também haviam os outros filhos deles e não dava mais para continuar com a gente e por isso mudamos.

Vimos para essa família que estamos até hoje, acho que faz 10 anos. Essa família é minha mãe Neide, meu pai Paulo, um filho biológico, o Mateus, eu, minha irmã Miriam e meu irmão que é de sangue, o Celso. Então eles pegaram nós três. O Celso é o que tem deficiência.

Quando a gente passou com eles, já tinha 11 anos e um pouco de bagagem da família anterior. Então, para minha irmã nem tanto, mas eu sofri um pouco mais porque o estilo era diferente. Enquanto lá na primeira família, minha mãe era mais calma, tranquila, essa de agora não, fala alto e tal. Para mim teve bastante diferença, eu tive que aprender. Isso sempre foi difícil para mim e reflete um pouco agora porque minha mãe fala, “ah, eu queria que você fosse mais minha amiga e tal”. E eu não sou, acho que sou um pouco distante dela. Mas ela é totalmente diferente, ela briga ou fala alguma coisa, e na outra hora ela já esqueceu, já fica de boa. E para mim não, eu fico sofrendo o dia inteiro (risos). E isso que foi o mais difícil. E a minha irmã, a gente é gêmea, mas é totalmente diferente, na personalidade, no físico também. Eu sou mais calma, mais tranquila, mais caseira. Minha irmã é um pouco diferente (risos). Exemplo, eu uso roupa mais aqui assim (aponta o pescoço), fechada, calça.

Minha irmã não, ela está de shortinhos, alcinha. Eu nem tenho blusa de alcinha. Ela tem um monte de alcinha, shorts. Ela usa shorts aqui (aponta a coxa), eu não consigo, eu uso aqui (aponta o joelho). Eu e ela somos bem diferentes na personalidade.

Minha mãe briga, fala alto, meu pai não, ele já é mais calmo. Então, tem coisas que eu converso mais com o meu pai do que com a minha mãe. A outra família que a gente estava, frequentava uma igreja, a gente ainda frequenta. E a própria igreja fez a intermediação. Eles perguntaram se algum casal queria e perguntaram para minha mãe se ela queria escolher alguém. Aí ela falou “eu não vou separar eles, eu vou ficar com os 3.” A igreja fez essa intermediação e finalizou com a Vara da Infância. A igreja de Cristo fez bastante diferença na nossa vida porque se não fosse a igreja, ou mesmo Deus, eu não sei onde estaria hoje, talvez eu estaria com a primeira família, com a minha mãe biológica, seria uma perda (risos). Eu não sei, eu fico pensando, se eu estivesse com a minha mãe biológica, eu teria um rumo totalmente diferente do que com essa família, com a igreja, Deus.

Figura 18: Eu sempre gostei de estudar

Eu sempre gostei de estudar. Estudei da primeira à quinta série em uma escola, aí mudei. Na verdade foi até a quarta série. Na quinta série eu mudei para outra escola, perto de casa mesmo, eu morava na Vila União. Da primeira à quarta, estudei na escola da Prefeitura e depois da quinta série, na escola do Estado. Na quinta série, eu estudei na Raquel de Queiroz, e foi bem na época dessa transição de família. Então, eu fiz metade da sexta série na Raquel de Queiroz e terminei no Matosinho. Depois a gente mudou de casa, com a família que a gente está hoje. Morávamos no São Bernardo e mudamos para a região do Ouro Verde, que é onde eu estou hoje. Mudei para uma outra escola lá, o Benevenuto. Eu fiz a oitava série lá e no primeiro ano mudei para o Padre José. Fiz o primeiro ano lá (risos), na verdade fiz a metade do primeiro ano lá (risos) e depois fui para o Veneranda que é perto de casa e eu terminei o Ensino Médio lá.

Foi bastante mudança. Foi legal em cada uma delas que eu passei, eu gostei bastante. Quando eu era criança, eu estudei no Emilio Miotti, da primeira à quarta série. Lá eu fiz bastante amigos, tem uma amiga que eu encontrei no facebook recentemente. Eu gostei bastante porque lá tinha Olimpíadas, era uma semana de jogos na escola. Eu gosto de futebol, então eu sempre joguei futebol. Aí eu mudei para o Raquel de Queiroz. Lá eu fiquei um pouco rebelde (risos). Ah, porque eram amigos novos e também porque nessa primeira família, minha mãe dava aula de artes lá. Então, não sei (risos), acho que combinou tudo e eu não fiz as amizades corretas lá. Eu conversava com algumas meninas que eram bagunceiras e, no meu estilo, eu nunca fui bagunceira, sempre fui o tipo quietinha da sala. Mais essa escola mesmo que eu fiquei um pouco rebelde, mas foi só nessa série, na quinta série (risos). Fiz ela inteira lá e depois fui para o Matosinho. Lá eu gostei bastante, o ensino era bem forte e eu gostava de português. Ainda gosto, né? A professora era muito boa e ela era assim, tinha dias que ela perguntava quem queria dar aula sobre tal assunto, aí era bem legal. Eu dei uma vez a aula sobre preposição (risos), até hoje eu lembro. Foi legal e eu era muito tímida e eu consegui falar, levei minha cola e fiquei lendo, foi bem legal. O Matosinho foi uma escola diferente porque tinha a sala de leitura. Lembra que tinha as almofadas aqui (se referindo ao espaço de leitura do Comec), então, no Matosinho tinha também.

Era bem legal, mas eu fiquei uma série só. Mas não é uma escola que eu sinto saudades.

Figura 19: Lá eu tenho saudades

Depois eu fui para o Bene, Benevenuto. Lá eu fiz alguns amigos, mas também não era uma escola que eu eu tenho saudades, porque tinha uma professora que eu não sei por que ela não ia com a minha cara (risos), ela até me trocou de sala. Eu não sei por que, mas aí fiquei nessa sala e a professora de português era muito boa também e eu acabei gostando. Mudei para o Padre José e lá eu tenho saudades porque participei de vários projetos. Tinha um que era o Educar De Paschoal, eu fiz esse projeto por 6 meses. Ah, era um projeto bem legal, chamava Oasis. Primeiro, a gente fazia um grupo do próprio projeto e ia em 2 escolas. Víamos qual era a necessidade da escola ou da comunidade ao redor da escola e fazíamos o que eles queriam. No projeto que foi da Educar, a gente fez uma pracinha, perto da escola. Aí, participando desse projeto, tinha que reproduzir isso na nossa escola. Aí fizemos também uma pracinha. A comunidade, no começo ficava “mas quem são vocês, vocês querem mudar aqui?”. Eram 2 dias, sábado e domingo. No final do domingo, foi

muito legal porque tinha um monte de gente da comunidade ajudando a fazer. A gente fez boneca, casinha para as crianças, um monte de coisas. Como eu fiquei só meio período, só deu para fazer esse projeto. Eu participei desse e de outro que era paralelo, com a Polícia Militar. Era um policial militar que ficava na escola, fazia palestras. Então, a gente tinha um grupo que conversava sobre várias coisas, tipo drogas, essas coisas. Teve uma palestra que a gente fez também, eu lembro que era sobre drogas (risos), é o que mais se fala. Eu fiz metade do primeiro ano no Padre José e depois eu fui para o Veneranda. E lá eu terminei o Ensino Médio. Eu tinha um preconceito com a escola, como era perto de casa, eu pensava, ah, lá o ensino não é bom mas eu acabei me surpreendendo. O melhor período que eu tive da escola foi lá, porque eu era boa aluna, então, eu ganhei prêmios de redação, tinha vários projetos na escola. Eu sempre gostei de participar de projetos (risos). Tinha um que era de sábado, que era ou português ou matemática. E eu fiz de português, eu e minha irmã. Era do Instituto Unibanco. E era uma professora que ia lá, dava aula de português e redação. E eu e a minha irmã ganhamos um prêmio, ela ganhou em primeiro lugar e eu ganhei em segundo. E a gente ganhou até um prêmio da escola de melhores alunas também. E teve um projeto também, que esse foi do Estado, que você podia escolher entre aulas de inglês, francês ou espanhol. E era para alguns alunos, não era para todos. Eu fui selecionada e fiz francês, na Wizard. Eu tenho até o material, o professor lá era super de boa. Eu não pude terminar, eu fiz 1 mês, 2 meses de curso e entrei na Net (empresa de telefonia, internet, TV a cabo) e o professor falou que a sala já tinha pouca gente, se eu saísse, a turma ia acabar. Aí o professor falou assim, “vem aqui, assina a lista, para a gente pelo menos não perder o curso”. Ele deixou eu ficar com o material, eu ia lá no final do mês e assinava a lista de presença (risos). Eu sempre olho o material. Esses dias mesmo eu olhei e falei assim para o meu namorado, “eu quero ir para Paris”. Ele falou “a gente pode ir mas eu quero ir pelo menos sabendo alguma coisa da língua”. Aí eu comecei a estudar francês com ele (risos).

Teve um projeto também que eu participei que era da Unicamp, chamava Pic Junior. Esse foi muito legal, eu fiz um ano. A gente fazia uma redação na escola e eles faziam uma seleção, as melhores eles mandavam para a

Unicamp, que fazia uma seleção das 2 melhores redações da escola. Eu fui selecionada. O programa era de um ano e eu fiquei no IFCH, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Foi muito legal, a gente mexia em documentos. No Pic Junior, a gente lia os documentos do Paulo Duarte e fazia uma ficha técnica dele, ah, esse documento contém isso e isso, fazia um resumo do que tinha no documento e arquivava. Depois eles escaneavam e colocavam na internet para os pesquisadores. Por exemplo, eles querem pesquisar tal assunto, para eles não precisarem ficar olhando a pasta inteira, eles iam na internet e viam tal pasta tem tal assunto. Entendeu? Eu fiquei fazendo isso lá no IFCH um ano e foi logo quando acabou a escola. Aí acabou, depois eu fui ver faculdade. Eu fiz o ENEM, eu queria fazer História na PUC, que foi o que me influenciou. Prestei o vestibular da PUC, passei, só que é particular, eu tinha que pagar a mensalidade que era 800 reais (risos). Na verdade, a matrícula era 800 reais, eu falei “nossa, eu não tenho esse dinheiro”. Aí eu acabei desistindo da PUC, de História. Logo que eu fiz, eu fiquei sabendo daquele vestibular da PUC, aquele vestibular social. Eles falaram que quem já tinha feito a prova da PUC, não precisava fazer o vestibular social, só o cadastro. Eu fiz e fiquei esperando e eles não chamaram. Aí eu não consegui entrar. Mas em paralelo eu tinha feito o ENEM e aquela bolsa do Prouni. Eu consegui 100% na Policamp e lá eu fiz Comunicação Institucional. Mas eu me arrependo um pouco. Eu gostei do curso, eu aprendi bastante coisa, é bem legal o curso. Mas eu me arrependi, primeiro porque a bolsa, depois eu não consigo fazer outra faculdade com a bolsa do Prouni. Se eu soubesse disso, eu não teria feito, teria pesquisado mais afundo o curso que eu queria, que era História. E eu acabei fazendo esse, e eu não podia depois ter outra bolsa. Era mais complicado, mas tem o FIES também. Na minha cabeça eu tenho que o FIES não é uma coisa tão boa porque tem o período que você não paga mas depois você tem que correr atrás para pagar, tem essa pendência, depois te atrapalha em alguma coisa. Mas eu ainda quero fazer faculdade. Eu quero fazer História ou Letras, estou entre essas duas.

Figura 20: Eu quero fazer História ou Letras

Eu trabalhei em 3 locais. Na Net, quando saí da Net eu trabalhei em um consultório, mas eu fiquei lá um mês porque era muito parado (risos) e a moça que ficava lá, reclamava de tudo e xingava todo mundo (risos). Aí eu falei, “ah não, essa vida não é pra mim não”. Fiquei lá um mês e fui trabalhar na Vivo. Na verdade, trabalhei no call center, na Atento. Na Net, eu trabalhei 2 anos como aprendiz, e foi uma experiência muito boa. Na verdade, eles não viam a gente nem como funcionários efetivos e nem como estagiários. Não sei explicar como eles viam, mas eu fiz bastante coisa lá, aprendi bastante, e a Karina, que era minha coordenadora, também me orientou bastante, ela sempre me aconselhava. Depois dos 2 anos de aprendiz, eu saí. Eu estava fazendo faculdade e a minha coordenadora fazia um curso de pós na Policamp também. Eu a via de terça-feira, e ela me perguntava, “Mariana, você voltaria para a Net?”. Eu falava “não sei”. Uns 7 meses, 8 meses depois ela me chamou, mandou uma mensagem “Mariana, tem uma vaga aqui, se você quiser, manda um currículo pra mim”. Mande. No começo, eu ligava para ela todo dia, mas depois de um mês sem a gente se falar, eu já até tinha

esquecido. Eu mandei o currículo e tinha feito entrevista, mas já tinha esquecido porque demorou muito para chamar. Eu estava na Atento, fazia 4 meses, 5 meses. Eu trabalhava no call center mesmo, atendia telefone fixo. Abriu um concurso interno para poder mudar de área, fiz e passei para outra área que não era atendimento ao cliente, era atendimento ao pessoal interno. Só que no meu segundo dia, a Net me liga que já era para eu levar os documentos, fazer o exame médico. Eu falei “nossa...” Eu não sabia nem como falar com a minha nova coordenadora na Atento que eu teria que sair. Mas eu cheguei e falei, “tem isso, isso e isso, a vaga é melhor, vou receber mais e tal e tal”. E ela aceitou numa boa. Na verdade, como eu trabalhei lá como aprendiz, a gente criou meio que uma família. A Net não era nem muito grande e nem muito pequena em relação aos funcionários. Era unida. Então era uma família e eu decidi voltar por isso. Eu já conhecia a empresa, já tinha boas referências e por isso que eu decidi voltar.

Aquele projeto me despertou para fazer História, só que quando eu acabei o Ensino Médio e estava nessa transição para a faculdade, eu trabalhava na Net. Então, eu estava também procurando um curso que se encaixava na Net porque eu também queria ficar na Net. E aí eu pesquisei e achei esse curso na Policamp, que era Comunicação Institucional, que é tipo Publicidade e Propaganda. Aí eu falei, “se encaixa, legal”. Acabei fazendo o curso, mais por conta disso. Só que na verdade, quando eu ganhei essa bolsa, eu nem tinha visto que eu estava concorrendo a essa bolsa. Aconteceu que eu fui na casa da minha prima, que também estava fazendo Enem e ela falou “vamos entrar no site para ver o Prouni”. Eu entrei e ela falou “nossa, você está em segundo”. Só faltava um menino para ser chamado e eu comecei a acompanhar e fui atrás de curso, senão eu nem ia fazer. E como eu pesquisei na internet o curso, eu vi que estava um pouco dentro da Net.

Eu trabalho na Net agora na área administrativa. Eu descobri o que eu gosto e o que eu não gosto. No começo, quando eu voltei para a Net, tinha um menino que cuidava da parte de telefonia e ele mudou de área. Então eu acabei assumindo essa parte, que é mais telefonia fixa. Então como o espaço físico lá é grande, tem vários ramais. E a Net toda hora cresce e diminui, cresce e diminui. Então fica nessa, tira ramal, põe ramal, tira ramal, põe ramal.

E eu acabei fazendo isso. Então tem uma área lá que é o CPD, onde fica a parte de telefonia, de rede, de internet, e sinal também da Net. E eu acabei mexendo com isso. Nunca imaginei que ia mexer com isso e acabei mexendo e eu gostei. E até o fornecedor que a gente tem lá falou, “nossa, quando me falaram que você ia cuidar da parte de telefonia, eu me assustei, como uma menina desse tamanho vai cuidar desse negócio?!” (risos). Ele falou que se surpreendeu porque eu não sabia nada e eles foram me ensinando. Ele chama Danilo, o fornecedor, eles foram me ensinando a mexer, o Ricardo, que era o menino que trabalhava antes, também foi me ensinando a mexer. Então hoje eu sei trocar um ramal, sei trocar o conector, e às vezes eu peço o alicate para os meninos e eles pensam que eu não sei trocar. Aí eu falo “eu sei trocar, viu”. Uma vez, o menino que dá treinamento para os técnicos, ele tem cabo, alicate, todas essas coisas e eu fui pedir um alicate para poder trocar o conector do cabo de telefone que não estava funcionando. Ele perguntou “mas você sabe fazer isso?” Eu falei “eu sei”. Ele “você sabe? Mas deixa aqui que eu faço”. E ele não deixou eu fazer. E o cabo é diferente porque a gente tem telefone analógico e telefone digital. E ele não sabia disso. E eu falando para ele “mas o cabo é diferente” e ele “mas esse aqui dá” e eu falando “o cabo é diferente, não vai dar”. Aí ele fez o cabo e eu fui testar. Subi, testei e não funcionou. Eu falei “dá aqui que eu faço”. Fiz o conector, subi lá e voltei e falei “funcionou”. Risos. Mas ele nem acreditou, “nossa, ela sabe fazer”. Foi uma área que eu gostei de fazer. Até minha gerente me elogiou por conta disso. Tem essa parte que eu gosto de fazer e tem a parte que eu não gosto de fazer que é ficar parada no computador o dia inteiro. Até o pessoal lá na área diz que eu fico voando, me chamam de borboleta, porque eu fico voando, não consigo ficar muito tempo parada lá no computador. Para mim, é a morte ter que ficar o dia inteiro lá. É por isso que eu quero fazer uma faculdade para poder dar aula, porque não é uma coisa que você fica o dia inteiro parada no computador.

Na verdade, quando eu pensei em fazer História, eu queria fazer História para pesquisa, mas a única faculdade que tem isso é a Unicamp e assim, eu estudei a vida inteira em escola estadual. Eu teria que sentar, parar e estudar, coisa que, trabalhando, não ia dar. Então às vezes eu penso, eu poderia ter largado a Net, porque quando eu comecei a trabalhar, eu não precisava

trabalhar. Eu tinha essa escolha entre trabalhar e estudar. Depois eu fiquei pensando, devia ter ficado estudando para entrar no que eu queria, mas...passou. Eu queria ser pesquisadora, mas só teria na Unicamp, então eu mudei de ideia. Na verdade, o que me fez mudar de ideia, foi um livro que eu li, do Augusto Cury que chama “Pais brilhantes, professores fascinantes”. Eu li esse livro e foi o que me fascinou para querer dar aula. Fala em encorajar o jovem a seguir os sonhos dele. Fala mais em ensinar a pessoa a buscar as coisas que ela pensa. Eu achei bem legal e foi por isso que eu quis fazer licenciatura e como eu gosto de História, eu pensei nessa área.

Figura 21: Aí os planos mudaram

Eu comecei a namorar faz 2 anos, conheci ele na igreja. Foi uma amiga minha que começou a namorar, estava nessa transição de amizade para namoro. A igreja que eu frequento tem em vários bairros, eu frequentava a que é no São Bernardo e ele frequentava a que é no Guanabara, na Avenida Brasil, sabe? Cada um frequentava uma igreja, essa amiga, o namorado dela é do Guanabara, então a gente foi lá. Como ela estava começando a namorar, ela falou, “ah, Mariana, e o Bruno? Ele parece ser legal”, eu falei “é”. O namorado

dela conversou com ele e a gente começou a conversar pelo facebook. Depois de um mês, a gente começou a sair e depois de uns 3 meses, a gente começou a namorar. Em outubro faz 2 anos que a gente está namorando. Aí os planos mudaram um pouco. Então meu plano agora é casar e depois fazer a faculdade. Ele trabalha no The Royal Palm Plaza (Hotel) e lá eles estão fazendo expansão. Ele começou a fazer o técnico agora e depois vai fazer a faculdade. Eu dei a ideia para ele, que quando começar a fazer faculdade, a gente começa junto, aí os dois ficam ocupados.

Eu não sei dizer se é complicado ou não, porque desde pequena eu tenho responsabilidades. Minha mãe me fez ter responsabilidades por causa do meu irmão. E faz mais ou menos 1 ano que minha mãe e meu pai mudaram de cidade. Nessa época, minha irmã tinha saído de casa também. Ficou morando eu, meu irmão Celso e meu irmão Mateus e a namorada dele. Ficou morando nós 4, só que eu e o Mateus, brigávamos um pouco, a gente não se dava bem (risos). A casa que a gente mora é um pouco grande, então a minha mãe dividiu ao meio. No fundo morava o meu irmão e a namorada dele, que agora já é esposa dele e na frente morávamos eu e o meu irmão, o Celso. Já faz mais ou menos 1 ano. Desde essa época, na verdade antes, porque minha mãe já me fazia cuidar da roupa dele, cuidar das coisas e quando ela se mudou, eu já cuidava dele. Éramos só nós dois. Eu fazia as compras, mas minha mãe estava todo final de semana em casa, ela ajudava. Mas eu tinha que ter responsabilidade durante a semana. Eu nunca fui de sair para balada. Sempre ia do trabalho para casa, sempre foi essa a minha rotina. Saí um pouco quando eu comecei a namorar, ia para outros lugares. Mas mesmo assim, de um ano para cá, eu não podia sair muito porque eu tinha que ir para casa. E tem sido essa a trajetória para mim. Trabalhar e cuidar do meu irmão, e depois estudar.

Faz 2 anos agora que ele está trabalhando na PUC, a APAE indicou. No comecinho, ainda tinha esse acompanhamento da PUC com a APAE. Mas a PUC tem um projeto próprio para deficiente. Então depois de uns 2, 3 meses a APAE se desligou e agora ele não tem nenhum contato com a APAE, é mais com a PUC mesmo.

Eu já falei para o meu namorado que quando a gente casar e tiver nossa casa, ele vai morar com a gente. Porque como eu te falei, minha irmã é bem diferente de mim, até nas responsabilidades. Exemplo, ela está trabalhando agora, se ela vai para algum lugar e não dorme em casa, ela não avisa. E eu brigo com ela toda vez porque ela não avisa. Ela tem irmã que espera ela voltar pra casa e não avisa “ah eu vou para tal lugar e não vou dormir em casa hoje”, não, ela não avisa. Hoje moramos eu, minha irmã e meu irmão. E eu já falei para ela que até o ano que vem eu vou casar e ela vai ter que ficar com o Celso e ela “não, que não sei o que”. Mas eu já falei, “você vai ter que ficar”. Mas eu e o meu namorado, a gente vai casar agora e deu entrada em um apartamento, que só vai sair em 2018. Enquanto isso, a gente vai ficar na casa dos meus pais. Então, tem um pouco dessa transição para minha irmã ficar com ele. E depois, com o apartamento em 2018 e a gente quer ficar pelo menos um ano, um tempo só nós dois né. Vamos ficar um tempo em casa mais para criar essa responsabilidade na minha irmã e depois a gente muda. Mas ele está nos nossos planos. Eu já falei para ele que depois, futuramente, vamos ter um quarto que vai ser dele.

Eu tive que criar responsabilidade por causa do meu irmão. Então, tem coisa que eu planejo mas não dá para fazer por conta do meu irmão. Tem lugares que eu quero sair mas não vou por conta do meu irmão. Ele fica em casa, mas eu não gosto de deixar ele sozinho em casa. E ainda mais que meu namorado tem moto. Então, às vezes a gente vai para alguns lugares e não dá para levar o meu irmão. Às vezes eu até fico com peso na consciência, eu e ele vamos de moto e meu irmão vai de ônibus, entendeu? Ainda mais de sábado, de domingo que o ônibus é bem demorado, então acaba sendo ruim. Acho que talvez eu esteja enfrentando agora os maiores obstáculos.

Eu tive bastante oportunidades, o Comec foi uma mega oportunidade, porque foi mais aqui que aprendi a falar, a perder o medo de falar em público e consegui um emprego. E foi fundamental porque hoje eu estou num emprego que eu trabalhei quando era aprendiz. Foi uma das maiores oportunidades que eu tive. E minha família, também foi uma oportunidade que eu tive.

Às vezes eu fico perdida, porque eu queria fazer uma coisa, mas aí eu tenho que fazer tal coisa e tem mais isso que influencia. É bastante coisa que

eu tenho que pensar. A Net é um emprego que eu gosto mas não é um emprego que eu quero para o resto da vida. Tem gente que está lá há 15, 20 anos, eu não quero isso. No máximo 5 anos para trocar o cordãozinho e ganhar o vale presente. Mas só. Risos. Não quero ficar mais que isso. E também, eu estava vendo, o nosso apartamento que compramos, fica atrás do The Royal. Ele trabalha e gosta de lá, que também foi o primeiro emprego dele, entrou como aprendiz, e já está há 5 anos. Lá e ele tem bastante oportunidade. Agora ele começou a fazer o técnico, ele trabalha como eletricista. Estava como eletricista júnior e agora passou para eletricista pleno. E o The Royal está aumentando bastante, criando novas unidades, então ele falou que ele almeja a vaga de supervisor e assim, em seguida. Mas o que ele pensa agora é de supervisor, que ele está estudando para isso. Eu pensei, já que a gente vai morar ali do lado, seria legal a gente trabalhar lá perto. E o The Royal tem algumas áreas que são legais também. Pelo menos por agora, enquanto eu não acabo a faculdade. Que eu ainda vou fazer. (risos). Ah, eu quero dar aulas, na verdade, eu gosto de pensar grande. Eu penso assim, em dar aula, poder ser coordenadora pedagógica, até ser diretora de escola. Eu prefiro os jovens porque você pode colocar uma visão para eles né.

Figura 22: Eu prefiro os jovens

VI.RESULTADOS E DISCUSSÃO

Onde há vida, há inacabamento.

Paulo Freire

6.1 Percursos familiares e de vida, afetos e amizades sob a marca da vulnerabilidade social

Os percursos familiares e de vida dos jovens entrevistados refletem o padrão de exclusão social vivida pelos jovens pobres brasileiros, além das incertezas em relação ao futuro (Abramovay, 2002). Estes, bem como uma parcela significativa dos jovens brasileiros pobres, constituíram suas trajetórias de vida em situações de rupturas familiares, de desemprego ou emprego precarizado, de trabalho infantil, de institucionalização, de envolvimento com o ato infracional, podendo ser qualificados como os “sobrantes” sociais de que fala Castel (1997, p.29)

A vulnerabilidade social está presente em todas as histórias, mesmo que em diferentes níveis, e são resultantes do desemprego e da precarização do trabalho dos jovens e de suas famílias, da fragilidade de seus apoios relacionais ao longo da vida e da falta de acesso às políticas sociais. As condições de vulnerabilização por eles vividas impactaram seus percursos familiares, resultando em acolhimento institucional e encaminhamento à família acolhedora para dois deles.

As histórias revelam que as vidas desses quatro jovens foram se constituindo em meio às eventuais possibilidades, solidariedades e oportunidades sociais que lhes surgiam no caminho. Ainda, pelas resistências e redes de apoio que foram se construindo por meio das amizades, de alguns relacionamentos afetivos e de programas sociais que frequentaram.

Castel (1997) entende que a vulnerabilidade social é resultante da erosão dos sistemas de proteção social que causam um “deficit de integração social com relação ao trabalho, à moradia, à educação, à cultura, etc.” (Castel, 1997, p. 41). Assim, ao pensar a questão social propõe discutir a vulnerabilidade social, como resultante de fragilidades na sociabilidade familiar ou na integração com o trabalho. Indo além, propõe o conceito de desfiliação, ou seja, quem está à margem da sociedade, como resultante de uma ruptura dos laços sociais e na relação com o trabalho.

Castel (1997a, p. 23), ao discorrer sobre esses processos de desligamento, organiza gradações desses eixos: zona de integração (o trabalho é estável e há forte inserção relacional); zona de vulnerabilidade (o trabalho é precário e são frágeis os laços relacionais); e a zona de desfiliação (há ausência de trabalho e isolamento social), este último, suscitando um duplo processo de desligamento. O autor atenta que não são processos estáticos, mas dinâmicos, podendo passar de uma zona para a outra. Ressalta ainda que na zona de vulnerabilidade, pela fragilidade no apoio relacional e pelo trabalho precarizado, corre-se o risco de migrar para a zona de desfiliação. Segundo ele, a vulnerabilidade alimenta a desfiliação (Castel, 1997a, p.26).

Retomando as histórias à luz dessa perspectiva, tem-se a trajetória de Gustavo, que foi marcada pelo acolhimento institucional, dadas às dificuldades

de sua família e redes sociais de suporte. A narrativa de Gustavo sobre a vida em família, a vida institucional em um “abrigo” e na Fundação Casa mostram uma falta de lugar, uma permanente inconstância, um ir e vir. Uma fala em que não há lugar de afeto. A vida em família foi breve, sem a presença do pai e com poucos recursos.

A vida de Mariana se passou em três famílias acolhedoras diferentes, sendo que a construção da rede de suporte, depois da morte do pai e das dificuldades da mãe, se deu pelo apoio da igreja que frequentava. Foi através desta instituição que as famílias acolhedoras se apresentaram e optaram por não separar os três irmãos; fato raro já que um dos três irmãos era uma criança com deficiência.

Para Gustavo e Mariana, suas trajetórias de vida foram marcadas pela ruptura da família de origem, mas seus percursos se deram de maneiras distintas, mesmo sendo resultantes de um processo de vulnerabilização de sua sociabilidade familiar. Enquanto na vida de Gustavo houve ausência da rede de suporte, na vida de Mariana, ela aconteceu por meio da igreja e das famílias acolhedoras, que causaram impactos distintos em suas trajetórias. No caso de Mariana, foi através desse suporte que as dificuldades foram superadas e que se tornou possível construir caminhos a partir de suas escolhas. Dentre as incertezas e constantes mudanças que a vida lhe proporcionou, o rumo a ser seguido contou com as ancoragens necessárias. Já Gustavo, iniciou uma carreira institucional, alternando acolhimento institucional com medida socioeducativa em meio fechado, além do acompanhamento em semiliberdade e liberdade assistida.

A vulnerabilidade social também se fez presente nas histórias de Daniel e de Cleber, cujas famílias encontravam-se desempregadas ou em empregos precarizados. A história de Daniel foi marcada pela migração, sua família veio da Paraíba, acreditando na possibilidade de obter melhores oportunidades no mercado, embora, muitas vezes, em condições precárias. A

vulnerabilidade no caso de Cleber, se evidenciou no momento do desemprego do pai, que levou a necessidade do jovem começar a trabalhar aos doze anos.

Apesar das histórias serem singulares, elas representam a experiência de muitos jovens pobres brasileiros, que vivenciam dificuldades econômicas, violência, perdas ou separações familiares, além das violações de direitos que cotidianamente impactam seus trajetos. A questão do desemprego e do trabalho precarizado afeta milhões de jovens brasileiros. Como aponta Feltran (2007), esses são expostos às tensões que conformam a vida social; dada à precarização do trabalho e o desemprego dos pais, crianças e adolescentes são chamados a contribuir com a renda familiar. Assim, o trabalho infantil, a evasão escolar e a incursão na economia do crime acabam compondo as trajetórias desses jovens.

A vulnerabilidade social vivida por Gustavo e Mariana mostra-se mais preocupante pela possibilidade de se transformar em condição de desfiliação. Ambos jovens tiveram a sociabilidade familiar fortemente afetada e dependeram das políticas de proteção e acolhimento da época, que embora já definidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, ainda mantinham muito do caráter asilar e excludente marcante na história brasileira do acolhimento institucional à criança e ao jovem pobre.

Segundo Machado, por possuir caráter excepcional e provisório segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente,

o contexto do acolhimento institucional deve favorecer o desenvolvimento da criança, o que implica pensar num contexto de cuidado e proteção, mas também e concomitantemente, num contexto educativo (Machado, 2011, p. 160).

A Lei nº8.069 de 13 de julho de 1990 que dispõe sobre Estatuto da Criança e do Adolescente, garante no Art. 19 que “é direito da criança e do ado-

lescente ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral” (Brasil,1990).

Incluído pela Lei nº 12.010, de 2009, assegura o § 1º “Toda criança ou adolescente que estiver inserido em programa de acolhimento familiar ou institucional terá sua situação reavaliada, no máximo, a cada 6 (seis) meses, devendo a autoridade judiciária competente, com base em relatório elaborado por equipe interprofissional ou multidisciplinar, decidir de forma fundamentada pela possibilidade de reintegração familiar ou colocação em família substituta, em quaisquer das modalidades previstas no art. 28 desta Lei” (Brasil, 2009).

E na redação dada pela Lei nº 13.509, de 2017, no § 2º “A permanência da criança e do adolescente em programa de acolhimento institucional não se prolongará por mais de 18 (dezoito meses), salvo comprovada necessidade que atenda ao seu superior interesse, devidamente fundamentada pela autoridade judiciária” (Brasil, 2017).

As experiências de Gustavo e Mariana se passaram antes dessa revisão, sendo que Gustavo estava há pelo menos 8 anos acolhido, sem contato com sua mãe. Assim, sua vivência pessoal mostra os riscos da medida protetiva levar à ruptura total com a família. O modelo de abrigamento existente no Brasil vem sendo largamente criticado em sua história pelas inúmeras violações de direitos e pela ruptura da sociabilidade familiar. Foge do escopo deste trabalho, discutir se as mudanças recentes no estatuto legal do acolhimento familiar e institucional já têm produzido os efeitos desejados. Entretanto, as práticas

costumeiras do modelo de abrigamento que tem sido executado no país, sob o exemplo da história de Gustavo, faz com que o jovem passe a desenvolver todas as suas referências de sociabilidade em relação às instituições em que habita.

Assim, a vida de Gustavo foi se construindo a partir de suas vivências no abrigo, que em sua narrativa, permeavam quase todas as suas experiências. Portanto, nota-se que quando falava da escola, do tráfico, dos amigos, da namorada, da família, o abrigo estava presente, mostrando-se também relevante em sua trajetória como ponto de inconstância e de não pertencimento.

Gustavo atribui a si a responsabilidade de estar em acolhimento ou “dar trabalho”, associando essas experiências à culpabilização que fazia a si por seus erros e acontecimentos ao longo de sua vida. Manifestava assim a ideologia dominante que culpa a vítima, sem a devida crítica ao contexto de precariedade a que estava inserido e que produziu tal condição. Sua narrativa sobre as experiências de idas e vindas das instituições referiram mudanças abruptas sem preparação e comunicação familiar, apontando para o abrigo como um espaço de não proteção. Assim, todos os laços com sua família foram sendo gradualmente rompidos. Importante destacar, que não foi qualquer ação institucional ou medida política que tenta resgatar o laço familiar, mas a atitude de sua irmã mais velha que retomou o contato com a mãe e com os irmãos.

Gustavo transitou do abrigo para as instituições de medidas socioeducativas, em meio fechado e aberto. Nas instituições, foi buscando seu lugar e o tráfico pareceu o acolher e lhe dar uma posição de prestígio. A vivência na Fundação Casa foi experimentada como melhor do que a do abrigo, o que pode revelar algum acesso do jovem a bens e quiçá a alguns direitos. Já Daniel expressou sua passagem pela Fundação Casa como uma experiência ruim. Sentiu-se excluído da sociedade e tratado “na rédea curta, na disciplina”, uma experiência que acabou comparando com a convivência familiar, ao dizer que preferia estar em família, disciplinado por sua mãe.

Outro ponto a refletir baseia-se no acolhimento que o tráfico proporciona. Dentre tantas perdas e a necessidade de pertencimento, este é um lugar no qual os adolescentes marginalizados podem se sentir incluídos, o que retrata a experiência também de Gustavo.

Nas primeiras incursões ao “mundo do crime”, inclusive, um indivíduo desprotegido pela família pode reencontrar, ou acessar pela primeira vez na vida, uma comunidade protegida da sociedade em geral, na qual ele tem lugar e funções bem definidas e na qual se pode obter um ponto de partida determinado, e portanto uma mediação identitária clara, para suas relações sociais. Seu lugar no mundo, a partir do ingresso no crime, é claramente demarcado e inicialmente (especialmente antes da primeira institucionalização) confere dinheiro e *status* em diversos estratos de sociabilidade. Há regras claras de conduta (o “proceder”) e mais do que isso, nesta comunidade se pode ter a sensação subjetiva – ainda que instável, parcial e momentânea – de que sua sobrevivência material, ao menos imediata, está garantida. Não é à toa que os membros dessa comunidade passam a se chamar de “irmãos” (ou também de “manos”). A relação interna à comunidade reproduz nitidamente a função fraternal do núcleo familiar (Feltran, 2007, p. 180).

Mariana, ao ter sido encaminhada direto para acolhimento familiar junto com seus irmãos pode experimentar uma trajetória diferente. Embora os laços

com sua família de origem tenham sido rompidos, Mariana permaneceu com seus irmãos e encontrou afeto e suporte na família acolhedora. Ainda, ao assumir o papel de cuidadora do irmão deficiente, a jovem tomou para si o papel da manutenção do laço familiar.

Amizades e relacionamentos afetivos se revelaram como rede de apoio para os jovens entrevistados, mas também, reproduzindo o discurso dominante, como “má influência”. Daniel e Gustavo relataram que as amizades erradas influenciaram ambos a se envolverem com o crime. Mas referiram que os namoros abriram possibilidades de outras escolhas e estavam relacionados a bons momentos da vida. Gomes e Conceição (2014) mencionam na zona de sentido para os atos infracionais, o desejo de se inserir social e economicamente. Por outro lado, na ressignificação do envolvimento infracional, tal mudança revela a valorização dos vínculos afetivos em detrimento do status social.

Dayrell (2007) ao falar sobre a sociabilidade juvenil destaca que os amigos são referência na trajetória dos jovens; através deles, buscam formas de se afirmar perante o mundo como “eu” criando um “nós” distintivos, isto é, os amigos se constituem como espelho da própria identidade.

Daí, segundo o autor, a importância de se resgatar o sentimento de pertencimento dos jovens, que irá conduzi-los a participar de determinados grupos.

As histórias dos participantes possibilitaram conhecer seus percursos familiares e de vida, sob a marca da vulnerabilidade social, e sobre a importância dos relacionamentos afetivos e amizades para estes jovens.

Entretanto, Abramovay (2002) alerta para a importância de se desconstruir um sentido único de vulnerabilidade, reconhecendo que os processos contemporâneos geram outros posicionamentos sociais, isto é, novos perfis no mundo trabalho e não-trabalho. Para isto, propõe olhar a

questão social por diferentes planos. Menciona a existência da vulnerabilidade negativa, que atua como obstáculo para a vida em comunidade, a família e o indivíduo. Entretanto, aponta também para a necessidade de se reconhecer a vulnerabilidade positiva, isto é, aquela que possibilita a se aprender pelo vivido, a tecer formas de resistência e a lidar com os obstáculos e riscos de maneira criativa. Esta última, diz Abramovay (2002) ao fazer uso das ideias de Bourdieu (2001) sobre capital cultural, social e simbólico, pode levar trazer uma semente positiva de "um poder simbólico de subversão" (Bourdieu, 2001, p.15 apud Abramovay, 2002, p. 146). Assim, insiste na vulnerabilidade positiva do jovem, apostando na consciência crítica que busca saídas criativas e resiste, mesmo com as limitações de ser pobre (Abramovay, 2002). Sendo assim, conhecer e reconhecer as histórias da juventude pobre pode ser um recurso para se conhecer sua condição, se buscar alternativas e se vislumbrar oportunidades de mudanças.

6.2 A escola e suas (in) visibilidades

A escola, nas entrevistas realizadas, é um tema que se destaca por sua invisibilidade. Para Dayrell (2007), a escola tem sido alvo de debates, evidenciando uma crise da instituição escolar, na qual culpam-se os alunos pelo desinteresse e ao mesmo tempo, a escola por se mostrar distante dos interesses dos alunos, tornando-se mais uma obrigação e necessidade de diploma. Tal como apresentada nas narrativas, essa distância dos interesses ou invisibilidade aponta a necessidade de se pensar o lugar que ocupa em suas trajetórias. Gustavo enfatizou que ia para a escola, mas "matava aula" para usar drogas. Daniel não conseguia ficar em sala de aula e Cleber compara a escola ao "Carandiru", ou ao "*Big Brother*" pelo excesso de vigilância.

Para Dayrell (2007), essa problemática não se reduz aos jovens, que se sentem distantes da escola e nem à escola/professores, que ressaltam o desinteresse dos alunos, como uma análise linear, mas acredita que há tensões e desafios diretamente ligados à relação entre juventude e escola que são expressões de mutações profundas que vem acontecendo na sociedade ocidental e que afetam as instituições e os processos de socialização desses jovens, influenciando sua produção social nos tempos e espaços.

Stecanela discorre sobre a crise da escola e coloca em questão a obrigatoriedade e o direito de estudar.

O fator obrigatoriedade associado ao direito abala também a autoridade da escola e, em especial, os sentidos atribuídos a ela pelos jovens, agravando o tensionamento entre o campo da experiência e o horizonte de expectativas, pois as estruturas estáveis da escola tradicional fragilizam-se com as promessas e as incertezas da escola da modernidade (Stecanela, 2010, p. 46).

Cleber, Daniel e Gustavo expressaram suas dificuldades com a escola, tornando para alguns deles, impossível estar presente em sala de aula. A primeira sensação pode remeter a de invisibilidade da escola para o jovem, mas ao contrário, pode-se notar a invisibilidade do aluno para a escola. Não é à toa que a culpabilização pelo fracasso na escola impera as narrativas desses jovens. Freire ressalta o poder ideológico dominante de inculcar nos dominados a responsabilidade por sua situação, o que, em algum momento, torna-se sentimento de culpa por se encontrar em desvantagem.

Pessoas assim fazem parte das legiões de ofendidos que não percebem a razão de ser de sua dor na perversidade do sistema social, econômico, político em que vivem, mas na sua incompetência (Freire, 1996, p. 32).

São conhecidas as dificuldades que os jovens encontram na educação, em especial nas escolas públicas e mais ainda quando se trata de adolescentes em medidas socioeducativas. Muitas vezes fecham as portas ou os tratam com diferença. Para Alves (2013, p. 27), circulam na escola as mesmas representações sociais da sociedade a respeito do adolescente autor de ato infracional: medo, indiferença, hostilidade, dó, compaixão. Sendo assim, há a probabilidade do adolescente se apresentar como “problema”, com respostas agressivas ou intolerantes, assumindo o papel que lhe foi designado. Essa questão, como aponta Teixeira (2009) apud Alves (2013),

implica na compreensão de que a educação escolar é construída por processos históricos, culturais, econômicos, sociais, políticos, éticos e, também, psicológicos; sendo que na instituição escola identificamos todas as tensões, conflitos e antagonismos que estão presentes na convivência coletiva (Teixeira, 2009 apud Alves 2013, p. 28).

Curioso notar esse mesmo aluno que é invisível a escola, torna-se visível dentro da Fundação Casa, quando todos os alunos da sala de aula são como ele. Daniel ressaltou que a escola deveria ser como a Fundação Casa, reproduzindo o pensamento de ocupar o tempo do jovem para que este não se envolva com coisas erradas.

Nota-se nas narrativas dos jovens a predominância da reprodução do discurso hegemônico em relação ao sucesso escolar e consequente inserção no mercado de trabalho. Suas falas retratam a visão hegemônica de que a escola é a promessa de um futuro melhor, reduzindo a sua função à dimensão da certificação e consequente inserção no trabalho, de forma linear e causal (Dayrell e Jesus, 2016). Dayrell (2017) destaca que a condição

juvenil é marcada por múltiplos processos de socialização, que não se restringem a educação da escola e da família. Ao discorrer sobre as trajetórias, coloca-as entre tempos e espaços institucionais, de obrigação e normas, e intersticiais, da sociabilidade e do prazer (Dayrell, 2017).

Mariana, trouxe uma trajetória escolar diferente das trajetórias dos outros jovens, tendo concluído o Ensino Médio e cursado Ensino Superior. Na escola, participou de projetos que possibilitaram criar uma outra relação com a educação e vislumbrar projetos futuros de estudos. Merece questionamento o fato de Mariana ser a única que teve uma trajetória de sucesso escolar. Silva (2011) ao abordar Bourdieu, aponta que a educação exige uma “docilidade”, do latim “docilis”, que significa “que se deixa instruir”, e que é muito mais facilmente encontrada em meninas do que em meninos, o que nos remete a pensar sobre essa diferença no êxito escolar que sobressai entre o sexo feminino, pois exige-se uma maior disciplina, e evidencia-se também em relação ao ensino superior, ao maior acesso ao trabalho das mulheres, o que demonstra mudanças na visão da dominação masculina.

Desde cedo, há a tendência das meninas ajudarem mais nas tarefas domésticas, enquanto os meninos não possuem as mesmas responsabilidades. Culturalmente, se realça essa subordinação de gênero, tornando as meninas mais “educáveis”. Isso se confirma na história de Mariana, quando ela tornou-se responsável pelos cuidados do irmão com deficiência, de suas roupas e das compras da casa.

Contudo, a escola não se manifesta unicamente como espaço de con-

teúdo programático, mas também como espaço de convivência e outras aprendizagens. Vale salientar que Gustavo apontou a escola como espaço de encontrar a namorada, do acesso ao “facebook”, do encontro com os amigos e também dos conflitos com outros jovens. Cleber lembrou que o que mais marcou sua memória na escola foram as brincadeiras com os amigos. Já Mariana, destacou os projetos para além das disciplinas, mencionando espaços diferenciados da sala de aula, mas que propiciavam qualidade para leitura.

Para Pais (1993), a condição juvenil também possui uma configuração espacial. Não apenas nas escolas, mas na rua, em praças ou outros locais, que se tornam espaços com sentidos próprios. “Os jovens tendem a transformar os espaços físicos em espaços sociais, pela produção de estruturas particulares de significados” (Dayrell, 2007, p. 1112). Existem potencialidades nos espaços da educação não formal, ou como Stecanela (2011) utiliza a expressão *educação não escolar*, que se dão na espontaneidade, quando são construídas experiências ricas de aprendizagens e que ocorrem para além dos processos de educação formal, mas que há um vazio de comunicação entre esses conhecimentos.

Para Freire, é importante que haja espaços na escola para diálogo, para trocas, para que a verdadeira aprendizagem aconteça e, que assim, faça sentido para os alunos. Freire também reitera que a teoria seja acompanhada da prática e que a curiosidade seja impulso para o aprender. O autor atenta ainda que

o espaço pedagógico é um *texto* para ser constantemente “lido”, interpretado, “escrito” e “reescrito”. Neste sentido, quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no “trato” deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escolar (Freire, 1996, p. 38).

Além disso, Stecanela (2010), ao apontar as dificuldades encontradas na escola, afirma que os alunos não se formam mais apenas na aprendizagem proposta pela escola, mas também pela capacidade que têm de governar suas experiências escolares, em uma vertente subjetiva, que pode transformar os atores em autores de sua educação. A autora utiliza o termo “escola da vida” para se referir as aprendizagens que não se restringem às escolares. Daniel ao

fazer memória de suas experiências, concluiu que em alguns momentos era preciso “engolir alguns sapos”, aprendendo a lidar com situações difíceis na relação empregado/patrão. O jovem mostrou que viveu injustiças no trabalho, mas que também aprendeu e amadureceu.

Vale desconstruir a ideia de que os alunos são os únicos responsáveis pelo sucesso ou fracasso escolar e que a finalidade única da escola é a certificação. Revela-se a necessidade de alinhar interesses da escola e alunos e torna-se indispensável o olhar para a singularidade do aluno, ao mesmo tempo para a diversidade das juventudes que se apresentam. Faz-se necessário também uma escuta qualificada dos professores com relação às demandas dos alunos, discutir os projetos de vida, valorizar espaços de socialização tão necessários para a constituição das juventudes e promoção da autonomia. Para que teoria e prática façam sentido para os jovens, valorizar os espaços de aprendizagem para além da escola torna-se essencial.

6.3. Trabalho formal, informal, legal e ilegal: fronteiras tênues no acesso ao trabalho

As histórias orais dos jovens participantes da pesquisa têm no trabalho uma temática importante, ganhando particular destaque em algumas das narrativas. Percebe-se que o trabalho é central nas vidas desses jovens, uma vez que representa economicamente o acesso a bens materiais, e simbolicamente, sua integração na sociedade. Entretanto, suas falas não apenas colocam em questão a importância do trabalho, mas como as experiências de precarização impactam suas trajetórias.

As experiências dos participantes são semelhantes com a de vários jovens populares urbanos que iniciam suas experiências de trabalho em borracharias, oficinas de mecânica e lava-rápidos. Geralmente, com salários muito baixos e sem vínculo empregatício, executam tarefas simples possíveis para quem tem pouca idade e baixa escolaridade, às vezes sendo a única opção de trabalho disponível. Com frequência, a oportunidade se concretiza via o contato

por meio de conhecidos da família ou da vizinhança na tentativa de se obter uma experiência de trabalho.

Castel, ao analisar a nova questão social, enfatiza que “a precarização do trabalho permite compreender os processos que alimentam a vulnerabilidade social e produzem, no final do percurso, o desemprego e a desfiliação” (Castel, 1998, p. 516). O que antes era considerado quase-pleno-emprego, contrato indeterminado, foi sendo substituído por contratos determinados, flexibilidade, em especial dos trabalhadores mais jovens. No entanto, podemos dizer que as condições apresentadas nessas trajetórias vão além, retratando condições de extrema precariedade. Os jovens entrevistados descrevem sua experiência de trabalhos muito breves, sem nenhuma proteção ou vínculo empregatício como os conhecidos “bicos”.

Em empregos melhores, como em lojas, os jovens populares urbanos sofrem discriminação por sua classe social. São percebidos sob o estereótipo do jovem suspeito, revelado pela roupa que usa, o tênis e o boné, o corte de cabelo, o jeito de falar e a cor da pele. Daniel, por exemplo, tomou o cuidado para não cortar o cabelo “quadrado”, pois sabia que poderia se prejudicar. Ao ser ridicularizado na frente dos clientes, se defendeu, na tentativa de quebrar esse estereótipo, afirmando-se trabalhador. O senso de injustiça se faz presente em seu relato, embora também refira que essa experiência o ajudou a compreender a realidade. Realidade esta, que faz parte das experiências de inúmeros jovens no Brasil.

Ainda, há a participação em trabalhos considerados ilegais, como o tráfico, por exemplo, que são exercidos por um número grande de jovens brasileiros, em especial a população atendida pelo Comec.

A história de Daniel serve como exemplo da tênue fronteira entre o legal e o ilegal encontrada nas experiências de trabalho e de consumo presente no cotidiano nacional, e que aparece tanto no trabalho precário como no mercado “pirata”. Daniel trabalhava como motoboy, entregando marmitas,

mas não tinha carteira de habilitação. Ao relatar, ri de sua própria condição indicando como as fronteiras entre o legal e a infração são tênues para o jovem pobre em busca de emprego. Em suas palavras, o trabalho é “correto”, porém, sem habilitação. Mostra assim, como vive segundo o “jeitinho brasileiro”, às vezes o único modo que o jovem pobre encontra de sobreviver. Como outros jovens, a indicação para o trabalho partiu de sua rede de conhecidos.

Gustavo relatou sua primeira experiência de trabalho aos 13 anos. Seus primeiros trabalhos perpassaram pela economia informal, pelo que considerava correto e pelas vantagens e riscos que o tráfico de drogas oferecia. Além da experiência na oficina de mecânica, teve outras breves experiências em mecânica de motos e borracharia, sempre numa inserção precária e breve que destacam suas dificuldades de manutenção do trabalho. Aqui, novamente as contradições do lícito e do ilícito estão presentes. Gustavo, ao mesmo tempo que estava no tráfico, trabalhava informalmente em uma oficina de mecânica, ainda que com a intenção de obter experiência na legalidade, de considerar um trabalho “correto”.

Em sua narrativa, nota-se que a experiência no tráfico permeou um longo tempo de sua vida; assim como sua trajetória nos abrigos, sua ligação com o tráfico se alterna com idas e vindas. Relaciona sua participação no tráfico a períodos conturbados de sua vida em uma busca de se sentir valorizado novamente, sobretudo, porque o tráfico lhe trouxe uma posição de prestígio e confiança ao ocupar o cargo de gerente rapidamente.

Malvasi aponta que o tráfico de drogas se configura como uma possibilidade concreta de trabalho e renda para muitos jovens, fazendo parte da economia global, bem como “outros tantos circuitos por onde a riqueza social globalizada circula e produz valor, tornando indiscerníveis as diferenças entre emprego e desemprego, entre trabalho e não-trabalho” (Telles 2006, p.174 apud Malvasi, 2012, p.68). Indo além, para Malvasi, integra as tendências atuais de consumo, estilo de vida e valores dos jovens. Para este autor,

o tráfico se torna uma atraente possibilidade dada à “viração”, um mercado de fácil acesso, uma estrutura de oportunidades ilegais efervescente; um mercado que aceita os jovens de acordo com a especialização e características pessoais; o tráfico é um dos empregos mais acessíveis para jovens com pouca formação escolar (Malvasi, 2012, p. 246).

Entretanto, as punições impostas pelo tráfico envolvem violência e muitas vezes o pagar com a própria vida. No tráfico, os jovens colocam-se em risco, expõem-se às violências. “A fragilidade dos laços de pertencimento social cria uma espécie de inexistência do indivíduo no mundo legítimo que, em última instância, faz sentir que a morte seria apenas a confirmação dessa ausência” (Feltran, 2008, p.92).

Gustavo, colocou-se em risco e ao dever dinheiro para o chefe, foi informado por um amigo que estava ameaçado de morte. Seu relato sobre sua trajetória nas medidas socioeducativas em meio fechado e aberto também revelam tais consequências.

Segundo Broide (2015), as regras do tráfico são severas, reconhece o trabalho bem feito de um adolescente e até oferece “plano de carreira”. Permite o acesso a bens de consumo, dinheiro, visibilidade e reconhecimento pelos pares, além de capturar o imaginário de ter potência do jovem.

As narrativas dos jovens participantes da pesquisa compõem um outro universo de estudo que é o relativo às políticas de trabalho destinadas à juventude tal como o Programa de Aprendizagem Profissional (Brasil, 2000), também desenvolvido no COMEC durante 20 anos, do qual Mariana e Cleber participaram.

Segundo o Boletim de Aprendizagem Profissional (Ministério do Desenvolvimento Social, 2017), dados do Ministério do Trabalho e Emprego revelam que desde a entrada em vigor do Decreto 5.598/2005 até abril de 2017, o montante de 2.990.874 jovens foi alcançado pelo programa de Aprendizagem Profissional. De janeiro a abril de 2017, 143.372 mil jovens foram admitidos como aprendizes, o que é um índice alto e representa um número significativo de jovens sendo inseridos no mercado de trabalho como aprendizes em pouco

tempo. Entretanto, vale ressaltar a portaria 1005/2013 que traz alterações significativas, permitindo a contratação de aprendizes por um período menor (o contrato passa de 24 meses para a duração possível de 12 meses), acarretando em uma rotatividade maior, ou seja, se antes o jovem permanecia dois anos no programa, ele passa a se manter pelo período de um ano. Nessa época, Mariana e Cleber finalizaram seus contratos de aprendizes, sendo que o contrato de Cleber já previa o prazo de um ano.

Nunes e Fernandez (2016) salientam a importância das políticas de trabalho direcionadas à juventude, embora destaquem suas limitações em virtude de condições precárias de educação e trabalho que acabam excluindo muitos jovens na sociedade capitalista. Tais programas contribuem para a capacitação de jovens o que sugere que tais iniciativas devem continuar existindo, de modo a garantir alguma oportunidade social às juventudes que se encontram em maior desvantagem. Entretanto, há carência de estudos que verifiquem a verdadeira inserção no mercado de trabalho depois que o jovem finaliza programas desse tipo. Como bem mostra a história de Cleber, quando o jovem passa pelo Programa de Aprendizagem Profissional, obtém uma experiência formal no setor administrativo, mas depois dificilmente consegue se inserir na mesma área, recaindo ao jovem o ônus da busca do próprio emprego, conforme mostra Velasco (2012, apud Nunes e Fernandes, 2016).

A história de Cleber é emblemática. Sua trajetória é marcada pelo trabalho infantil, com início aos 11 anos, e por uma série de trabalhos precarizados. Começou fazendo entrega de marmitex, a pé ou de bicicleta, para ajudar uma amiga de sua mãe. Os outros trabalhos que seguiram foram através de vizinhos e da rede de conhecidos. Depois de cursar o Programa de

Aprendizagem Profissional do COMEC e obter experiência em empresa como auxiliar administrativo, encontrou dificuldades de se inserir no mercado novamente, e acabou trabalhando no mercado informal ou em cargos que não condiziam com a experiência que obteve.

Silva Junior e Mayorga (2014) enfatizam, sob a perspectiva da teoria do habitus de Bourdieu, que as noções de jovem pobre ou popular, além das atribuições aos termos, não representam a natureza do jovem, mas a condição social em que está inserido, independentemente de sua vontade, mas que compartilham valores, visões de mundo e oportunidades atravessadas por um sistema de disposições socialmente determinado, e que os coloca em desvantagem em comparação com outros grupos de jovens, considerados mais úteis e produtivos socialmente. Ao compreender que os jovens pobres estão imersos em um complexo sistema que produz lugares de inferiorização e articulados em torno do habitus de classe precarizado a que pertencem, corre-se o risco de naturalizar as limitações vivenciadas por eles, tornando individuais os problemas sociais. Nesse sentido, prevalece em alguns programas de aprendizagem profissional a visão da salvação do jovem, ao oferecer uma oportunidade para integrá-lo e adaptá-lo aos valores hegemônicos da sociedade.

A história de Mariana aponta que, dentre os quatro jovens participantes da pesquisa, foi quem mais se aproximou de um trabalho formal mais duradouro. Em sua trajetória, descreveu sua adesão aos projetos que as escolas iam oferecendo, os quais abriram oportunidades para se qualificar. No Programa de Aprendizagem Profissional do Comec, Mariana obteve experiência em empresa, na qual foi contratada como funcionária posteriormente. As

experiências de Mariana não a fizeram sentir preparada para concorrer ao vestibular de uma universidade pública. Seus interesses inicialmente a influenciaram na escolha do curso universitário de História em uma instituição de ensino superior privada, cuja mensalidade não estava ao seu alcance. Através do Prouni, conseguiu bolsa integral para o curso de Comunicação Institucional, que para Mariana, mostrava-se como oportunidade de crescer na empresa que estava trabalhando. Mesmo não sendo sua primeira opção, avaliou como possibilidade de crescimento profissional. Jovens que passam pelo Programa de Aprendizagem Profissional com frequência optam por um curso que tenha a ver com a experiência de aprendiz, vislumbrando a possibilidade de crescimento na empresa. Quando se destacam em sua função, são incentivados a estudar e permanecer na empresa. No caso de Mariana, sua chefe a convidou para voltar. Trabalho e faculdade andaram assim juntos na trajetória de Mariana, que ainda pensava em fazer o curso de História para futuramente dar aulas.

Mariana demonstrou ter realizado escolhas de acordo com as oportunidades que surgiam e com o que podia escolher. Assim, alternava o que gostaria, deveria ou poderia fazer, em um modo de decisão presente em sua trajetória. De acordo com Stecanella (2010), a pressão e o “dilema do tempo e paradoxo com a escolha”, levam os jovens a se reinventar cotidianamente, em um intenso processo de aprendizagem, “escolher e dar rumo ao desejado (mas quase nunca conquistado) através dos projetos de futuro, ou deixar rolar, de modo que o contexto determinasse o curso de suas vidas” (Stecanella, 2010 p.332).

Outro ponto a refletir nos remete novamente à questão de gênero, que se revela também na conquista e permanência das jovens do sexo feminino, não grávidas nos trabalhos formais. Nesta pesquisa, os jovens apresentados do sexo masculino tiveram início precoce no mercado de trabalho, enquanto Mariana obteve um percurso mais longo de estudos, o que lhe possibilitou experiências mais qualificadas para o mercado formal de trabalho e perspectivas mais condizentes com sua realidade.

Tratando-se da Aprendizagem Profissional, a ambiguidade também se faz presente, uma vez que reproduz o mercado excludente. Os jovens aprendizes ao iniciarem sua experiência de trabalho nas empresas, aproximam-se de uma vivência, a qual não teriam se não fosse o programa, mas que ao final, não conseguem se inserir de fato neste mesmo mercado. Para Dornelles et al (2016), há uma contradição nos programas de capacitação, que são elaborados para jovens em situação de vulnerabilidade social, mas que negam tal situação, ao oferecer-lhes cursos que não respondem à sua demanda imediata. Ademais, são culpabilizados pelo fracasso de inserção futura no mercado de trabalho. Sendo assim, esse mercado não oferece alternativas de trabalhos possíveis, melhores salários ou novas vagas, tornando esses programas distantes da realidade cotidiana dos jovens, garantindo somente a necessidade do capital.

Há que se pensar em políticas de trabalho que considerem a multiplicidade da juventude, as especificidades culturais e sociais desses jovens. As pesquisas de Dornelles et al (2016) e de Nunes e Fernandez (2016) apontam para a necessidade de se considerar qual o melhor momento para o ingresso desse jovem no mercado, partindo da necessidade de se ter em vista a

heterogeneidade das experiências com relação à escola e ao trabalho. Defendem que se deva preservar as necessidades aliadas aos direitos, respeitando as particularidades inerentes à condição juvenil.

O mercado de trabalho cada vez mais exigente torna-se também excludente. Faz-se necessário pensar em alternativas que aliem as experiências dos jovens à políticas específicas para o trabalho das juventudes. Os programas de capacitação, para não reproduzir o mesmo mercado excludente necessitam levar em consideração as demandas dos jovens. Paralelamente, a educação pode contribuir na construção de um caminho possível de acessar novas oportunidades.

6.4 Vida, oportunidades sociais, interesses e projetos

As histórias de vida são constituídas pelo desencadeamento de experiências vividas no passado, presente e futuro, buscando um sentido de continuum à diversidade de vivências pessoais (Maia e Mancebo, 2010). Para as autoras, na perspectiva de Velho (1999), os projetos individuais são desenvolvidos em torno dessa lógica, dessa noção de tempo, pressupondo que as condutas seque um determinado fim, com o intuito de dar sentido às experiências vividas. Ressaltam que os projetos “são elaborações e construções realizadas em função de experiências socioculturais, de vivências e de interações interpretadas, devendo ser, portanto, sempre relativizados” (Maia e Mancebo, 2010, p. 382).

Os quatro jovens em suas narrativas falam de seus projetos futuros. Todos eles almejam constituir família, ter uma casa, um trabalho, não diferente da maioria dos jovens brasileiros. Quando se pensa em transição para a vida adulta, é também a esses projetos que nos remetemos. De maneiras distintas, esses jovens vão construindo suas trajetórias de acordo com as oportunidades que lhes são oferecidas e com seus interesses. Sofrem as pressões do cotidiano provocadas pela situação social e preocupam-se com o futuro. Os tempos internos, às vezes contrastam com os tempos sociais, trazendo responsabilidades e vivências ainda cedo.

Gustavo estava em transição do acolhimento institucional para uma república, aprendendo a lidar com os desafios da vida de maneira mais autônoma. Mariana era cuidadora do irmão com deficiência, e também o incluiu em seus planos futuros.

Ao que parece, nem sempre foram ofertadas escolhas para esses jovens, que acabavam por seguir os caminhos possíveis. Para Stecanela “mesmo que se façam projetos de futuro, não há indicadores de que eles venham a se concretizar, mas, no percurso, eles vão alimentando e preenchendo o presente (Stecanela, 2010, p. 333).

Mariana descreveu o que gostaria de fazer e o que estava sendo possível de realizar. Em sua trajetória, Mariana relatou as oportunidades que obteve, tanto relacionadas aos cuidados da família, como dos projetos da escola, faculdade e trabalho. Ao mesmo tempo, a realidade em que se encontrava, não permitia, muitas vezes, concretizar o que desejava. Não conseguiu fazer a faculdade que gostaria, mas ainda gostaria de tentar.

Programas sociais como a Aprendizagem Profissional proporcionam uma importante experiência no mercado de trabalho, mas que, dada a situação geral da falta de trabalho para todos, os jovens que finalizam o programa, nem sempre conseguem se inserir formalmente neste mercado. Ainda que façam projetos pautados nesta experiência, como no caso de Cleber, pode ser que nunca venham a se concretizar. Stecanela (2010) ressalta a clareza que esses jovens têm de seus projetos de futuro e sonhos, e que estes não estão desligados de conflitos ou dificuldades, mas que as escolhas são pautadas pelo contexto social do qual fazem parte. “O cardápio de escolhas é variado, porém as oportunidades de fazer escolhas autônomas são restritas, o que afeta seus processos identitários” (Stecanela, 2010, p.335).

Pappámikail (2010) destaca a importância de conceituar a autonomia, já que esta é uma palavra atribuída com frequência às discussões de juventude e transição para a vida adulta. As discussões em torno do prolongamento da juventude como característica da contemporaneidade, têm trazido a necessidade de reflexão acerca da tríade autonomia/independência/liberdade. Primeiramente, a autora defende que as transições não são processos únicos da juventude, mas do sujeito em diversos momentos da vida. Além disso, sustenta

que os processos de independência e autonomia não necessariamente caminham simultaneamente, bem como a liberdade e a autonomia. É possível o jovem sentir-se autônomo, ainda que se dependa materialmente dos pais, ou seja, baseando-se em Singly (2000b; 2005), “os jovens não estariam dispostos a esperar pela independência financeira (cada vez mais tardiamente conquistada) para usufruir da sua autonomia, reivindicando-a ou assumindo-a na sua vivência quotidiana” (Pappámikail, 2010, p.403). Sendo assim, a autonomia está ligada à escolha, à decisão, mas que por vezes, o que impede o jovem de agir, é a falta de recursos adequados, o que pode interferir no processo de concretização da autonomia. Para Pappámikail, “a dependência material de muitos jovens das suas famílias pode inibir o reconhecimento público da sua autonomia (identitária), mas não impede a sua construção” (Pappámikail, 2010, p.404). Semelhante modo, a liberdade está relacionada à capacidade de agir sem constrangimentos, com recursos e poder necessários para concretizar a intenção de agir. A intenção pode ser autônoma, mas sem haver liberdade, seja por constrangimento material ou simbólico. As histórias narradas entrelaçam os conceitos apresentados, evidenciando a escassez de recursos em muitas delas para a efetivação dos processos de autonomia, independência e liberdade.

Os projetos de Gustavo, podem se destacar como o que não deu certo, a vida presente e projetos relacionados ao futuro distante. Como muitos outros adolescentes, ser jogador de futebol tornava-se alternativa de uma grande chance de dar certo na vida. O abrigo onde Gustavo estava acolhido, era de origem norte-americana, o que acabava reproduzindo o sonho (de muitos outros brasileiros também), de ganhar a vida nos Estados Unidos. Fazer uma faculdade para obter sucesso financeiro também se pauta na reprodução social de que é preciso estudar para garantir um bom futuro. Só depois de ser advogado é que seria possível abrir uma loja de carros. O projeto distante de sua realidade realça a ideia de que é preciso dar certo na vida e que esse dar certo tem a lógica do estudar, se possível nos Estados Unidos, ter uma

profissão e depois abrir o próprio negócio. “Tentar desde o zero” parte do princípio de que nenhum conhecimento adquirido até o momento seria válido para seu futuro. Como aponta a narrativa de Gustavo, para alguns jovens, os projetos se apresentam dissociados da realidade, que se traduzem mais como sonhos do que projetos. Não mostra um vínculo de causalidade entre presente e futuro, não tendo relação entre as escolhas presentes e concretização dos projetos (Sento-Sé e Coelho, 2014). Ainda, Gomes e Conceição (2014), enfatizam que o futuro é idealizado por resoluções mágicas.

Daniel trouxe um elemento importante em sua trajetória, a ilusão. O jovem refere ter se iludido com o crime, assim como descreveu que muitos outros jovens também são iludidos pelos bens materiais que poderiam ter acesso através do mercado ilícito. Alterna esta autocrítica com o uso indiscriminado e não identificado do lema do Primeiro Comando da Capital (PCC) - Paz Justiça e Liberdade. Tal uso não significa o envolvimento direto do jovem com essa facção, mas mostra como algumas expressões, gírias e sentidos do crime organizado vão sendo incorporadas culturalmente por muitos jovens que vivem nas periferias. Para Malvasi, “o PCC passou a sintetizar na fala dos jovens o processo de expansão do *marco discursivo do crime*⁴” (Malvasi, 2012, p. 97).

Daniel ainda enfatizou a necessidade da igualdade, indicando, de algum modo, que as oportunidades que são ofertadas a esses jovens, estão muito distantes da promoção de uma verdadeira justiça social. Frente à ilusão e ao real, Daniel sugere que a alternativa pode ser levar uma vida simples, de trabalhador, longe do isolamento da prisão.

⁴ Feltran define “marco discursivo” como uma “expansão que se nutre tanto das resignificações nas matrizes discursivas do trabalho, da família e da religião (e, portanto, do projeto de ascensão social familiar, que se individualiza), quanto da conformação de redes de relações sociais *entre* o lícito e o ilícito, que passam a disputar legitimidade com outros códigos de ordenamento social previamente existentes (trabalho, religião, direitos etc.)” (Feltran, 2008, p. 321).

Como muitos outros jovens, Cleber desejava crescer financeiramente e ser reconhecido pelo seu trabalho. Almejava ter sua própria casa, fez planos com sua namorada, mas reconhecia as dificuldades e barreiras que enfrentaria no futuro, diante das oportunidades que havia encontrado. Em relação aos seus interesses, Cleber falou sobre sua história com o clube da Ponte Preta, enfatizando sua importância em sua trajetória de vida. Começou a frequentar o campo nos dias de jogos para pegar latinhas, aos 12 anos. Ser convidado para assistir o jogo transforma o futebol em sua paixão. Além de ir aos jogos, Cleber passou a participar da torcida organizada, tornando-se responsável por “puxar” a arquibancada e por faixas e bandeiras. O jovem narrou com muita espontaneidade sua participação na torcida organizada, bem como o gosto pelas brigas, que iniciou na escola e se estendeu ao futebol. Enquanto muitos jovens manifestavam o gosto por jogar futebol e alimentavam o sonho de serem jogadores, Cleber manifestava sua satisfação em participar da torcida organizada e pertencer a este grupo. Para Pimenta,

a violência entre "torcidas organizadas" não está desarticulada dos aspectos político, econômico e sociocultural vivenciados nas relações individuais e grupais na sociedade brasileira contemporânea. Conseqüentemente, o estilo de vida dos jovens, aqui denominados de *novos sujeitos sociais*, não pode ser dissociado dos desdobramentos causados por esses traçados político-econômicos legitimados no "jogo" social (Pimenta, 2000, p. 123).

Segundo o autor, o fenômeno da torcida organizada é um fenômeno urbano, marcado pelo conflito entre os poderes econômico e social, no qual prevaleceu o interesse do capital, interferindo na identidade social dos jovens, ao expressarem-se por meio da negação do outro (enquanto ser social), da disputa e da violência prazerosa para com os grupos rivais. Aponta, por um lado, para um esvaziamento da noção de coletivo desses jovens. Por outro,

ressalta o sentimento de pertença a um grupo, que compartilha do mesmo gosto pelo futebol, dos valores da torcida, sem distinção de idade, origem social, gênero, etnia. Trata-se de um grupo diversificado e não apenas de jovens de classe menos favorecida, como se mostra nas mídias. Para Dayrell (1999), a convivência em grupos possibilita relações de confiança, coletivas e serve também de espelho para a construção das identidades individuais, levando os grupos de estilos a serem chamados também de grupos de atitudes compartilhadas.

Ao discorrer sobre projetos de vida na contemporaneidade, Dayrell menciona a ampliação de incertezas e do sentimento de riscos, inaugurando novas formas de temporalização. Sendo assim, neste cenário de incertezas, a busca de sentido é atrelada ao presente, eixo de tempo curto, que possibilitaria o seu controle. O tempo presente, seria então a única dimensão temporal disponível para a definição de escolhas, horizonte que inclui e substitui futuro e passado.

“O futuro deixa de ser uma fronteira a ser superada e um fim que orienta o presente, tornando-se um horizonte, descontínuo e dinâmico, numa fragmentação da experiência com o tempo” (Leão, Dayrell e Reis, 2011, p.1075) .

No caso dos jovens pesquisados, os quais se encontram em meio a desigualdades sociais, vislumbrar projetos futuros, pressupõe maiores obstáculos a serem enfrentados e limitações de acessarem oportunidades sociais. Podemos dizer que se apresentam para alguns, ora como ilusão, sonho distante, ora como meta real de ser alcançada, mas que vão se constituindo de acordo com a dinâmica da vida e se modificando quando preciso.

Para Velho (1994) os projetos individuais sempre interagem com outros projetos em um campo de possibilidades. O campo de possibilidades descontrói a ideia de meritocracia, de que os indivíduos são os únicos responsáveis por seus sucessos e fracassos. Trata-se das alternativas possíveis de serem desejadas no contexto sociocultural em que estão inseridos. Segundo Velho, “os projetos , como as pessoas, mudam. Ou as pessoas mudam através de

seus projetos. A transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente” (Velho, 1994, p.48).

Vale, por fim, lembrar que as trajetórias não são constituídas linearmente, que podem se transformar e que dependem do campo de possibilidades, sendo assim, é possível afirmar que as escolhas realizadas relacionam-se com os projetos, e conformam-se com as oportunidades sociais.

VII CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar juventudes e a perspectiva dos jovens acerca do processo de transição para a vida adulta, por meio de suas trajetórias de vida, possibilitou conhecer a singularidade de suas histórias, os modos como vivenciam suas experiências, representantes da realidade de outros jovens pobres brasileiros.

Foi possível constatar que a difícil busca pela autonomia, por oportunidades sociais e as fragilidades do acesso a direitos trouxeram impactos importantes nos percursos dos jovens estudados, a medida em que as vidas destes jovens se encontravam marcadas pelos contextos de vulnerabilidade social a que estavam associadas, seja pelas rupturas na sociabilidade familiar ou pela precarização do trabalho, pelas dificuldades encontradas na escola ou incertezas com relação ao futuro. As trajetórias de vida revelaram que variam conforme o grau de vulnerabilidade vivido pelos jovens e das oportunidades que surgem em seus percursos, apresentando-se de maneiras distintas frente aos processos de vulnerabilidade por eles vividos.

Importante também destacar que, por meio das falas dos participantes da pesquisa, foi possível reconhecer que a aprendizagem acontece principalmente

através de suas experiências de vida, para além daquelas oferecidas pela escola e pelo trabalho. O presente estudo, ao evidenciar o entrecruzamento do trabalho legal e ilegal, formal e não formal, revelou a complexidade da realidade brasileira com relação aos jovens pobres e o acesso ao trabalho no contexto de precarização em que se encontram no contemporâneo. O estudo também corroborou para a compreensão da não linearidade das trajetórias, das idas e vindas nas histórias dos jovens, dos processos labirínticos e do devir. Em meio ao amplo leque de escolhas a que os jovens são apresentados no contemporâneo, a velocidade das mudanças e a relação com o tempo, a reversibilidade e a incerteza, são elementos que compõem seus trajetos, ao mesmo tempo, que se deparam com o campo de possibilidades que por vezes delimitam essas escolhas. Os jovens podem assim experimentar uma sensação de autonomia, embora não apresentem independência financeira. Por outro lado, se as oportunidades sociais muitas vezes podem corroborar para a concretização da autonomia, frequentemente a escassez de recursos materiais não permite sua efetivação. Assim, expectativas e realidade, muitas vezes não caminham juntas. Em contextos de vulnerabilidade e de importante pressão econômica e social, alguns desses jovens frente a falta de possibilidades pessoais, sociais ou políticas, contam apenas com o recurso da ilusão como possibilidade de acreditar no futuro.

Há que destacar a importância da metodologia da história oral de vida e temática, bem como o uso de fotografias, em futuros estudos com jovens. Estes recursos metodológicos, ao convidarem os jovens a pensar sobre suas histórias de vida, os levaram a pensar sobre seus futuros, gerando um processo autorreflexivo sobre suas trajetórias. Esta é uma oportunidade singular para que comecem a considerar o impacto das condições sociais e culturais em suas vidas, o que pode ajudar a desconstruir a culpabilização que, às vezes, fazem de si próprios, por não conseguirem atingir o sucesso, produzido no ideário contemporâneo. Ao mesmo tempo, a imersão em suas histórias permitiu o aprofundamento de questões emergentes das juventudes, das (in) visibilidades na escola, da necessidade de se vincular os projetos de vida com as experiências escolares e de trabalho. Indo além, as narrativas também possibilitaram compreender como os jovens percebem o mundo, dão sentido às

suas escolhas e como constroem suas experiências e vivências para a vida adulta. O compartilhar dessas histórias pode ser, portanto, relevante para a compreensão do entrelaçamento entre os modos de viver, que são pessoais e subjetivos, com o que é produzido social e politicamente, portanto, com aquilo que é ao mesmo tempo singular e coletivo.

Por fim, estudos dessa ordem possibilitam compreender os contextos em que os jovens estão inseridos, suas experiências e seus modos de vida. São necessários já que podem contribuir para a formulação de políticas públicas que venham ao encontro das necessidades e anseios juvenis, levando-se em consideração sua heterogeneidade. Políticas que valorizem o estudo e o trabalho não precário, autonomia e oportunidades sociais, o acesso a direitos, condições dignas de vida e a possibilidade de produção de futuros. Estas são condições centrais nas histórias de vida apresentadas, bem como na de milhares de jovens brasileiros.

A possibilidade de mergulhar nas histórias trazidas pelos jovens, enquanto pesquisadora, despertou importantes reflexões sobre as experiências da juventude no contemporâneo. As interpretações levantadas nesta pesquisa são apenas aberturas para novas interpretações e novos estudos acerca da juventude brasileira.

VIII. ANEXOS

Anexo A

APROVAÇÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em sessão de 20/05/2015, **APROVOU** o Protocolo de Pesquisa nº 168/15 intitulado: “**JUVENTUDES E TRAJETÓRIAS DE JOVENS POPULARES URBANOS: AUTONOMIA, OPORTUNIDADES SOCIAIS E ACESSO A DIREITOS**” apresentado pelo Departamento de FISIOTERAPIA, FONOAUDIOLOGIA E TERAPIA OCUPACIONAL

Cabe ao pesquisador elaborar e apresentar ao CEP-FMUSP, os relatórios parciais e final sobre a pesquisa (Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466/12, inciso IX.2, letra "c").

Pesquisador (a) Responsável: Sandra Maria Galheigo

Pesquisador (a) Executante: Tâmara Harumi Yamagute

CEP-FMUSP, 21 de Maio de 2015.

Prof. Dr. Roger Chammas
Coordenador
Comitê de Ética em Pesquisa

Anexo B

FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA OU RESPONSÁVEL LEGAL

1. NOME:

DOCUMENTO DE IDENTIDADE Nº: SEXO: .M ☐ F ☐

DATA NASCIMENTO:/...../.....

ENDEREÇO Nº APTO:

BAIRRO: CIDADE

CEP: TELEFONE: DDD (.....)

2. RESPONSÁVEL LEGAL

NATUREZA (grau de parentesco, tutor, curador etc.)

DOCUMENTO DE IDENTIDADE : SEXO: M ☐ F ☐

DATA NASCIMENTO:/...../.....

ENDEREÇO: Nº APTO:

BAIRRO: CIDADE:

CEP: TELEFONE: DDD (.....)

DADOS SOBRE A PESQUISA

1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA Juventudes e trajetórias de jovens populares urbanos: autonomia, oportunidades sociais e acesso a direitos

PESQUISADOR : Prof.a Dra. Sandra Maria Galheigo

CARGO/FUNÇÃO: Docente INSCRIÇÃO CONSELHO REGIONAL Nº 256/TO – 3ª região

UNIDADE DO HCFMUSP: Faculdade de Medicina

3. AVALIAÇÃO DO RISCO DA PESQUISA:

RISCO MÍNIMO ☒RISCO MÉDIO ☐RISCO BAIXO ☐RISCO MAIOR ☐

4. DURAÇÃO DA PESQUISA : 25 meses

FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Essas informações estão sendo fornecidas para sua participação voluntária neste estudo, que visa estudar e refletir sobre as trajetórias de jovens populares urbanos de 18 a 24 anos no que se refere à construção de sua autonomia frente à suas oportunidades sociais e o acesso a direitos.

Neste estudo serão colhidas, por meio de entrevistas, as histórias de vida de jovens populares urbanos egressos de Medidas Socioeducativas de Liberdade Assistida ou Prestação de Serviços à Comunidade ou Programa de Aprendizagem Profissional do Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas – COMEC. Para conhecer e compreender essas trajetórias a pesquisadora buscará saber sobre como são construídas as experiências, a partir das perspectivas desses jovens, no que se refere às escolhas, desafios, oportunidades sociais e o acesso a direitos.

Sua participação nesta pesquisa, não envolve riscos, já que consistirá em responder às perguntas realizadas durante a entrevista, e que poderá acontecer em dois ou três encontros de aproximadamente 1 hora cada. Caso haja algum desconforto ela poderá ser interrompida ou ter suas perguntas modificadas. Esta entrevista será gravada e depois passada para uma versão escrita. A pesquisadora irá lhe apresentar sua entrevista depois de escrita, para que possamos saber se você concorda ou solicita alguma mudança em seu conteúdo. O estudo de sua entrevista ocorrerá sem que se faça qualquer julgamento de valor ou exposição pessoal em relação às situações que trouxe. Em seguida, as gravações em áudio serão destruídas.

Sua privacidade será assegurada, uma vez que seu nome será substituído e nenhuma informação que o identifique será utilizada. Sua identidade permanecerá em sigilo na análise e na apresentação dos resultados da pesquisa e, sua imagem e dignidade não serão comprometidas de nenhuma forma.

Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação é voluntária, isto significa que a qualquer momento você pode se recusar a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em relação a sua pessoa e a Instituição que frequenta.

Você não terá nenhum custo ou receberá quaisquer compensações financeiras. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionados à sua participação. Embora esse estudo não vá trazer benefícios diretos para você, a sua participação irá auxiliar na compreensão da experiência da sua trajetória de vida. Dessa forma, as contribuições do trabalho serão gerais em torno do tema estudado, e a pesquisadora responsável se compromete a socializar os resultados da pesquisa para que esses objetivos sejam alcançados.

Você poderá solicitar às pesquisadoras, todo e qualquer esclarecimento que for necessário, no decorrer do estudo. A principal investigadora é a Prof.^a Dr.^a Sandra Maria Galheigo que pode ser encontrada no endereço Centro de Docência e Pesquisa, Rua Cipotânea 51, Cidade Universitária, Laboratório ACCALANTO, tel: (11) 3091-8435. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (CEP-FMUSP): Av. Dr. Arnaldo, 251 - Cerqueira César - São Paulo - SP -21º andar – sala 36- CEP: 01246-000 Tel: 3893-4401/4407 E-mail: cep.fm@usp.br

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo “Juventudes e trajetórias de jovens populares urbanos: autonomia, oportunidades sociais e acesso a direitos”.

Eu discuti com a Dr.^a Sandra Maria Galheigo e com a pesquisadora Tâmara Harumi Yamagute sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido, ou no meu atendimento.

Assinatura do paciente/representante legal

Data ____ / ____ / ____

Assinatura da testemunha

Data ____ / ____ / ____

para casos de pacientes menores de 18 anos, analfabetos, semi-analfabetos ou portadores de deficiência auditiva ou visual.

(Somente para o responsável do projeto)

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste paciente ou representante legal para a participação neste estudo.

Anexo C

Autorização de direito de uso de imagem

Eu, _____
 Nacionalidade, _____ Estado Civil, _____
 _____ Nascido em ____/____/____, Profissão
 _____, residente e domiciliado na cidade de
 _____, Estado de _____, na (Rua e Av.)
 _____, portador da Cédula de Identidade RG
 nº _____ Órgão Expedidor, _____ e inscrito no CPF
 sob nº _____, autorizo Tâmara Harumi Yamagute a
 fazer uso da imagem pessoal (fotos) na pesquisa “Juventudes e trajetórias de jovens
 populares urbanos: autonomia, oportunidades sociais e acesso a direitos”, desde que
 eu não seja identificado.

Para fiel cumprimento, declaro veracidade e isento a pesquisadora de qualquer
 responsabilidade ou indenização por danos que possam eventualmente acontecer.

Campinas, _____.

 Assinatura

ANEXO D

Universidade de São Paulo – USP,
Faculdade de Medicina,
Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional,
Ilma. Profa. Dr^a Sandra Maria Galheigo.

Assunto: Autorização de Pesquisa Aluna Tâmara H. Yamagute.

O CENTRO DE ORIENTAÇÃO AO ADOLESCENTE DE CAMPINAS-COMEC, inscrita no CNPJ (MF) n. 51.876.357/0001-79, com endereço à Rua Abolição, n. 92, Ponte Preta, Campinas/SP, 19-32341749, Organização da Sociedade Civil (OSC) de Assistência Social, em resposta à correspondência e solicitação datada de 17/03/2015, vem, respeitosamente a presença de V.Sa., a fim de:

1. Aceitar e autorizar que a aluna do programa de pós-graduação realize sua pesquisa acadêmica nas dependências e junto aos usuários da OSC;
2. Por ser a aluna, também colaboradora contratada da OSC, sua pesquisa sempre ocorrerá fora da jornada diária de trabalho e jamais contará como horas suplementares;
3. Nas atividades de pesquisa, elaboração e divulgação de sua tese, a aluna deve citar a OSC como referência e fonte dos dados coletados;
4. Por fim, deve comprometer-se ao cumprimento das regras éticas de sigilo e preservação da identidade dos (as) entrevistados (as), em estrito respeito ao Princípio do Direito ao Esquecimento e ao Segredo de Justiça conferido às Medidas Socioeducativas;

Campinas, 25 de março de 2015.

Marili Foltran

Coordenadora Geral do COMEC

1

IX. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, V. A escola e o adolescente sob medida sócio-educativa em meio aberto. *Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade*; 2010: 3, 23-35.

BENJAMIN, W. O Narrador, Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense; 1994.

BOURDIEU, P. A “juventude” é apenas uma palavra, *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada; 1983a: 112-121.

BOURDIEU, P. A Ilusão biográfica In: *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1996: 182-191.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8069 de 13 de julho de 1990. Brasília, Diário Oficial da União 16.7.1990.

BRASIL. Estatuto da Juventude. Lei 12.852 de 05 de agosto de 2013. Brasília, Diário Oficial da União 6.8.2013.

BRASIL. Lei do Aprendiz. Lei 10.097 de 19 de dezembro de 2000.

BRASIL. Lei 12.010 de 03 de agosto de 2009. Dispõe sobre adoção; altera as Leis nºs 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente.

BRASIL. Lei 13.509 de 22 de novembro de 2017. Dispõe sobre adoção e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente)

BROIDE, J, BROIDE EE. A psicanálise em situações sociais críticas, metodologia clínica e intervenções. São Paulo: Editora Escuta; 2015.

CALDAS, AL. Cápsula narrativa em história oral. São Paulo: Oralidades: *Revista de História Oral*, 2009; 5: 49-76.

CALDAS, AL. Oralidade, texto e história: para ler a historia oral. Editora Loyola: São Paulo; 1999.

CASTEL, R. As armadilhas da exclusão. In: Belfiore-Wanderley et al. *Desigualdade e a questão social*. São Paulo: EDUC, 1997.

CASTEL, R. A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade a desfiliação. Salvador: Caderno CRH 26/27, 1997; 19-40.

CASTEL, R. A nova questão social. In: As metamorfoses da questão social – uma crônica do salário. Petrópolis: Editora Vozes, 1998; 495-591.

CASTRO, MG. ABRAMOVAY, M. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violência. São Paulo. Cadernos de Pesquisa 2002;(116),143-176.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação. 2003; 24: 40-52.

DAYRELL, J. A juventude no Brasil. SESI: 1999; 30: 25-39.

DAYRELL, J,. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. Campinas: Educação e Sociedade, 2007; 28(100): 1105-1128.

DAYRELL, J. JESUS, R. Juventude, ensino médio e os processos de exclusão escolar. Campinas: Educação e Sociedade, 2016; 37(135): 407-423.

DELL AGLIO, DD et al. Infração juvenil feminina: uma trajetória de abandonos. Curitiba: Interação. 2004; 8(2):191-198.

DORNELLES, AE, et al. Juventude latino-americana e mercado de trabalho: programas de capacitação e inserção. Florianópolis: R. Katálisis. 2016;19(1): 81-90.

FELTRAN, G. Fronteiras de Tensão, um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo. [Tese]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2008.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia, Saberes necessaryes à prática educativa, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FURLONG, A . and CARTMEL, F. Young People and Social Change, new perspectives: London: Open University Press; 2007.

GOMES, CC, Conceição, MIG. Sentidos da trajetória de vida para adolescentes em medida de liberdade assistida. Maringá: Psicologia em Estudo. 2014;19(1): 47-48.

GONCALVES, RC, Lisboa, TK. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida, Florianópolis: Rev. Katálisis, 2007;10(esp): 83-92.

GUIA do Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente. Campinas: FEAC, 2015.

Guia da Juventude, Campinas: FEAC, 2015. Disponível em http://www.guiadajuventude.org.br/docs/Anexo_1_-_Paulo_Daniel.pdf Acesso em: 04/05/2015.

HOLANDA, F. Construção de narrativas em história oral: em busca dos narradores plenos. São Paulo: Oralidades: Revista de História Oral 2009; 5: 15-32.

JANOTI, MLM. Refletindo sobre História Oral: procedimentos e possibilidades, (Re)introduzindo a História Oral no Brasil (Org.) Meihy, JCSB. São Paulo: Xamã; 1996.

KOSSOY, B. Construção e Desmontagem da Imagem Fotográfica: Relembrando Influências, Revisitando Conceitos, Os tempos da fotografia o efêmero e o perpétuo. São Paulo: Ateliê; 2004.

KOSSOY, B. Realidades e ficções na trama fotográfica. Cotia: Ateliê; 2002; 3.

LANG, ABSG. História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta, (Re)introduzindo a História Oral no Brasil. (Org.) Meihy, JCSB. São Paulo: Xamã; 1996.

LEÃO, G. et al. Juventude, projetos de vida e ensino médio. Campinas: Educação e Sociedade, 2011;32(117): 1067-1084.

LEITE, MLM. Texto visual e texto verbal. (Orgs) Feldman-Bianco, B; Leite, M. Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papirus, 1998.

MAIA, AARM, MANCEBO, D. Juventude, trabalho e projetos de vida: ninguém pode ficar parado. Brasília: Psicologia Ciência e Profissão. 2010;30(2): 376-389.

MALFITANO, APS et al. Um relato de vida, um caminho institucional: juventude, medicalização e sofrimentos sociais. Botucatu: Interface Comunicação Saúde Educação, 2011;11(38):701-714.

MALVASI, PA. Interfaces da vida loka: Um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e violência em São Paulo. [Tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2012.

MARTINS, JPS. Feac, Biografia de um Pacto Social, Campinas: Editora Átomo, 2005.

MARTINS, JPS. Feac 50 anos: uma história de inovação e solidariedade, Campinas: Arte Escrita, 2014.

MATSUKURA, TS et al. Situações estressoras e fatores protetivos: percepções de meninas adolescentes que cumprem medidas socioeducativas. São Paulo: O mundo da Saúde, 2013;37(1);25-34.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais, Juventude e Contemporaneidade, Brasília: UNESCO; MEC; ANPed; 2007.

MEIHY, JCSB. História Oral: um locus disciplinar federativo, (Re)introduzindo a História Oral no Brasil. (Org.) Meihy, JCSB. São Paulo: Xamã; 1996.

MEIHY, JCSB, RIBEIRO, SLS. Guia prático de história oral para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto; 2011.

MEIHY, J. C. S. B & HOLANDA, F. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2ª ed; 2014.

MINAYO, MCS. O desafio do conhecimento Pesquisa qualitativa em saúde. 13a edição. São Paulo: Hucitec Editora; 2013.

MINISTERIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL, Boletim da Aprendizagem Profissional, 2017. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Oficina_Socioaprendizagem_Suas/Apresentacao_Ministerio_do_Trabalho_Emprego_2.pdf Acesso em: 27/01/2018.

MOREIRA, MIC. Os impasses entre o acolhimento institucional e o direito à convivência familiar. Belo Horizonte: Psicologia e Sociedade, 2014;26(spe2):28-37.

Nunes, MBA, Fernandez, CB. Estado, sociedade e políticas de trabalho e emprego voltadas para os jovens do Brasil. Florianópolis: R. Katálisis, 2016; 19(1): 64-72.

Ogido, R, Schor N. A jovem mãe e o mercado de trabalho. São Paulo: Saúde e Sociedade, 2012; 21(4):1044-1055.

PAIS, JM. Culturas Juvenis, 2ª. Ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

PAIS, JM. Introdução (Traçado do estudo). PAIS, J. M. (Org.) Traços e riscos de vida. 2ª. Ed, Porto, Portugal: Âmbaar, 2005; 11-26.

PAIS, JM. A juventude como fase da vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. São Paulo: Revista Saúde e Sociedade, 2009;18(3): 371-387.

PALUDO, SS, KOLLER, SH. Resiliência na rua: um estudo de caso. Brasília: Psicologia: teoria e pesquisa, 2005; 21(2):187-195.

PAPPÁMIKAIL, L. Juventude(s), autonomia e Sociologia: questionando os conceitos a partir do debate acerca das transições para a vida adulta. Porto: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010; XX; 395-410. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=426539981021> Acesso em: 24/01/2018.

PIMENTA, CAM. Violência entre torcidas organizadas de futebol, São Paulo: Perspectiva. 2000;14(2): 122-128.

PIMENTA, MM. “Ser jovem” e “Ser adulto” : Identidades, Representações e Trajetórias. [Tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2007.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na História Oral, (Orgs) Perelmuter M.A., Antonacci. Ética e História Oral - Projeto História, São Paulo: Educação, 1997; 15:13-33.

RAMOS, S. Trajetórias no tráfico: jovens e violência armada em favelas cariocas. Rio de Janeiro: Trivium, 2011; 3(2):41-57.

SAFRA, G. Desvelando a memória do humano: O brincar, o narrar, o corpo, o sagrado, o silêncio. São Paulo: Edições Sobornost, 2006.

SENTOSÉ, JT, COELHO, MC. Sobre errâncias, imprecisões e ambivalências: notas sobre as trajetórias de jovens e sua relação com o mundo do crime. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, 2014;20(42):327-357.

SETTON, MGJ. Uma introdução a Pierre Bourdieu: Revista Cult Uol, 2010. Disponível em <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/uma-introducao-a-pierre-bourdieu/> . Acesso em 12/10/2015.

SILVA, CR. Percursos Juvenis e Trajetórias Escolares: vidas que se tecem nas periferias da cidade. [Tese] São Carlos: Universidade Federal de São Carlos; 2011.

SILVA JUNIOR, PR, MAYORGA, C. Experiências de jovens pobres participantes de programas de aprendizagem profissional. Belo Horizonte: Psicologia e Sociedade, 2016; 28(2); 298-308.

SIQUEIRA, LAR, TAVARES, GM. O menino que queria ser gente: Um estudo da história de vida de adolescentes em conflito com a lei. Rio de Janeiro: Estudos e Pesquisas em Psicologia, 2013;13(3):1039-1067.

SOUZA, CZVG. Juventude e contemporaneidade: possibilidades e limites, Porto Alegre: Última década, 2004;12(20)47-69

SOUZA, MMS, SANTOS, JAM. O processo de desvinculação de um adolescente com a prática infracional, a partir do cumprimento de medida socioeducativa privativa de liberdade. São João del-Rei: Pesquisas e Práticas Psicossociais, 2010;5,(2): 216-226.

STECANELA, N. Jovens e Cotidiano: Trânsitos pelas Culturas Juvenis e pela Escola da Vida, Caxias do Sul: Educs, 2010.

TAKEITI, BA. Juventudes, subjetivações e violências: inventando modos de existência no contemporâneo. [Tese], São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2014.

THOMPSON, P. A voz do passado, História Oral. 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

THOMSON, R. A biographical perspective, Understanding Youth: perspectives, identities and practices, London: Open University; Sage Publications, 2007.

UNESCO (2004). Políticas públicas de/para/com juventudes. Brasília: UNESCO.<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/1325/1879> Acesso em: 12/10/2015.

VELHO, G. Trajetória individual e campo de possibilidades in Projeto e Metamorfose, Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994; 31-48.

WEISHEIMER, N. A construção social da juventude, In: Sociologia da Juventude, Curitiba: Intersaberes, 2013; 13.